



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDC) – CAMPUS XI –
SERRINHA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* – MESTRADO
PROFISSIONAL EM INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL (MPIES)

MARIANA AMADO ALVAREZ COELHO

**MULHERES EMPREENDEDORAS SOCIAIS NUMA FEIRA LIVRE DO
RECÔNCAVO BAIANO: UMA PROPOSTA INTERVENTIVA**

Serrinha – BA

2021

MARIANA AMADO ALVAREZ COELHO

**MULHERES EMPREENDEDORAS SOCIAIS NUMA FEIRA LIVRE DO
RECÔNCAVO BAIANO: UMA PROPOSTA INTERVENTIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social da Universidade do Estado da Bahia *Campus XI*, no âmbito da Linha de Pesquisa Novos Contextos de Aprendizagem, como requisito para obtenção do título de Mestre em Intervenção Educativa e Social.

Orientadora: Dra. Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

Serrinha – BA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Maria Claudete Marques Barbosa Estrêla
CRB 5 /806

C672 **Coelho, Mariana Amado Alvarez**

Mulheres empreendedoras sociais numa feira livre do recôncavo baiano: uma proposta interventiva: uma proposta interventiva / Mariana Amado Alvarez Coelho. - Serrinha, 2021.

118 fls : il.

Orientador(a): Dra. Sandra Célia Coelho Gomes da Silva. Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós Graduação em Intervenção Educativa e Social - MPIES, Campus XI. 2021.

1. Empreendedorismo social. 2. Empreendedorismo social – Mulheres. 3. Mulheres - Feiras livres. 4. Identidade de gênero. I. Silva, Sandra Célia Coelho Gomes da. I. Universidade do Estado da Bahia.

CDD 658.42

FOLHA DE APROVAÇÃO

"MULHERES EMPREENDEDORAS SOCIAIS NUMA FEIRA LIVRE DO RECÔNCAVO BAIANO: UMA PROPOSTA INTERVENTIVA"

MARIANA AMADO ALVAREZ COELHO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu
MESTRADO PROFISSIONAL EM INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL –
MPIES, em 20 de dezembro de 2021, como requisito parcial para obtenção do
grau de Mestra em Intervenção Educativa e Social pela Universidade do Estado
da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Prof. Dr. Sandra Célia Coelho Gomes da
Silva Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Ciências da Religião (PUC-Goiás)
Orientador



Prof. Dr. Everton Nery Carneiro
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Teologia (EST)
Examinador Interno



Prof.ª Dr.ª Rosemary Francisca Neves Silva
Pontifícia Universidade
Católica de Goiás – PUC-
Goiás Doutorado em Ciências
da Religião (PUC-Goiás)
Examinador Externo

Aprovada em: 20/12/2021

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um ato de reconhecimento àqueles que contribuíram de muitas formas para que este trabalho fosse concluído. Assim, agradeço primeiramente a Deus, pela vida, sabedoria, fé e proteção “Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas estarás seguro; a sua verdade será o teu escudo e broquel” (SALMO 91:4). Até aqui me ajudou o Senhor! Obrigada meu Deus!

Agradeço à minha família pelo apoio incondicional. Aos meus pais, Lígia e Alvarez, pelo amor e incentivo. À minha irmã, Luciana por acreditar no meu potencial. Ao meu esposo João, pela compreensão e paciência durante esta caminhada. Aos nossos filhos, Pedro e Maria Clara, minha inspiração para prosseguir sempre lutando. A Helena, uma mulher forte, que sempre orou por mim, sem oração e fé não chegaria até aqui. Ao querido aluno Ricardo Costa, pela troca de saberes e diálogos.

Quero agradecer também à instituição em que atuo profissionalmente, a Faculdade de Ciências e Empreendedorismo (FACEMP) pela confiança no meu trabalho e parceria de longa data. Aos colegas de profissão, os professores: Fernanda Fonseca, Josiene Oliveira, Antônia Barreto, Carlos Eduardo, Leonardo Ferraz, Ana Virgínia e Jussara Soares.

A todos os meus colegas da turma II do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social, em especial a Carla Alencar, Joice Amorim, Karina Macêdo e Tanísia Nascimento, pessoas que se tornaram mais do que colegas, hoje as considero grandes amigas que conquistei nessa jornada acadêmica. Gratidão à todas vocês pelo companheirismo, atenção e apoio mútuo nos momentos de estudo.

À minha professora orientadora Dra. Sandra Célia Coelho Gomes da Silva pela partilha de conhecimentos durante este percurso formativo.

Às mulheres feirantes que colaboraram com esta pesquisa pela participação, confiança e contribuições, meu muito obrigada.

Sexo "frágil"

*Dizem que mulher é sexo frágil
Esse ser que transpira pra viver
Trabalha, estuda, se vira pelo avesso
Para se despir dessa hipotética "fragilidade"*

*Essa heroína de todos os dias
Se faz forte pra driblar imperfeições
Suas dores e dissabores
Escondidos por traz de sorrisos disfarçados*

*Por dentro, seu elemento substancial é algo surpreendente
Por vezes incompreendido, esquecido
O segredo do seu labor diário muitas vezes solitário
Físico, mental, emocional.*

*Ela inspira proteção, amor e paixão
Ela tem o poder de criar, se reinventar; e de recomeçar
Mulher, você não é sexo frágil!
Isso é o que tentaram te impor.*

*Você é resistente, persistente, resiliente.
Não desiste, você insiste!
Não pra mostrar quem você é, mas para revelar a grandeza
De se reerguer sozinha
De emergir muitas vezes sem vontade, em meio à adversidade*

*Quem me dera poder ver, toda mulher compreender
O real sentido do seu ser*

*Sexo frágil é o velho conto da carochinha...
Que inventaram pra tentar te esconder*

*Precisamos expor quem são essas "Marias e Marilenas"
Mães, meninas, mulheres cansadas dos seus múltiplos papéis*

Que essa lembrança venha à tona: Vai lá mulher, você detona!

*Você não se esconde
Tem fragilidades, sim, porque: você é de verdade.
E essa é, na realidade, a sua maior qualidade.*

(Mariana Coelho)

COELHO, Mariana Amado Alvarez Coelho. MULHERES EMPREENDEDORAS SOCIAIS NUMA FEIRA LIVRE DO RECÔNCAVO BAIANO: UMA PROPOSTA INTERVENTIVA. 2021. 119 pg. DISSERTAÇÃO – MESTRADO PROFISSIONAL EM INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL. UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, SERRINHA.

RESUMO

O objeto desse estudo abordou o empreendedorismo social feminino numa feira livre do Recôncavo baiano. Tivemos como questão de pesquisa: quais as propositivas de intervenção, diante da realidade de mulheres feirantes no ramo de trabalho de hortifruti de uma feira livre no Recôncavo Baiano, para desenvolver o empreendedorismo social? Como objetivo geral: analisar e intervir nas propositivas advindas da realidade de mulheres empreendedoras sociais, que atuam no ramo de hortifruti de uma feira livre no referido território. E objetivos específicos: apresentar o Recôncavo Baiano, no seu contexto socioeconômico, cultural e especificidades da feira livre; identificar o empreendedorismo social na perspectiva da identidade de gênero feminino e a realidade de mulheres empreendedoras no ramo de trabalho de hortifruti da feira de Santo Antônio de Jesus (SAJ-BA); construir uma propositiva de intervenção por meio de um Boletim Informativo Digital, após a percepção da realidade das referidas mulheres. Na fundamentação teórica, tivemos os conceitos de gênero, raça, cultura, território e feira com aporte nos principais autores: Chodorow (1990), Scott (1996), Freyre (2006), Holanda (1994), Soares e Gomes (2002), Laraia (1997), Santos, M. (1998), Mascarenhas e Dolzani (2008) e Mott (1976). As categorias globalização, trabalho e empreendedorismo social, em: Castel (1998), Dornelas (2021), Melo Neto e Fróes (2002), Weber (1947) e Santos, B. (2009). Realizamos uma abordagem qualitativa, de cunho exploratório e descritivo, pesquisa bibliográfica e documental, apresentada em formato capitular. Na investigação de campo fizemos uso da pesquisa de intervenção baseada em Pereira (2019), com entrevistas e roda de conversa remotas devido a pandemia da COVID-19, tendo como participantes cinco mulheres feirantes do hortifruti de SAJ/BA. Para coleta e análise de dados, utilizamos a metodologia da história de vida em Haguette (1997) e discurso do sujeito coletivo por Lefèvre e Lefèvre (2005). Encontramos achados, como: o trabalho precoce da mulher feirante, enfrentamentos do gênero feminino para o empreendedorismo social e o trabalho na feira como um legado cultural; além de: insatisfações das pesquisadas com organização, limpeza, e estrutura física da feira livre de Santo Antônio de Jesus-BA. O Boletim Verde, informativo digital, o produto final, objetivou dar visibilidade a mulher feirante e trazer sugestões dialogadas sobre empreendedorismo feminino, será publicizado em versão digital (PDF) no portal da prefeitura de SAJ/BA. O estudo foi aprovado mediante parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob nº 4.391.577/UNEB. Algumas (in)conclusões: a constatação de que mulheres feirantes são empreendedoras exercendo duplo labor, possuem empoderamento nas suas narrativas, e exercem o empreendedorismo social feminino como uma prática na feira livre de Santo Antônio de Jesus-Ba. Apontamos contribuições sociais: a visibilidade das histórias de mulheres feirantes por meio de um diálogo profícuo com reflexões sobre gênero, e, a intervenção social via produto apresentado, após conhecer o contexto de trabalho das referidas mulheres. Como desdobramentos: ações para educação empreendedora, publicações de mais edições do Boletim Verde e disponibilização da pesquisa para consultas no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) e no Grupo de Estudos e

Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde (GEPERCS), numa perspectiva interdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Empreendedorismo social. Trabalho. Feira livre.

ABSTRACT

The object of this study addressed female social entrepreneurship in an open-air fair in the Recôncavo Baiano region. The research question was: what are the proposals for intervention, given the reality of women sellers in the fruit and vegetable sector of an open-air fair in the Recôncavo Baiano, to develop social entrepreneurship? As a general objective: to analyze and intervene in proposals arising from the reality of women social entrepreneurs, who work in the fruit and vegetable sector of an open-air fair in that territory. And specific objectives: to present the Recôncavo Baiano, in its socioeconomic and cultural context and specificities of the free fair; identify social entrepreneurship from the perspective of female gender identity and the reality of women entrepreneurs in the fruit and vegetable sector at the Santo Antônio de Jesus fair (SAJ-BA); build a proposal for intervention through a Digital Newsletter, after the perception of the reality of these women. In the theoretical foundation, we had the concepts of gender, race, culture, territory and fair based on the main authors: Chodorow (1990), Scott (1996), Freyre (2006), Holanda (1994), Soares and Gomes (2002), Laraia (1997), Santos, M. (1998), Mascarenhas and Dolzani (2008) and Mott (1976). The categories globalization, work and social entrepreneurship, in: Castel (1998), Dornelas (2021), Melo Neto and Fróes (2002), Weber (1947) and Santos, B. (2009). We carried out a qualitative, exploratory and descriptive approach, bibliographical and documentary research, presented in chapter format. The field investigation made use of intervention research based on Pereira (2019), with remote interviews and conversations due to the COVID-19 pandemic, having as participants five women sellers from SAJ/BA. For data collection and analysis, we used the life history methodology by Haguette (1997) and the collective subject discourse by Lefèvre and Lefèvre (2005). We found findings such as: the precocious work of the woman sellers, female confrontations towards social entrepreneurship and work at the fair as a cultural legacy; in addition to: respondents' dissatisfaction with organization, cleanliness, and physical structure of the Santo Antônio de Jesus-BA's open-air fair. The Green Bulletin, a digital newsletter, the final product, aimed to give visibility to female sellers and bring suggestions on women's entrepreneurship, which will be published in a digital version (PDF) on the portal of the city hall of SAJ/BA. The study was approved by the Research Ethics Committee (CEP) under nº 4.391.577/UNEB. Some unfinished conclusions: the finding that women sellers are entrepreneurs exercising double work, have empowerment in their narratives, and exercise female social entrepreneurship as a practice in the open-air fair searched. Social contributions were pointed out: the visibility of the stories of women sellers through a fruitful dialogue with reflections on gender, and social intervention by the product presented, after knowing the work context of these women. As consequences: actions for entrepreneurial education, publications of more editions of the Green Bulletin and availability of the research for consultations in the Professional Master's Degree in Educational and Social Intervention (MPIES) and in the Study and Research Group in Education, Religion, Culture and Health (GEPERCS), in an interdisciplinary perspective.

KEYWORDS: Women. Social Entrepreneurship. Work. Open-air fair.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Município de Santo Antônio de Jesus, Bahia	17
Figura 2: Feira de Santo Antônio de Jesus em 1881	18
Figura 3: Feira de Santo Antônio de Jesus em 1957	20
Figura 4: Feira de Santo Antônio de Jesus em 2021	21
Figura 5: Galpão de hortifrúti da feira livre de Santo Antônio de Jesus	22
Figura 6: Território do Recôncavo Baiano	40
Figura 7: Feira preta	48
Figura 8: Logomarca do Boletim Verde	80
Figura 9: Boletim Verde - Informativo Digital - 1ª. Edição - página 1	81
Figura 10: Boletim Verde - Informativo Digital - 1ª. Edição - página 2	82
Figura 11: Boletim Verde - Informativo Digital - 1ª. Edição - página 3	83
Figura 12: Boletim Verde - Informativo Digital - 1ª. Edição - página 4	84
Figura 13: Boletim Verde - Informativo Digital - 1ª. Edição - página 5	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Divisão de barracas cadastradas na feira livre de Santo Antônio de Jesus	22
Quadro 2: Quadro sinóptico - resumo esquematizado das pesquisas visitadas	25
Quadro 3: Mulheres pesquisadas.....	51
Quadro 4: Roda de conversa com as mulheres feirantes (primeiro momento).	52
Quadro 5: Discursos do Sujeito Coletivo (DSC).	54
Quadro 6: Instrumento da Análise de Discurso 1.	55
Quadro 7: Discurso do Sujeito Coletivo 1.....	58
Quadro 8: Instrumento da Análise de Discurso 2.	65
Quadro 9: DSC 2 - A realidade do trabalho empreendedor da mulher na feira livre.	67
Quadro 10: Instrumento da Análise de Discurso 3.	70
Quadro 11: DSC 3 - Sugestões para o empreendedorismo feminino na feira livre. .	71
Quadro 12: Roda de conversa com as mulheres feirantes (segundo momento).....	77

LISTA DE ABREVIATURAS

AMBARC	Associação dos ambulantes, barraqueiros e camelôs
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID-19	<i>Coronavirus Disease 2019</i>
CONSU	Conselho Universitário
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FACEMP	Faculdade de Ciências e Empreendedorismo
FIEB	Federação das Indústrias do Estado da Bahia
GEPERCS	Grupo de Estudos e Pesquisa em Religião, Cultura e Saúde
HRSAJ	Hospital Regional de Santo Antônio de Jesus
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFBA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
INPI	Instituto Nacional da Propriedade Intelectual
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MEI	Microempreendedor Individual
MPIES	Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social
NEDET	Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial
ONG's	Organizações Não Governamentais
PDDU	Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano
PIB	Produto Interno Bruto
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PPA	Plano Plurianual
PRONAT	Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais
PTDRSS	Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário
RME	Rede Mulher Empreendedora
SAAB	Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento
SAJ	Santo Antônio de Jesus
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEDEMA	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente

SEI	Sistema Eletrônico de Informações
SEI/IEB	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SENAI	Serviços Nacional e Aprendizagem Industrial
SEPLAN	Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia
SAAB	Secretaria de Agricultura e Abastecimento
TCC	Trabalho de Conclusão do Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

SUMÁRIO

CAPÍTULO 01	13
1 INTRODUÇÃO	13
1.1 PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	15
1.2 CAMPO DA PESQUISA: SANTO ANTÔNIO DE JESUS E A FEIRA LIVRE - ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOECONÔMICOS.....	17
1.3 REVISÃO DE LITERATURA.....	24
1.4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS PESQUISAS VISITADAS: RELAÇÃO COM O OBJETO DE ESTUDO.....	26
1.5 ESTRUTURAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....	35
CAPÍTULO 02	37
2 O TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DO RECÔNCAVO BAIANO: ANÁLISE DE UMA LITERATURA PRODUZIDA	37
2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	37
2.2 O TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DO RECÔNCAVO BAIANO E A CULTURA LOCAL.....	37
2.3 ESPECIFICIDADES DE UMA FEIRA LIVRE: CONCEPÇÕES HISTÓRICAS E CULTURAIS.....	45
2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
CAPÍTULO 03	50
3 O EMPREENDEDORISMO SOCIAL NA PERSPECTIVA DA IDENTIDADE DE GÊNERO FEMININO: DIÁLOGOS COM CAMPO EMPÍRICO	50
3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	50
3.2 DIÁLOGOS COM CAMPO EMPÍRICO: ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	50
3.3 PERFIL DAS MULHERES FEIRANTES PARTICIPANTES DA PESQUISA DE CAMPO.....	52
3.4 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC).....	53
3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
CAPÍTULO 04	74
4 MULHERES EMPREENDEDORAS SOCIAIS NO RAMO DE TRABALHO DE HORTIFRUTI DA FEIRA LIVRE DE SAJ: PROPOSITIVAS DE INTERVENÇÃO ...	74
4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	74
4.2 RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO INTERVENTIVA: ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	74
4.3 RODA DE CONVERSA DIALOGADA: PROPOSITIVAS DE INTERVENÇÃO....	76
4.4 PRODUTO DA PESQUISA: BOLETIM VERDE INFORMATIVO DIGITAL.....	78
4.4.1 Boletim Verde: estrutura das seções na 1ª edição	78
4.3.2 Boletim Verde: formato final	81

4.5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
5	(IN) CONCLUSÃO	87
	REFERÊNCIAS	90
	APÊNDICE 01: ROTEIRO DA ENTREVISTA	98
	APÊNDICE 02: RODA DE CONVERSA COM AS MULHERES FEIRANTES (PRIMEIRO MOMENTO).....	99
	APÊNDICE 03: RODA DE CONVERSA COM AS MULHERES FEIRANTES (SEGUNDO MOMENTO).....	100
	APÊNDICE 04: BOLETIM INFORMATIVO DIGITAL.....	101
	APÊNDICE 05: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	106
	ANEXO A: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	112
	ANEXO B: REGISTRO DE MARCA NO INSTITUTO NACIONAL DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL	118

CAPÍTULO 01

1 INTRODUÇÃO

As feiras livres possuem uma importância cultural desde os tempos coloniais no território brasileiro (MOTT, 1976). Ao longo de muitos anos, elas se constituíram como um costume cultural, preponderante entreposto econômico e comercial, e, segundo Santos, M. (1998), retrata o dinamismo das atividades comerciais desde o século XIX. Numa feira livre, a tradição, os costumes e valores de um grupo social ou comunidade são elementos que fazem parte da cultura do local. Enquanto se vive numa sociedade pós moderna, onde as relações sociais são frágeis e impessoais, como afirma Bauman (2003), a feira se apresenta na contramão desses aspectos, principalmente a partir da sociabilidade e preservação das relações humanas imbricadas no comércio. Santos, M. (1996), menciona que com a globalização da economia, é perceptível que a região e suas peculiaridades sejam ameaçadas, uma vez que a expansão do capitalismo pode enfraquecer costumes regionais.

Em relação a perspectiva capitalista, Giddens (2012) reforça que a intensificação das relações sociais em escala mundial impactou no trabalho estável na medida que organizações multinacionais contratam e dispensam trabalhadores em nível global. Dessa forma, percebe-se que essa instabilidade mercadológica exige constante processo de requalificação da força de trabalho. Isso não significa, no entanto, que a estabilidade trabalhista tenha desaparecido por completo (CASTELLS, 1999a). A globalização pode colocar em risco a estabilidade e os direitos trabalhistas adquiridos historicamente, o que traz à tona reflexões acerca da importância da luta contra a opressão capitalista e, conseqüentemente, contra a precarização do trabalho.

Nesse contexto, Dornelas (2021) aponta que parte da população desencadeia uma categoria de empreendedorismo, o chamado empreendedorismo por necessidade, como estratégia de enfrentamento das condições impostas pelo mundo do trabalho atual. O autor explica que quando não se apresentam aptos para campo trabalhista formal ou são dispensados por empresas, muitos trabalhadores recorrem para a atividade empreendedora por necessidade de geração de renda. Diante do exposto, se faz perceptível uma oscilação do mercado trabalhista também por variáveis não controláveis, como crises econômicas, sendo a última provocada pela pandemia da COVID-19 iniciada em 2019, no Brasil e no mundo, que gerou bastante

desemprego. Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2020) apontam que no quarto trimestre de 2019, o Brasil possuía 11,2 milhões de desempregados, passando para 13,2 milhões no mesmo período de 2020 (IBGE/PNAD, 2020). Percebe-se então, que o desemprego enquanto um problema social, pode desencadear a prática da atividade do empreendedorismo.

O ser empreendedor, segundo Dornelas (2021), é ser uma pessoa que assume riscos para desenvolver um empreendimento pessoal, a qual possui capacidade de utilizar recursos disponíveis de forma criativa. O chamado empreendedorismo social acontece quando a atuação de pessoas na sociedade é capaz de gerar soluções para problemas sociais, como por exemplo, o desemprego (MELO NETO; FROES, 2001).

De acordo com a Organização Mundial das Nações Unidas - ONU Mulheres (2021), as mulheres no Brasil tomam a decisão de empreender por necessidade de complementar a renda ou alcançar a independência financeira, na maioria das vezes por precisar assumir o sustento da família. Em se tratando de empreendedorismo social feminino, a participação das mulheres nesta prática tem crescido de forma acentuada, segundo o Sebrae (2018).

Isto posto, esta pesquisa abordou o empreendedorismo social feminino no Recôncavo Baiano, e teve como o objeto de estudo mulheres feirantes na cidade de Santo Antônio de Jesus (SAJ)-Bahia, que é conhecida popularmente pela sua importância sociocultural, comercial, industrial e de serviços que atende a toda a região do Recôncavo baiano. Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros/IBGE (1958), no município supracitado a feira é uma atividade desenvolvida há muitos anos, e é contemporânea à criação do próprio território.

A questão dessa pesquisa buscou responder: quais as propositivas de intervenção diante da realidade de mulheres feirantes no ramo de trabalho de hortifruti de uma feira livre no Recôncavo Baiano para desenvolver o empreendedorismo social? Teve como objetivo geral, analisar e intervir nas propositivas advindas da realidade de mulheres empreendedoras sociais que atuam no ramo de hortifruti de uma feira livre no Recôncavo Baiano. Como objetivos específicos: 1) Apresentar o território de identidade do Recôncavo Baiano, seu contexto sócio econômico, cultural e especificidades da feira livre; 2) Identificar o empreendedorismo na perspectiva da identidade de gênero feminino e a realidade de mulheres empreendedoras no ramo do trabalho de hortifruti de Santo Antônio de Jesus-BA; 3) Construir uma propositiva de intervenção por meio de um Boletim Informativo Digital, após a percepção da

realidade das mulheres empreendedoras no ramo do trabalho de hortifruti na feira livre de Santo Antônio de Jesus/Bahia.

A justificativa desse estudo partiu da compreensão do empreendedorismo feminino como um fenômeno que surgiu diante de necessidades trabalhistas da sociedade civil, intensificado em meio a pandemia da COVID-19, e de uma motivação pessoal, quando o “ser mulher” despertou interesse em conhecer histórias de feirantes do gênero feminino, no intuito de poder contribuir com um produto que agregasse valor na trajetória profissional das referidas mulheres. A motivação científica e profissional para confecção dessa pesquisa nasceu de uma inquietação sobre as dificuldades de atuação laboral do gênero feminino no ambiente da feira livre, observadas durante atividades acadêmicas relacionadas a administração como professora do ensino superior privado da Faculdade de Ciências e Empreendedorismo (FACEMP), na cidade de Santo Antônio de Jesus-BA. Nesse momento, surgiu um despertamento para aprofundar meus estudos acerca do empreendedorismo feminino no contexto de uma feira livre no território do Recôncavo Baiano.

1.1 PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta pesquisa buscou atender aos critérios dispostos na Instrução normativa nº 02 (2021) do Programa de pós-graduação *stricto sensu* do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES). Utilizada uma abordagem qualitativa de cunho exploratório e descritivo, que segundo Minayo (2013), está vinculada com a realidade social, por meio da história, crenças, e também dos valores e atitudes de atores sociais, o que neste estudo representou a análise da atuação do gênero feminino como empreendedora social. Também se configurou como pesquisa exploratória e descritiva, explicada por Pereira (2019, p. 26) “como uma pesquisa que visa analisar um fenômeno que ainda é pouco conhecido pelo pesquisador, permitindo a sua familiarização”. Para complementar e dar base ao processo realizado, fizemos as pesquisas bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2010, p. 44), está “embasada principalmente em material já elaborado por diversos autores”.

Para aporte documental, fizemos consultas ao acervo de documentos oficiais disponíveis nos sites de órgãos como a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais (SEI), do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas

Empresas (SEBRAE), Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia (SEPLAN). Alguns documentos a nível regional e local, como o Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PTDRSS) do Recôncavo Baiano e Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) do município de Santo Antônio de Jesus - Bahia.

De acordo com a resolução CNS 466 (2012), as pesquisas que envolvem seres humanos devem ser submetidas à apreciação de um comitê que avalia questões éticas. Dessa forma, este estudo partiu de um projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), responsável pelo acompanhamento de aspectos éticos, aprovado em 11 de novembro de 2020, sob o parecer consubstanciado nº 4.391.577 (ANEXO A), o que respaldou as ações desenvolvidas junto as mulheres feirantes pesquisadas. Segundo Minayo (2002), a amostragem na abordagem qualitativa não se caracteriza por critério numérico, a mesma pode ser considerada suficiente quando ocorre a reincidência de informações e possibilita abranger o problema investigado. Então, foi selecionada uma amostra de 5 (cinco) feirantes, dentro dos critérios: ser mulher, atuar no ramo de hortifruti da feira, ter a faixa etária entre 25 a 55 anos, e possuir acesso à tecnologia da informação, por conta da pandemia da COVID-19 (2020).

Para a coleta de dados, respeitamos o distanciamento social devido ao contexto da pandemia da COVID-19, seguiu recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e Resolução nº 1.423/2020 da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A metodologia para coleta e análise de dados da pesquisa de campo, foram: a história de vida (Haguet, 1997), que permitiu abordar o tema empreendedorismo feminino a partir do ponto de vista das mulheres feirantes pesquisadas; e o discurso do sujeito coletivo - DSC (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005). Os DSC's foram originados a partir das narrativas das mulheres entrevistadas, e consistiram em uma convicção socialmente compartilhada pelas mesmas. Explanou-se a pesquisa de campo no capítulo 03.

Fizemos uso de uma pesquisa de intervenção, de cunho interdisciplinar, que segundo Pereira (2019, p. 59) é “uma investigação não apartada da situação vivencial dos indivíduos e grupos sociais”. O autor explica que este modelo é uma tendência das pesquisas participativas que busca investigar a vida de coletividades, aplicada nos processos de formação científico-acadêmica dos programas de pós-graduação

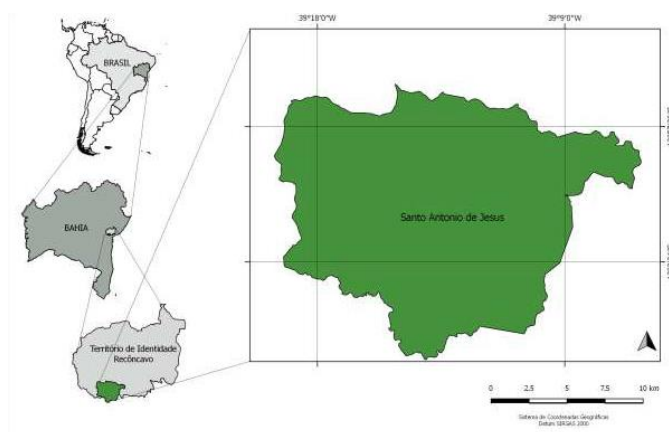
na área de educação, na modalidade profissional. A pesquisa de intervenção aconteceu de modo remoto, com uso do aplicativo *WhatsApp* (para a realização das entrevistas com as mulheres feirantes) e pelo *Google Meet* para as rodas de conversa junto às referidas mulheres. As rodas de conversa aconteceram em dois momentos distintos. O primeiro momento (Quadro 4), quando houve uma exposição dialogada da proposta de construção do produto final dessa pesquisa (o Boletim Verde, informativo digital periódico, criado para dar visibilidade às mulheres feirantes do ramo de hortifruti da feira livre municipal de Santo Antônio de Jesus/Bahia e trazer no seu conteúdo sugestões dialogadas com as mesmas sobre empreendedorismo feminino). O primeiro momento, foi explicado no Capítulo 03.

O segundo momento (Quadro 12), também aconteceu por roda de conversa, para uma exposição dialogada sobre o Boletim Verde, após a percepção da realidade das mulheres feirantes empreendedoras no ramo do trabalho de hortifruti da feira livre no município de Santo Antônio de Jesus/Bahia, em uma escuta participativa e diálogo com as mesmas no sentido de idealizar a construção das seções pertencentes ao Boletim Verde. Explicou-se o segundo momento no Capítulo 04.

1.2 CAMPO DA PESQUISA: SANTO ANTÔNIO DE JESUS E A FEIRA LIVRE - ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOECONÔMICOS

O município do estudo de campo, a cidade de Santo Antônio de Jesus pertence a região do Recôncavo da Bahia (IBGE, 2017).

Figura 1: Município de Santo Antônio de Jesus, Bahia



Fonte: IBGE (2017). Base cartográfica

A cidade de Santo Antônio de Jesus teve seu povoamento estimulado a partir do cultivo da mandioca, laranja, banana, jaca e outros gêneros alimentícios e atividades agropecuárias. Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, uma publicação do IBGE (1958, p. 304), as primeiras ocupações do território ocorreram “durante os séculos XVII e XVIII, do processo de desbravamento empreendido pelos colonizadores Pero Carneiro e D. Álvaro da Costa, que vieram juntar-se aos índios descendentes de Pedra Branca”, habitantes da região. A história da formação da cidade aponta que o povoamento se fez possível pela existência de terras férteis e abundância pluvial (rios Da Dona, Jaguaripe, Sururu e alguns riachos), que propiciaram a plantação da cana-de-açúcar, e posteriormente o aparecimento dos engenhos e atividades agrícolas relacionadas ao plantio da mandioca (raiz típica da cultura agrícola local).

No século XVIII, surgem lavradores de farinha, e destaca-se o padre Mateus Vieira de Azevedo, uma das figuras mais conhecidas no processo de desbravamento do município de Santo Antônio de Jesus. A Enciclopédia dos municípios brasileiros (1958, p. 305) registra que “a sua residência nas proximidades do rio Sururu foi transformada no primeiro povoado do município, onde foi erguido o oratório consagrado a Santo Antônio de Jesus”. A cidade se desenvolveu em torno da capela, onde atualmente encontra-se a praça Padre Mateus e a igreja Matriz de Santo Antônio de Jesus. O surgimento dos núcleos populacionais e da própria feira estão intrinsecamente relacionados à história da origem do local. É possível perceber na Figura 02 um dia de bastante movimento de pessoas ainda no século XIX, na feira de Santo Antônio de Jesus em 1881.

Figura 2: Feira de Santo Antônio de Jesus em 1881



Fonte: Acervo da Secretaria de Cultura de Santo Antônio de Jesus (em 29/05/2021).

A partir da segunda metade do século XIX, a Bahia vivenciou a chegada dos meios de transportes como as ferrovias que trouxeram uma nova dinâmica para a configuração social e comercial da região do Recôncavo, que impulsionaram principalmente a feira de Nazaré das Farinhas, uma das mais antigas do país. Ela representa uma das feiras de maior importância para a economia regional, intensificada pela estrada de Ferro de Nazaré (1875), até Santo Antônio de Jesus. Santos, M. (1998, p. 166) explica que:

a Estrada de ferro de Nazaré favoreceu certos núcleos do interior, mas sobretudo, Santo Antônio de Jesus que se encontra numa zona limítrofe entre os tabuleiros fumageiros e a encosta do planalto. Essa cidade beneficiava-se também pela proximidade física do porto de Nazaré. Oliveira diz que a Trans Road Nazaré partia dessa cidade e percorria sete léguas até a cidade de Santo Antônio de Jesus, fazendo o trajeto de uma hora e cinquenta minutos, saindo regularmente às 7 horas de Nazaré e voltando de Santo Antônio de Jesus às 11 horas da manhã (SANTOS, M., 1998, p. 166).

O trecho citado por Santos, M. (1988) evidencia o dinamismo nas atividades comerciais que a estrada de ferro de Nazaré proporcionou à cidade de Santo Antônio de Jesus no período, e influenciou no estabelecimento da feira livre nas cidades circunvizinhas.

A economia de subsistência e a influência dos rios marcaram historicamente a população rural e urbana em seus múltiplos aspectos de vida social no local. Santos, H. (2018) traz essa explicação em sua tese de doutorado sobre a feira livre de Santo Antônio de Jesus, com um relato a respeito da relação dos feirantes com os rios na época:

esses rios urbanos eram de suma importância para os moradores da urbe, mesmo que em tempos de chuva, quando transbordavam, alguns deles se tornavam um “empecilho” à vida dos feirantes, como [...] Josué Pereira que tinha que atravessá-lo com seu cavalo que transportava as mercadorias até a feira livre de Santo Antônio de Jesus (SANTOS, H., 2018, p. 44).

Santos, H. (2018) ainda cita em sua pesquisa que a falta de luz elétrica “implicava em dificuldades para o mundo do trabalho dos feirantes, tornando a vida mais árdua na época, quando não podiam usar máquinas a motor para a feitura e produção da farinha de mandioca” (p. 42). Esses relatos foram entre os anos de 1950 e 1970. Outra dificuldade identificada era o transporte das mercadorias da roça até a

rua, quando esses trabalhadores eram obrigados a conduzir seus produtos sob a luz de candeeiros.

A partir do século XX, a feira já se localizava nos arredores do oratório de Santo Antônio, atual igreja matriz na Praça Padre Mateus. A imagem está bem representada na Figura 03. As pessoas se deslocavam para comprar e vender mercadorias na rua, prática comum na época. Segundo Oliveira (2002) nos arredores dos chamados “pontos de negócios” organizavam-se as primeiras atividades comerciais desenvolvidas na cidade de Santo Antônio de Jesus, o que marca o aparecimento da feira livre, local que agrupava pessoas para o comércio de produtos típicos da cultura agrícola regional.

Figura 3: Feira de Santo Antônio de Jesus em 1957.



Fonte: Acervo da Secretaria de Cultura de Santo Antônio de Jesus (em 29/05/2021).

Com tropas de burro, cavalo em carroças, caminhões, embarcações ou a pé, vendedores e compradores dirigiam-se a feira na época. Corrêa (2001, p. 50) cita que “esses eram os dias em que as pessoas se encontravam, sabiam das novidades e realizavam eventos sociais, culturais e políticos”. A feira livre instituiu-se na cidade como um costume cultural e de práticas comerciais.

Com o passar dos anos, houve o crescimento da cidade de Santo Antônio de Jesus, em termos de população e comércio. Segundo Oliveira, A. (2002), Santo Antônio de Jesus tem uma importância cultural, comercial, industrial e de serviços, sendo a feira um espaço pertencente a economia regional que contribuiu para mudanças na dinâmica social urbana. Hoje, a feira está localizada no centro da cidade, ainda próxima à praça Padre Mateus e à igreja matriz.

O tradicional “barracão da farinha”, elemento simbólico de grande importância na memória popular, ainda existe, e se tornou um galpão específico, o mercado de farinha.

Percebe-se que o progresso urbano influenciou a vida dos habitantes de Santo Antônio de Jesus, alterando costumes e tradições, com elementos relacionados às vivências rurais. No século XIX até as primeiras décadas do século XX, as atividades comerciais eram viabilizadas pelo antigo porto de Nazaré, depois, já pelas estradas que ligavam o município supracitado à capital baiana, o que facilitou o desenvolvimento do comércio e a circulação de produtos da região.

Atualmente, Santo Antônio de Jesus possui 102.380 habitantes, uma população estimada (BAHIA, 2019, p. 1). Nos dias de funcionamento intenso da sua feira livre (quarta-feira e sábado) há o predomínio do comércio de roupas e hortifrúti, grande parte dos consumidores é da cidade ou de municípios bem próximos, o que contribui para o processo de movimentação socioeconômica. Na Figura 04 está a feira livre atual, onde encontram-se destacam-se barracas no galpão de hortifruti.

Figura 4: Feira de Santo Antônio de Jesus em 2021



Fonte: Arquivo da SAAB SAJ (em 29/05/2021).

A Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAAB) de Santo Antônio de Jesus é a responsável por “gerir a feira livre de acordo com a Lei municipal 1.283 de 24 de abril de 2015, que estabelece a feira como atribuição e responsabilidade da SAAB” (SAJ, 2015). Em último levantamento realizado pelo órgão, existiam 1.158 barracas cadastradas, divididas em galpões, conforme Quadro 01 a seguir:

Quadro 1: Divisão de barracas cadastradas na feira livre de Santo Antônio de Jesus

Galpões	Mercadorias/produtos
Galpão 01	Cereais
Galpão 02	Vísceras
Galpão 03	Calçados
Galpão 04	Restaurante
Galpão 05	Mercado de farinha
Galpão 06	Confecções
Galpão 07	Hortifrúti
Galpão L	Agronegócio

Fonte: Secretaria de Agricultura e Abastecimento de SAJ (2015).

Na área de hortifrúti (galpão 7), estão cadastradas 217 barracas. A coleta de lixo no espaço é feita pela empresa COPA Engenharia Ambiental, responsável pela coleta e varrição urbana do município desde 2011. Com o agravamento da pandemia em 2020, se iniciou a implementação de medidas higiênico-sanitárias por conta do processo de prevenção contra o coronavírus (MASCARENHAS, 2020).

Na Figura 05 a seguir, está o galpão de hortifruti da feira livre de Santo Antônio de Jesus, em pleno funcionamento, considerado popularmente como “dia de feira”.

Figura 5: Galpão de hortifrúti da feira livre de Santo Antônio de Jesus

Fonte: Arquivo da Secretaria de Agricultura e Abastecimento de SAJ (em 29/05/2021).

A pesquisa de campo desenvolvida neste trabalho, e apresentada no capítulo 03, se constituiu numa investigação no local onde o fenômeno estudado (empreendedorismo feminino) ocorre, a feira livre da cidade supracitada, a qual englobou o levantamento de informações relativas ao objeto de estudo, as mulheres feirantes de SAJ/BA. Como metodologia para coleta de dados durante a fase de

pesquisa de campo, utilizamos a história de vida, que segundo Haguette (1997) permite abordar temas do ponto de vista de quem os vivencia ou do grupo do qual o(a) pesquisado(a) faz parte. Esta autora considera ainda, que este método requer uma compreensão íntima da vida de outros, suas suposições, suas pressões ou constrangimentos.

As mulheres que fizeram parte da pesquisa de campo desse estudo foram selecionadas mediante um convite pela própria mestrandia, de modo presencial, com uso de máscara, atendendo recomendações da OMS¹, em visita à área de hortifruti da feira livre, no mês de janeiro de 2021. Cinco mulheres feirantes aceitaram participar da pesquisa, e atenderam os critérios: ser mulher, feirantes do ramo de hortifruti, com a faixa etária entre 25 a 55 anos e que possuíssem acesso à tecnologia para comunicação (celular com aplicativo *WhatsApp*), no sentido de facilitar o processo de entrevista em meio a pandemia da COVID-19. As mulheres feirantes foram informadas sobre o risco de se sentirem emocionalmente fragilizadas ao contar suas histórias de vida, e que o estudo seria suspenso ao perceber algum risco à saúde das mesmas, não previsto no Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)².

Os discursos das mulheres feirantes selecionadas realizado em entrevista remota, previamente agendada com cada uma delas, procurou atender todas as recomendações normativas³. Para a tabulação e análise dos dados, se fez uso do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), seguindo os autores Lefèvre e Lefèvre (2005). Foram analisados os discursos das mulheres feirantes pesquisadas pela modalidade virtual, durante as entrevistas feitas pelo aplicativo *WhatsApp* no mês de março de 2021, em horário fora do movimento mais intenso da feira livre, na sua maioria em dias de quinta-feira, duraram em média de 1 a 2 horas cada. As mulheres tiveram os seus nomes preservados com o uso de pseudônimo de frutas, justificado pelo seu ramo de atuação, o de hortifrúti. A pesquisa de campo encontra-se apresentada no Capítulo 03 deste trabalho.

¹ Organização Mundial de Saúde.

² As pesquisadas foram comunicadas da possibilidade de assistência psicológica da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e garantido pela pesquisadora que os dados obtidos seriam utilizados exclusivamente para a finalidade descrita e acordada no TCLE.

³ Recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS) e Resolução nº 1.423/2020 da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Conselho Universitário (CONSU) em função da pandemia da COVID-19, iniciada em 2020.

1.3 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção, apresentaram-se as consultas feitas ao banco de teses e dissertações do repositório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), além da busca nas plataformas virtuais dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* dos últimos cinco anos (2015 a 2020), de modo a corroborar com a revisão de literatura acerca do tema dessa pesquisa. No primeiro momento, realizada a busca por empreendedorismo social ao nível de Brasil, encontramos 83.801 resultados. Em uma segunda etapa, em uma busca estratificada para empreendedorismo social feminino, detectaram-se 72.755 trabalhos. Posteriormente, aplicado o filtro empreendedorismo social feminino e feira, encontramos 64.900 resultados.

Com intuito de afinar mais ainda o detalhamento da busca, fizemos um filtro para o Recôncavo Baiano, e poucos trabalhos se aproximaram a esta pesquisa. Foram detectados em universidades do território, 03 (três) pesquisas que abordavam descritores: **feira livre, Recôncavo, mulher e trabalho**. Após a leitura, percebemos que as suas propostas de discussão se entrelaçavam com o objeto de estudo desta dissertação (mulheres feirantes), produzidas por autoras do gênero feminino, e suas temáticas discutiam a dinamicidade de uma feira livre, com relevância para economia regional como fonte de renda de famílias sem alternativas de sobrevivência, a caracterização do Recôncavo da Bahia, e a emancipação de mulheres para o mundo do trabalho diante do contexto neoliberal.

Quadro 2: Quadro sinóptico - resumo esquematizado das pesquisas visitadas

Autores	Ano	Título do trabalho	Instituição	Palavras-chaves	Considerações
Daciane de Oliveira Silva	2018	A feira livre de Cruz das Almas-BA: dinâmica espacial, planejamento e gestão municipal.	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), <i>E-book</i> – livro referente ao Edital EDUFRB nº001/2018 de apoio à publicação de livros eletrônicos.	Planejamento urbano. Feira livre. Gestão municipal.	O trabalho apresenta a relevância das feiras livres como fonte de renda de famílias sem alternativas de sobrevivência econômica, que crescem progressivamente devido ao desemprego.
Josemare Pereira dos Santos Pinheiro	2017	Mudanças socioespaciais e tendências do desenvolvimento no Recôncavo sul da Bahia/Brasil (1970-2016): o papel de Santo Antônio de Jesus e de Cruz das Almas	Universidade Católica do Salvador (UCSAL) – Doutorado em Planejamento territorial e desenvolvimento social.	Recôncavo Sul. Organização socioespacial. Dinâmica regional. Desenvolvimento Regional.	A pesquisa versa sobre mudanças socioespaciais e tendências do desenvolvimento no Recôncavo Sul da Bahia, aborda o panorama de dois municípios de destaque no território do Recôncavo Baiano.
Suêde Mayne Pereira Araújo	2015	Mulheres em situação de fragilidade social e o Programa mulheres mil: o papel das políticas na perspectiva de emancipação para o trabalho.	Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Programa de Mestrado profissional em Gestão e tecnologias aplicadas à educação (GESTEC)	Mulher. Educação. Políticas Públicas. Trabalho. Programa Mulheres Mil.	Aborda possibilidades de emancipação de mulheres para o mundo do trabalho ao buscar compreender políticas públicas educacionais, relacionadas à exclusão social do trabalho feminino no contexto neoliberal.

Fonte: Elaboração própria (2021)

O Quadro 02 apresenta uma síntese da descrição dos trabalhos encontrados nos últimos cinco anos, postas as considerações sobre o objeto de estudo das

pesquisas que estão imbricados ao escopo desta dissertação, que na sua maioria englobavam mulheres, trabalho, feira livre e Recôncavo Baiano.

1.4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS PESQUISAS VISITADAS: RELAÇÃO COM O OBJETO DE ESTUDO

A pesquisa de Silva (2018) intitulada “A feira livre de Cruz das Almas-BA: dinâmica espacial, planejamento e gestão municipal” é o resultado de um *e-book* desenvolvido na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) referente ao Edital EDUFRB nº001/2018 de apoio à publicação de livros eletrônicos. Silva (2018) abriu sua discussão partindo do marco histórico ocorrido a nível mundial, a abertura econômica, a partir da década de 1980, que impulsionou o fenômeno da globalização no mundo e no Brasil.

Este processo desencadeou a necessidade de mudanças em organizações e trouxe consigo imposições na vida econômica, política, social e cultural, condicionada pelo e para o mercado. Se levarmos em consideração que o espírito do capitalismo pode ser explicado na perspectiva de Weber (2004), pela influência das práticas protestantes, é perceptível que a acumulação e o estilo de vida capitalista favoreceram uma moral econômica em prol desse sistema econômico, pois a ética protestante estimulava os fiéis a terem uma vida de trabalho que os levasse a enriquecer. Na análise weberiana, nas regiões onde floresceram o protestantismo, o capitalismo se desenvolveu em grande intensidade, e suas práticas levaram ao sistema de mercado capitalista.

Dessa forma, visitar a reflexão capitalista nos faz observar a necessidade de emancipação social diante da percepção do que a globalização traz como consequências para a sociedade. Giddens (2012) afirma que esse é um processo que ameaça o trabalho estável na medida em que organizações multinacionais contratam e dispensam trabalhadores em nível global. Santos, B. (2002) também aponta que a globalização coloca em risco a estabilidade e os direitos trabalhistas adquiridos ao longo do tempo.

Diante do exposto, o empreendedorismo pode surgir como um caminho para fonte de renda de muitos trabalhadores que partem para atividades informais no mundo do trabalho. Na perspectiva de Silva (2012), as feiras livres se apresentam como geradoras de renda para famílias sem alternativas de sobrevivência econômica

devido a questão do desemprego. De acordo com Dornelas (2021), diante da ausência de emprego, para conseguir gerar renda, parte da população busca o empreendedorismo como estratégia de enfrentamento das condições postas pelo mercado de trabalho, e ainda complementa, que quando não se apresentam aptos para mercado trabalhista formal, ou são dispensados por empresas, muitos trabalhadores recorrem para a atividade empreendedora por necessidade.

Em relação à feira, também foi possível inferir, após a análise da pesquisa de Silva (2012), que a mesma é um local que permite a dinamização da economia regional e está presente na maior parte do nordeste do Brasil. A exemplo disso, tem-se a emancipação de diversas cidades em decorrência de suas feiras livres. Como observado na pesquisa supracitada, a feira permite atuação de artesãos, vendedores de alimentos e produtos agrícolas, se constituindo um espaço comercial, social e cultural dentro de uma comunidade.

Silva (2012) também apontou que a feira se faz notória no Recôncavo Baiano, e investigou políticas públicas da prefeitura municipal de Cruz das Almas em prol da feira livre. Segundo a autora supracitada, as feiras estão presentes em cidades consideradas dinamizadoras pertencentes ao território do Recôncavo Baiano, como Cruz das Almas e Santo Antônio de Jesus. Assim, como na pesquisa de Silva (2012), pudemos observar na pesquisa de campo apresentada no capítulo 03 desta dissertação, que a feira é mantida em um espaço público mantido pela prefeitura de Santo Antônio de Jesus-BA.

Observou-se que a pesquisa de Silva (2012) inferiu propositivas de intervenção para a feira livre de Cruz das Almas, após detectar problemas na sua infraestrutura, como organização, limpeza e segurança, além de visualizar que a participação popular via associação atuante na feira livre era quase inexistente, e, além dessas questões, Silva (2012) identificou fragilidades na gestão pública e propôs sugestões de melhoria.

Nessa perspectiva, compreendemos que essa a discussão se entrelaçou com os objetivos específicos desta pesquisa, quando apresentamos o território de identidade do Recôncavo Baiano em seu contexto sócio econômico e sua relação com a feira livre, e identificamos como se perpetua o empreendedorismo na perspectiva de mulheres feirantes no ramo do trabalho de hortifrúti da feira de Santo Antônio de Jesus – Bahia.

A segunda pesquisa visitada na revisão de literatura, corresponde a uma tese de doutorado desenvolvida por Pinheiro (2017) sobre “Mudanças socioespaciais e tendências do desenvolvimento no Recôncavo sul da Bahia/Brasil (1970-2016): o papel de Santo Antônio de Jesus e de Cruz das Almas”, no doutorado em Planejamento territorial e desenvolvimento social da Universidade Católica de Salvador (UCSAL). A sua discussão se relacionou com o desenvolvimento regional contextualizado por processos políticos, econômicos e sociais que sustentaram a organização das duas cidades mais dinâmicas do Recôncavo da Bahia. O estudo supracitado investigou como as transformações recentes nas relações econômicas, políticas e sociais de Santo Antônio de Jesus e Cruz das Almas impactaram na organização e nas tendências de desenvolvimento do Recôncavo Sul da Bahia no período entre 1970 e 2016.

Pinheiro (2017) trouxe uma discussão a respeito da dinâmica regional que envolveu articulações com os municípios supracitados, e citou que as regiões vêm sofrendo com o processo de globalização pela disseminação do modo capitalista. Segundo Santos, M. (1999, p.196-197) “as condições atuais fazem com que as regiões se transformem continuamente já que elas são o suporte e a condição de relações globais”. Para Santos, M. (1999), as regiões são lugares e espaços de conveniência, e completa que o estudo da questão regional envolve a organização social, política, econômica e cultural, considerando sua historicidade para compreendê-la. Ao fazer uma relação com o objeto deste estudo, vislumbramos questões históricas do território do Recôncavo Baiano, como as relações sociais e econômicas identificadas na região e sua interação com a feira livre, local imbricado ao contexto regional que traz consigo uma tradição cultural de raízes históricas.

Ainda na sua análise, Pinheiro (2017) reforçou que as discussões conceituais sobre região trouxeram uma perspectiva de que o processo de globalização econômica impactou nos aspectos territoriais e regionais. Essa questão é apontada por Santos, M. (1999, p. 16) quando coloca que “nenhum subespaço do planeta pode escapar ao processo conjunto de globalização”.

Isto posto, foi possível inferir que existe uma necessidade de reflexão sobre a possibilidade de enfraquecimento de costumes e práticas regionalizadas após a globalização econômica, o que perpassa pelo envolvimento de sujeitos como seres protagonistas na composição da regionalização de um local, quando podem estar submetidos aos processos sociais norteados muito mais pelo conhecimento-

regulação do que pelo conhecimento-emancipação, visto que “há um desequilíbrio que se estabeleceu nas diversas esferas da vida social, um excesso de mecanismos reguladores e uma deficiência de mecanismos emancipatórios” (SANTOS, M., 2000, p. 32). Segundo a reflexão de Santos, M. (2000), há um contexto hegemônico determinado pelo projeto de modernidade que impõe conhecimento-regulação em detrimento do conhecimento-emancipação, o que sinaliza a necessidade de intensificar a interação com comunidades locais para o desenvolvimento de políticas públicas.

No estudo de campo desta pesquisa, partimos para um olhar apurado acerca das histórias de vida de mulheres atuantes em uma feira livre, vislumbrando atividades laborais desempenhadas pelas mesmas, na perspectiva de gênero.

Pinheiro (2017) ainda trouxe a compreensão de que a região do Recôncavo Sul e as práticas propulsoras do seu desenvolvimento regional se desvincula do conceito de desenvolvimento estritamente econômico e o relaciona principalmente a necessidade de mais qualidade de vida para as pessoas. Percebemos que, a definição de desenvolvimento é mais complexa e não é possível restringi-la simplesmente ao crescimento econômico. Assim, a satisfação das necessidades humanas não está atrelada com as práticas do sistema capitalista, cujo foco está no alcance do lucro.

Em relação ao território de identidade do Recôncavo, Santos, M. (1998, p. 62) afirma que o mesmo “nasce de um contexto histórico que envolve o econômico, político, social e cultural, nas suas várias porções com vocações e atividades diferentes”. Então, pudemos interpretar que o estudo de uma região perpassa pela sua história, economia, política, sociabilidades e cultura, num complexo conjunto de interrelações.

De acordo com a análise de Pinheiro (2017), a partir da década de 1960, ocorreram mudanças nos percursos de ligação capital-interior em função do surgimento das rodovias, que fizeram com que o território experimentasse uma estagnação econômica até meados do século XX, aliado à crise da agroindústria açucareira em decadência na região. Pinheiro (2017) lembra que em 2006, a Petrobrás reativou o canteiro de São Roque do Paraguaçu, como uma oportunidade econômica para a região do Recôncavo, ao promover capacitação profissional de trabalhadores, com parcerias entre o governo estadual e instituições como a Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), Serviços Nacional e

Aprendizagem Industrial (SENAI) e SEBRAE, e com possibilidades de empregos diretos e indiretos.

Percebemos que esta poderia ser uma vantagem para empreendedores como pessoas que trabalham por conta própria. Contudo, em 2016, Pinheiro (2017) registra que com o encerramento das atividades do estaleiro, cresceu o desemprego na região. Com o fechamento de pequenos empreendimentos de hospedagem, alimentação, entretenimento e lazer, a situação impactou negativamente na história de pequenos empreendedores do Recôncavo baiano.

Ainda em análise da pesquisa de Pinheiro (2017), apontou-se que Santo Antônio de Jesus se consolidou como um polo comercial com a oferta de produtos do ramo de confecção, imóveis, eletrodomésticos e materiais de construção, se destacando a feira livre. A autora supracitada explicou que “a feira ocorre no centro da cidade, com a venda de produtos cultivados na zona rural, de roupas e utensílios domésticos vendidos por ambulantes oriundos de municípios vizinhos” (p. 98). Ainda citou a história de indústrias no ramo de calçados, e outras voltadas para a produção de fogos e vassouras, que trouxeram resultados negativos para a população local, como a exploração do trabalho infantil e acidentes pela inexistência de fiscalizações municipais.

Na atualidade, no Recôncavo baiano, existem habitantes que sobrevivem da agricultura de subsistência, como cultivo da laranja e limão, comercializadas em Cruz das Almas, e existem atividades em Santo Antônio de Jesus imbricadas aos pequenos comércios, e a feira livre. Foi identificado na análise da pesquisa visitada (PINHEIRO, 2017), que as feiras livres de Cruz das Almas e Santo Antônio de Jesus impulsionaram o comércio e a dinamicidade da economia da região.

Compreender essa dinamicidade contribuiu para este estudo, quando se identificou que no Recôncavo baiano as feiras livres contribuíram para alavancar aspectos socioeconômicos dessa região.

A pesquisa de Araújo (2015) intitulada “Mulheres em situação de fragilidade social e o Programa mulheres mil: o papel das políticas na perspectiva de emancipação para o trabalho”, realizado no Programa de Mestrado profissional em Gestão e tecnologias aplicadas à educação (GESTEC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), abordou a emancipação de mulheres para o mundo do trabalho no contexto neoliberal. Araújo (2015) analisou um cenário de mulheres, participantes da sua pesquisa, com escasso acesso à educação nas áreas rurais, que tiveram de optar

pelo trabalho precário, ou ficaram em casa cuidando dos filhos, e pontuou o restrito acesso das mesmas às políticas públicas locais.

Inferiu-se que existe uma afinidade com esta pesquisa quando traz o gênero feminino como centro de sua discussão, principalmente por serem mulheres que se apresentavam em situação de vulnerabilidade social. Araújo (2015), descortinou essa realidade quando relatou o enfrentamento da pobreza e as possibilidades da inclusão social pela oferta de formação educativa para o gênero feminino no seu estudo sobre o programa “Mulheres Mil” no *campus* Ilhéus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA).

A pesquisa de Araújo (2015) trouxe reflexões pertinentes para este estudo, quando ressaltou a ênfase na autonomia feminina por intermédio da educação que auxiliou na conquista de oportunidades de trabalho dentro da comunidade em que as mulheres da pesquisa supracitada estavam inseridas.

Existe uma relação de afinidade da pesquisa visitada com o objeto deste estudo, quando neste, realizou-se uma escuta dialogada com mulheres feirantes, para a criação do produto final desta pesquisa, cujo objetivo foi dar visibilidade ao gênero feminino e trazer sugestões dialogadas com as mesmas para o empreendedorismo feminino.

Destaco que, para abordar o empreendedorismo feminino foi necessário trazer a compreensão do termo empoderamento, conforme aponta Berth (2020) como sendo um conceito complexo, bastante distorcido sobretudo nos dias atuais. A referida autora destaca algumas pesquisas acerca do termo, aproximando-o da “capacidade de indivíduos e grupos agirem para garantir seu próprio bem-estar ou seu direito de participar da tomada de decisão que lhes dizem respeito” (BERTH, 2020, p. 36-37). Conforme Berth (2020), o conceito de empoderamento feminino surgiu de críticas e debates gerados pelo movimento das mulheres durante a década de 1980, quando se viram cada vez mais “descontentes” com os modelos políticos e econômicos (BERTH, 2020, p. 44).

Ao analisar as discussões trazidas pela referida autora sobre o empoderamento, entendemos que este pode se dar pela viabilidade de instrumentos para que grupos sejam fortalecidos, como também pelos próprios grupos que podem, de forma autônoma, se empoderar a partir de habilidades desenvolvidas para atuação no meio em que vivem, para uma libertação social. Há uma compreensão de que o

empoderamento feminino consiste no poder de conduzir mulheres a atuarem em seu próprio benefício.

O empoderamento feminino envolve sobretudo o árduo processo histórico das mulheres para se estabelecerem diante das desigualdades de gênero, já apontada por Hirata (2002), quando reforça a importância da luta contra a opressão capitalista e discriminações sexuais dentro do contexto de precarização do trabalho. Segundo Scott (1996), gênero é um elemento característico presente nas diferenças entre o sexo e não versa a igualdade entre homem e mulher, mas evidencia que as diversidades não necessitam ser construídas como hierarquias (SCOTT, 1996). Nesse sentido, percebe-se que cada ser humano é único, e suas diferenças apenas caracterizam questões biológicas, e não a superioridade de aspectos sociais.

Conforme a Organização Mundial das Nações Unidas Mulheres (ONU Mulheres, 2021), o gênero feminino no Brasil toma a decisão de empreender por necessidade para complementar a renda ou alcançar a independência financeira, na maioria das vezes por precisar assumir o sustento da família. Esta organização apoia o empreendedorismo feminino, na tentativa de reduzir as diferenças no mundo do trabalho entre homens e mulheres, e segundo dados do Sebrae (2020), as empreendedoras têm menor acesso a linhas de crédito para estruturar seu negócio, e desafios relacionados a maternidade que exige maior flexibilidade no trabalho. Outro dado, da Rede Mulher Empreendedora [RME] (QUANDO..., 2021), a primeira rede de apoio ao empreendedorismo feminino brasileira, para a capacitação de mulheres em situação de vulnerabilidade, aponta que 53% das empreendedoras brasileiras são mães e tentam conciliar as tarefas domésticas e a vida profissional. É válido ressaltar que Araújo (2015) identificou em sua pesquisa que o sistema capitalista reflete na vida das mulheres do seu estudo, que partem para o trabalho informal, e as remete a uma categoria de vulneráveis.

Esse labor duplo feminino identificado na pesquisa de Araújo (2015) é a situação de mulheres que precisam do trabalho ao tempo em que necessitam manter a família. Diante do exposto, se fez perceptível que programas como o “Mulheres mil” buscam melhorar a qualidade de vida, gerar renda e oportunidades de emprego para o gênero feminino, e, principalmente, motivar o empoderamento (ação de passar a possuir poder) tanto individual quanto coletivo.

Dada a complexidade dos múltiplos papéis exigidos e exercidos pela mulher na sociedade, como ser mãe, doméstica e trabalhadora assalariada, existe um

perceptível desgaste que caracteriza essa vulnerabilidade do gênero. O trabalho de Araújo (2015) teve uma implicação intrínseca com o objeto deste estudo quando apontou o empreendedorismo como um caminho na tentativa de minimização de questões como o desemprego.

Acrescenta-se a este estudo, questões que se somaram às dificuldades das mulheres na sua atuação no mercado de trabalho como empreendedoras, como a pandemia iniciada em 2019, que perdura até a finalização desta pesquisa, no ano de 2021.

Ao refletir sobre trabalho e gênero, também se fizeram necessárias discussões que permearam sobre as identidades sociais relacionadas à dominação ou discriminação da mulher ao longo da história. Consideramos importante destacar Chodorow (1990, p.50) quando aponta que “o intenso e quase exclusivo papel materno se deve a uma transposição social e cultural das suas capacidades de dar à luz e amamentar”. Essa colocação permite o entendimento de que a participação da mulher no contexto histórico social estereotipou-se como uma pessoa preparada para o labor materno. Desde a mais tenra infância, as mulheres foram educadas para o cuidado, ao ficarem sempre presas às mães. Chodorow (1990) reitera que o homem, para se tornar um ser masculino, precisa “romper” essa identificação de origem materna, ficando mais compreensível a divisão sexual do trabalho permeada na sociedade.

Diante do exposto, percebemos que a luta na construção da identidade feminina tem, no seu íntimo, a busca pela sua significação, igualdade de direitos políticos e econômicos, e sobretudo que, a questão de gênero expõe dilemas relacionados às diferenças sexuais entre homens e mulheres, o que também pode ser evidenciado na prática empreendedora, quando mulheres encaram enfrentamentos impostos pelo mundo do trabalho.

Em relação ao objeto deste estudo, mulheres feirantes foco dessa investigação, são protagonistas de saberes no âmbito local e de práticas empreendedoras, dentro dos seus contextos individuais de identidade histórica.

Para Oliveira, E. (2004), o empreendedorismo social se caracteriza como ações coletivas que tem como resultado benefícios para a sociedade com o intuito de resolver um problema social. Para o autor supracitado, o empreendedorismo social surgiu de forma emergente no momento em que questões sociais receberam menos atenção do governo e pessoas passaram a empreender para suprir essa deficiência.

À luz da revisão da literatura das pesquisas visitadas de Silva (2012), Pinheiro (2017) e Araújo (2015), compreendemos a relevância das feiras livres como fonte de renda de famílias sem alternativas de sobrevivência econômica, e que cresceram progressivamente devido ao desemprego; também visualizamos as transformações socioespaciais no Recôncavo Sul da Bahia pelo panorama de dois municípios do território - Cruz das Almas e Santo Antônio de Jesus, bem como a importância da discussão sobre os enfrentamentos do gênero feminino diante da sociedade capitalista, como a falta de oportunidades de trabalho formal, situação que conduziu e ainda conduz mulheres ao empreendedorismo. Outras questões foram observadas como as mudanças históricas, sociais e econômicas pelas quais o território do Recôncavo Baiano passou ao longo da sua história e o papel da feira livre na formação do mesmo. Neste sentido, as pesquisas visitadas auxiliaram na construção dos capítulos desta dissertação, pela obtenção de um panorama contextual e uma visão histórico-crítica.

1.5 ESTRUTURAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

De acordo com a Instrução Normativa nº 02/2021 do Programa de Mestrado em Intervenção Educativa e social (MPIES), este é um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC e encontra-se em formato de dissertação, totalizando quatro capítulos.

No Capítulo 01, apresentamos a introdução, objeto de estudo, justificativa, objetivo geral, específicos e a questão da pesquisa para o desenvolvimento desta investigação. Utilizamos como aporte metodológico a pesquisa bibliográfica e documental. Dessa forma, apresentamos uma seção específica para detalhamento dos percursos metodológicos e outra para a apresentação do campo de estudo - a feira livre da cidade de Santo Antônio de Jesus em seus aspectos históricos e socioeconômicos. Ainda no Capítulo 01, desenvolvemos uma revisão de literatura com os achados das pesquisas visitadas que auxiliaram na compreensão da discussão sobre gênero na sociedade e a condução ao empreendedorismo feminino. Observamos nas literaturas visitadas as mudanças socioespaciais e econômicas no território do Recôncavo Baiano que impactaram na sua dinamicidade e que foram historicamente influenciadas pelas feiras livres.

Para o alcance do objetivo geral desta pesquisa: analisar e intervir nas propositivas advindas da realidade de mulheres empreendedoras sociais, que atuam no ramo de hortifruti de uma feira livre no território do Recôncavo baiano, detalhamos os objetivos específicos, atendidos em cada capítulo, descritos a seguir:

O primeiro objetivo específico dessa pesquisa: “Apresentar o território de identidade do Recôncavo Baiano, seu contexto sócio econômico, cultural e especificidades da feira livre” alcançado no Capítulo 02, que teve como título: “O território de identidade do recôncavo baiano: análise de uma literatura produzida”. Apresentamos aspectos históricos, econômicos, sociais e culturais do Recôncavo baiano; e buscamos compreender a história e o estabelecimento de uma feira livre no território. Entendemos que a feira é uma tradição desde o Brasil colônia, mesclada com práticas africanas, se faz presente na maioria das cidades brasileiras com papel sociocultural e de abastecimento urbano. Percebemos que a feira livre representa um processo de trocas de produtos, serviços, favores, ideias e sociabilidades nas suas relações, e seus atores sociais, os feirantes, lutam em prol de uma moral que vai além de “acumular capital”, implicada com a condição de assegurar a sobrevivência familiar.

Neste capítulo, evidenciamos um diálogo interdisciplinar acentuado das categorias território, cultura, economia e feira livre.

O segundo objetivo específico deste trabalho: “Identificar o empreendedorismo na perspectiva da identidade de gênero feminino e a realidade de mulheres empreendedoras no ramo do trabalho de hortifruti de Santo Antônio de Jesus-BA”, explanado no Capítulo 03: “O empreendedorismo social na perspectiva da identidade de gênero feminino: diálogos com campo empírico”, traçamos um diálogo com o contexto da feira livre de Santo Antônio de Jesus – Bahia, apresentamos os discursos de mulheres feirantes nos seus espaços laborais, por meio de uma interlocução com autores nas categorias de gênero, raça, trabalho e empreendedorismo social, juntamente com achados de campo sobre o empreendedorismo feminino na feira de Santo Antônio de Jesus-BA.

O terceiro objetivo específico “Construir uma propositiva de intervenção por meio de um Boletim Informativo Digital, após a percepção da realidade das mulheres empreendedoras no ramo do trabalho de hortifruti na feira livre de Santo Antônio de Jesus/Bahia”, foi alcançado no Capítulo 04, intitulado: “Mulheres empreendedoras sociais no ramo de trabalho de hortifruti da feira livre de SAJ: propositivas de intervenção”. Neste último capítulo, discutimos os resultados identificados em pesquisa de campo relacionados a atuação laboral das mulheres pesquisadas na feira livre de SAJ/BA e o empreendedorismo feminino. No mesmo capítulo, apresentamos o Boletim Verde, um informativo em meio digital construído de maneira dialogada com as mulheres pesquisadas, que teve como objetivo dar visibilidade a mulher feirante e apresentar em seu conteúdo, sugestões dialogadas sobre empreendedorismo feminino. Este será publicizado em versão digital (PDF) e no portal da prefeitura de Santo Antônio de Jesus/BA.

Seguimos para as (in)conclusões desta pesquisa, onde foram retomados os objetivos e a questão da pesquisa, feito um breve comentário dos capítulos, da metodologia e das mulheres pesquisadas no estudo. Nesta etapa, buscamos elucidar os achados, dificuldades e produto final construído. Ainda destacamos a relevância social deste trabalho, seus desdobramentos e importância para o Grupo de Estudos e Pesquisa em Religião, Cultura e Saúde (GEPERCS) e Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES).

CAPÍTULO 02

2 O TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DO RECÔNCAVO BAIANO: ANÁLISE DE UMA LITERATURA PRODUZIDA

2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo realizamos um traçado do território de identidade do Recôncavo baiano, com objetivo de compreender seus aspectos conceituais, históricos, socioeconômicos e culturais. A questão de estudo identificou de que modo a feira livre se estabelece diante do território do Recôncavo Baiano e da cultura local? Para o alcance do objetivo e da questão posta, utilizamos uma pesquisa bibliográfica nos principais autores: Barickman (2003), Mascarenhas e Dolzani (2008), Bauman (2003), Soares e Gomes (2002), Laraia (1997), Mott (1976), Santos, M. (1959; 1996), Santos, B. (2002) e Ribeiro (1995). Para compor o capítulo, fizemos uso de uma pesquisa documental nos seguintes órgãos destacados: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) e Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia (SEPLAN). Além das considerações iniciais, o capítulo encontra-se estruturado da seguinte forma: 2.2) O território de identidade e a cultura local; 2.3) Especificidades de uma feira livre: concepções históricas e culturais e 2.4) Considerações finais.

2.2 O TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DO RECÔNCAVO BAIANO E A CULTURA LOCAL

A compreensão de um território, segundo Santos, M. (1996), vai além de um espaço delimitado e regulado. Sua definição conduz a percepção de que o mesmo é passível de transformações ao longo da história. A “configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou área e pelos acréscimos que os homens super impuseram a esses sistemas naturais” (ibid, p.51). Ao analisar esta afirmação, percebemos que o território vai além de ser uma área

demarcada, ele abrange uma complexidade maior, e o seu processo de reconstrução temporal envolve relações sociais.

[...] o território é o chão e mais a população, isto é uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre as quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que está falando em território usado, utilizado por uma população (SANTOS e SILVEIRA, 2003, p. 174).

Baseado nesta citação, compreendemos que pode não existir um território em si mesmo se não ocorrer a ação dos seus atores. Santos e Silveira (2003) corroboram quando afirmam que existem outras possibilidades de se constituir um território, não apenas na concepção tradicional do “poder político-econômico” ou de apropriação, mas também ao poder no sentido mais subjetivo. Dessa forma, inferimos que o conceito de território envolve também a definição de identidade, que são

afinidades estabelecidas transmitindo às pessoas que as vivenciam o sentimento de pertencer a determinados grupos sociais. A identidade pode basear-se na ideia de uma descendência comum, de uma história assumida em conjunto ou de um espaço com o qual o grupo assume eles [...] (CLAVAL, 2001, p. 179).

Ao analisar as concepções de território e de identidade refletimos que o seu desenvolvimento está intimamente relacionado ao sentimento de pertencimento das pessoas com o local, bem como das relações historicamente estabelecidas. Sendo assim, o território se expande para além da definição de espaço geográfico, quando também é definido como o resultado das relações sociais que se constroem nos lugares e municípios.

Na essência epistemológica, ao observar os termos território e identidade, em confronto com as constatações práticas observadas, há uma possibilidade de se questionar a configuração do território como simples unidade de planejamento e ação de políticas públicas de médio e longo prazo. Pelo entendimento conceitual compreendemos que há mais pluralidades do que singularidades nos territórios, pois eles mudam com o passar dos anos, junto com as suas identidades em processo constante de (re)construção.

O termo “Território de Identidade” surgiu no Brasil a partir dos movimentos sociais ligados à agricultura familiar e à reforma agrária, adotado pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário (BRASIL, 2005).

Esses territórios baianos, chamados de Territórios de Identidade, representam os lugares de convivência a partir de onde é possível pensar, inovar, planejar e executar ações para melhorar as condições de vida de seus cidadãos. Para isso, é necessário que sociedade civil, governantes e os representantes dos setores produtivos e empresariais se articulem com o propósito de identificar e potencializar os atributos e capacidades dos territórios, e destes no conjunto do Estado. O aproveitamento dessas capacidades e atributos contribuirá para diminuir as desigualdades entre os territórios da Bahia e entre eles e outras regiões (PERAFÁN e OLIVEIRA, 2013, p. 8).

Como visto acima, o entendimento do termo “território de identidade” pode se configurar como um lugar de convivência onde existem capacidades de pensar, inovações e planejamentos de ações que possam melhorar a qualidade de vida dos habitantes do mesmo, contudo, muitas vezes não existe a obtenção da referida definição numa práxis.

Ao considerar o pensamento de Santos, M. (1996) sobre o conceito de região, refletimos sobre um espaço que comporta a realidade do local, no sentido de vivências e da prática social. Santos, M. (1996) destaca que "nenhum subespaço do planeta pode escapar ao processo conjunto de globalização" (p. 196). Entendemos que, a expansão do capital hegemônico teria eliminado as diferenças regionais, o que pode dificultar uma reflexão mais aprofundada sobre a região (ibid). Santos, B. (2002) concorda quando coloca que existe uma necessidade de luta na busca pela minimização de desigualdades e problemas sociais a nível regional, devido a hegemonia capitalista. Ao verificar as falas desses autores, refletimos que o mundo se coloca refém de um processo de globalização cujos impactos são sentidos a nível regional e que podem colocar em risco práticas e costumes locais.

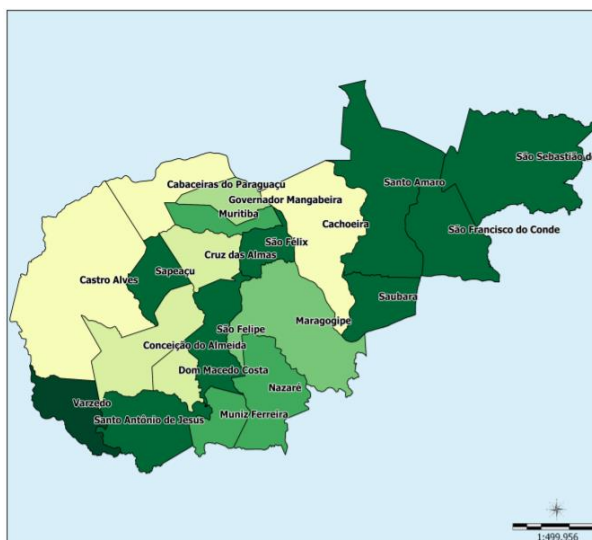
Em termos demográficos, o território de identidade do Recôncavo Baiano é composto por 20 municípios, como aponta o IBGE (2017)

Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Sapeaçu, Saubara e Varzedo (IBGE, 2017).

Observamos que o território alcança a maior parte do Nordeste baiano, com uma área de 5.221 km², sendo os municípios de destaque em número de habitantes:

Santo Antônio de Jesus, com 102.380, e Cruz das Almas, com 63.591 – população estimada (BAHIA, 2019, p. 1).

Figura 6: Território do Recôncavo Baiano



Fonte: Base cartográfica IBGE (2015).

Em uma perspectiva histórica, diferentes atividades caracterizaram o território do Recôncavo Baiano. Ele integrou microrregiões desde os tempos da colonização. O território “provém das relações mantidas de longa data entre suas várias atividades, recôncavo canavieiro, fumageiro, mandiogueiro e da cerâmica, sem falar nas zonas pesqueiras beirando mais proximamente o litoral” (SANTOS, M., 1959, p. 62). De acordo com a história de sua subsistência, as lavouras de mandioca se mantiveram como destaque, impulsionando o avanço no comércio de farinha da região, e o conjunto da agricultura, escravista até a sua abolição.

No século XIX, o aumento da demanda de açúcar nos países da Europa, principalmente na Inglaterra, conduziu a revolução industrial e a urbanização no território. Barickman (2003) explica que a agricultura do recôncavo baiano se desenvolveu com as produções de açúcar, pecuária, fumo e mandioca ao longo do século XIX e XX. A expansão do seu interior se deu com a lavoura fumageira, que ocupou as áreas circunvizinhas àquelas cultivadas com cana-de-açúcar. “Posteriormente, em conjunto com as lavouras de subsistência e a pecuária, se estendeu até os municípios de Cruz das Almas, Sapeaçu, Conceição do Almeida, São

Felipe e Castro Alves” (PLANO TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL DO RECÔNCAVO [PTDRSS], 2017, p. 15).

Ao longo dessa história, a modernização da economia açucareira substituiu o engenho pela usina, e a organização socioespacial do território começa a se estruturar também pelas feiras livres e ferrovia, que se revelaram dinamizadores principalmente após o final do século XIX. Entendemos que tanto as feiras, quanto a ferrovia contribuíram para que o povoamento da região avançasse, e, com o passar do tempo, as crises na fabricação do açúcar no Brasil impactaram negativamente sob a economia local.

De acordo com Barickman (2003), as produções de açúcar, fumo e mandioca foram as que mais marcaram a história do território. Outros marcos temporais do Recôncavo no século XX, foram a implantação da BR 101, na década de 1970, e o fechamento de fábricas de charutos em Cruz das Almas, São Félix, Muritiba e Maragojipe, na década de 1990.

De acordo com o SEI (BAHIA, [202-?], p. 1), em termos econômicos, hoje o território de identidade possui 3.179 estabelecimentos voltados ao comércio e 1.875 a serviços. Observamos com tais números, que tanto o comércio quanto os serviços, atraem para os municípios da região uma população fixa e flutuante, trazendo uma dinamicidade socioespacial. No território, algumas parcerias foram feitas entre o Governo estadual e Instituições Federais como a Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), o Serviço Nacional e Aprendizagem Industrial (SENAI) e o SEBRAE (BAHIA, 2019).

Em uma perspectiva étnica e cultural do território, observamos que o Recôncavo baiano é uma região brasileira de intensa influência africana por ter recebido milhares de homens e mulheres negros oriundos de várias partes da África, que ali foram escravizados (OLIVA, 2009), que influenciou nas crenças e valores compartilhados no referido território, proveniente da implantação da economia açucareira, por intermédio dos engenhos de açúcar.

Ribeiro (1995) explica que a população nordestina resultou na mistura das raças branca, indígena e negra. O Recôncavo baiano é marcado pela resistência dos negros escravizados historicamente e que lutaram por liberdade pelas fugas para territórios quilombolas. Os autores Soares e Gomes (2002) afirmam que na época,

para se manterem nos seus quilombos⁴, os negros passaram a executar outras formas de trabalho, como o transporte de carga, a venda de alimentos, os serviços operários e de quitandeiras. Ressaltamos que as mulheres negras chamadas de quitandeiras, utilizavam o tabuleiro para expor seus alimentos à venda nas ruas e feiras, e que estas atividades também fomentaram o surgimento de pequenos comércios locais no território do Recôncavo baiano. Essa história nos remete a luta da mulher negra no Recôncavo marcada pela desigualdade sócio racial, quando negras buscaram novas formas de sobrevivência desde o período pós escravidão, quando o intuito era de conseguir o seu próprio sustento.

De acordo com Pantoja (2004), antes de serem trazidas para o Brasil, as quitandeiras já existiam na África, e com a sua chegada, trouxeram consigo os chamados “gêneros de primeira necessidade” ao país, pelas migrações transatlânticas. Segundo Soares e Gomes (2002), as quitandeiras, tiveram que se adaptar a demanda e oferta local, conquistando o espaço do “comércio a retalho”. É comum observar que a prática da quitanda perdura nos dias atuais nas feiras livres da Bahia e do Recôncavo, onde se encontra o maior quantitativo da raça negra do Brasil, podendo ser considerado um costume cultural.

O estado da Bahia e seus territórios são compostos por diferentes perfis raciais, e as desigualdades por cor ou raça ainda marcam a sua história. Essa questão reproduz o aumento dos níveis de vulnerabilidade econômica e social, como afirma dados da SEI (BAHIA, 2020, p. 4)

A Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios (PNAD) em 2019 mostrou que 81,6% (5.687 mil pessoas) da força de trabalho na Bahia eram negras e 79,9% (4.010 mil) dentre os indivíduos fora da força de trabalho também eram negros. Apesar de ser a esmagadora maioria da força de trabalho, a população negra possuía taxas de desemprego mais elevadas (17,2%), superando a taxa da população branca (14,8%) e a do total dos baianos (16,8%). A disparidade era ainda mais perversa em relação às mulheres negras (20,3%), cujo índice superou o calculado para os homens brancos (12,2%), para os homens negros (14,8%) e para as mulheres brancas (17,6%) (BAHIA, 2020, p. 4).

⁴ Na era colonial e imperial, foram espaços construídos pelos escravizados negros africanos e afrodescendentes fugidos da escravização em busca de viver em liberdade.

Observamos nestes índices, que no mercado de trabalho, a probabilidade de estar desempregado é maior entre as mulheres negras baianas, aliado ao desemprego por conta da crise econômica provocada pela COVID-19, desde meados de 2019.

A nível de educação, o Recôncavo teve uma diminuição na taxa de analfabetismo em dez anos no período do ano 2000 a 2010, passando de 21,7% (2000) para 16,2% (2010). Conforme os indicadores do SEI (BAHIA, 2019, p. 1-2), existem na região, cursos de graduação e pós graduação oferecidos em instituições de ensino superior que contabilizam 102 unidades presenciais e 710 polos de ensino a distância (EAD), onde existem universidades públicas, faculdades privadas e institutos federais, nas cidades de Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Muritiba, Nazaré, Salinas da Margarida, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus e São Felipe (IFBA, *online*). Podemos considerar referências no ensino público superior do território, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), localizada na cidade de Cruz das Almas e Santo Antônio de Jesus, bem como a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus V*, em Santo Antônio de Jesus (BAHIA, 2019).

Observados tais dados, de acordo com o Sebrae (2020, p. 10), a região do Recôncavo Baiano alavancou em termos sócio econômicos pela atuação de universidades, faculdades, instituto federal (IFBA) e indústrias locais. Contudo, observamos que, a pandemia da COVID-19 gerou uma crise econômica que afetou a indústria, o comércio e os serviços. Desde meados de 2020, muitas fábricas e pequenos comércios fecharam causando um aumento do número de desempregados formais em toda região (SEBRAE, 2020, p. 10).

Segundo publicação da SEI (BAHIA, 2020, p.7) “a remuneração é uma das variáveis que refletem disparidades, [...] que incidem com maior intensidade sobre a população negra”. Observamos diante do exposto, que ainda existem desigualdades de acesso à educação superior apesar do sistema de cotas, e, quando se trata de mercado de trabalho, ainda há dificuldades de acesso por gênero e raça conforme aponta o relatório do Panorama da população negra na Bahia (BAHIA, 2020, p. 4), anteriormente citado.

Em termos de planejamento para o território existe a necessidade de elaboração de documentos, leis e decretos municipais. Segundo Neves (2002, p. 98), estes “registram, com riqueza de detalhes, o dia-a-dia de um município e seus habitantes [...], abordam o econômico e social, como uma fotografia de corpo inteiro

da comunidade municipal”. Assim, as posturas municipais e as leis orgânicas dos municípios indicam os parâmetros das relações sociais. Por meio desses documentos fica mais compreensível os prepostos da lei, e ou a existência de intervenções públicas nos territórios e dentro dos municípios.

Segundo o Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário, o PTDRSS do Recôncavo (2017, p. 11), “um planejamento que programa ações de intervenções para o território do Recôncavo a longo prazo”, elaborado com o apoio do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), há uma tentativa de mudança da realidade social, cultural, política, econômica e ambiental do Recôncavo, com o apoio de atores sociais locais. Observamos que o seu planejamento almeja englobar a sociedade quando afirma que as ações propostas para o território perpassam pela identidade e vivência do cotidiano dos sujeitos que configuram o lugar, como o resultado de suas relações sociais. Contudo, entre a teoria e a práxis, percebemos que, como em todo e qualquer plano, existe a necessidade de acompanhamento efetivo de suas ações e o vislumbre de resultados reais dentro dos municípios pertencentes ao território, bem como das comunidades locais.

À nível municipal, o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) conforme o Estatuto da Cidade, Lei Federal 10.257/2001, é um instrumento da política de desenvolvimento e expansão dos municípios, originário dos movimentos sociais que lutaram por reformas urbanas no Brasil. Está fundamentado na Constituição Federal (1988) e na Constituição do Estado da Bahia (1989 [1947]). Sua finalidade está em ordenar o desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes (BRASIL, 1990 [1988]).

Identificamos que existe uma obrigatoriedade do PDDU para cidades com população acima de vinte mil habitantes, ou inferior a este número, caso existam áreas turísticas e de impacto ambiental na região. No Brasil, o planejamento das cidades é feito pelo Estatuto da Cidade⁵, um marco legal para o desenvolvimento municipal. A Constituição de 1988 dá origem a diretrizes fundamentais quando estabelece normas de ordem pública que regulam o uso da propriedade urbana em prol da coletividade, segurança e bem-estar da população (BRASIL, 1990 [1988]).

⁵ Oficialização da Lei 10.257 de 10 de julho de 2001.

No município de Santo Antônio de Jesus, o PDDU é o instrumento utilizado para o planejamento à nível urbano, “é ele quem deve promover o diálogo entre os aspectos físicos/territoriais e os objetivos sociais, econômicos e ambientais que temos para a cidade” (BRASIL, 2002, Art. 39º e 40º). Portanto, o PDDU é o plano que regulamenta e traz em seu escopo um planejamento à nível local para a feira livre pesquisada neste trabalho, que é gerida pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAAB) de Santo Antônio de Jesus-Bahia.

2.3 ESPECIFICIDADES DE UMA FEIRA LIVRE: CONCEPÇÕES HISTÓRICAS E CULTURAIS

As feiras possuem uma importância cultural antiga. Segundo Mott (1976), a primeira feira livre no Brasil, criada no período colonial no Nordeste, e chamada feira do “Capuame ou Capoame”, acontecia no norte do Recôncavo Baiano. Esta feira citada pela historiografia como uma das mais importantes, possui poucos estudos sobre sua existência. Identificamos que seu funcionamento no período colonial aconteceu no sertão baiano e envolvia a pecuária. Mott (1966) completa que, o aparecimento das cidades no Brasil está relacionado ao surgimento das feiras livres que possibilitaram atividades comerciais e instigaram a abertura de estradas e comunicações entre grupos.

No processo de formação das cidades brasileiras, as feiras foram se estabelecendo como local de comércio da população, na região Nordeste, no geral e na Bahia, especificamente. Alguns autores defendem que, no Nordeste, a feira livre obteve êxito em função da sua formação econômica e socioespacial que envolve agricultura e pecuária praticadas na região (SANTOS; SILVEIRA, 2003).

No Recôncavo baiano, a feira livre é uma atividade de bastante representatividade para o território. Nestes locais, observamos uma rede de relações sociais, culturais e econômicas entre microcidades, especialmente em municípios de pequeno porte do Recôncavo, um costume cultural. Segundo explica Laraia (1997, p. 22), “a cultura em seu amplo sentido etnográfico é todo complexo que inclui costumes, qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”, isto elucida padrões de comportamento socialmente transmitidos, que se constituem como um modo de vida da comunidade, incluindo sua organização política, econômica, social e religiosa, aspectos permanentemente presentes numa feira.

Segundo Mascarenhas e Dolzani (2008), a feira possui uma longa trajetória no espaço urbano de persistência, com difícil sobrevivência diante da (pós) modernidade. Burke (1983, p. 132) corrobora quando afirma que “a cultura de um grupo deve ser percebida a partir de seus contextos históricos, e para o autor, existem cenários e personagens no espaço da feira livre”. Nesse aspecto, observamos o ofício do feirante como um costume comum na obtenção de renda para homens e mulheres que enfrentam o desafio de garantir a subsistência familiar, e neste sentido, compreendemos que a feira livre se configura como um modo de produção do território, um local que por vezes enfrenta a reprodução das relações capitalistas, e mediante esse enfrentamento.

Vale ressaltar que, para além do quesito estritamente econômico ou de uma “economia de mercado”, a feira representa um lugar em que as trocas de serviço, favores, ideias, sociabilidades e relações com a sociedade são pautadas no que define Santos, H. (2018, p. 24) em uma “economia moral”. Essa circunstância pode estar implicada com a condição de assegurar a sobrevivência familiar. O referido autor completa que “os feirantes lutavam em prol de uma moral que, muito mais forte que acumular capital e enriquecer-se, estava a condição de assegurar a sobrevivência da família” (ibid, p.23).

Isto posto, entendemos que esta condição pode estar relacionada com o empreendedorismo por necessidade, no momento em que pessoas assumem o risco de empreendimentos pela escassez de oportunidades no mercado de trabalho formal.

Numa perspectiva econômica, ao tomar como base a teoria dos dois circuitos, Santos, M. (1978) explica que existem dois circuitos da economia, o primeiro chamado de “moderno”, que traz alta tecnologia, e “o chamado circuito inferior atua em escala menor, mas é bem enraizado, e mantém relações privilegiadas com sua região” (ibid, p.16), assim, cada circuito forma um subsistema do sistema urbano. Na sua obra “Espaço dividido” (SANTOS, M., 1978, p.34), define que “ambos circuitos se encontram em um panorama contemporâneo”.

Percebemos que a definição dos dois circuitos não os constitui categorias estanques, portanto, não se pode afirmar que a feira se encontra em um circuito específico. No entendimento de Santos, M. (1978), ambos circuitos dialogam entre si e compõem o cenário econômico urbano regional.

Interpretamos que a dinamicidade da feira, a caracteriza também como espaço educativo não formal, popular, constituído num processo cultural simbólico. Sua

organização pode ser observada numa perspectiva plural, em que a construção do espaço depende da reprodução social dos feirantes. Neste sentido, a representação da feira livre se constitui em um espaço onde ocorrem práticas de comércio de diversos produtos que suprem as carências da população, contudo, percebemos que ela vai além, no momento em que resiste às dificuldades cotidianas enfrentadas quer por trabalhadores informais ou oriundos do campo.

Vislumbramos isto quando os feirantes usam os seus saberes populares, trabalho e histórias de vida na construção do seu ambiente de atuação. Nas feiras, mesmo com o passar dos anos, o modo de lidar com o público continua igual, e essa circunstância a constitui um símbolo histórico que permite que a população compartilhe tradições culturais. Segundo Mascarenhas e Dolzani (2008), a feira está inserida numa sociedade moderna, e se estabelece como local comunitário importante no meio urbano.

Ao analisarmos a sociabilidade dentro do ambiente de uma feira livre sob a ótica de Bauman (2003), entendemos que a feira consegue até os dias atuais preservar a humanização nas relações, diferente dos relacionamentos observados na sociedade pós-moderna, frágeis e impessoais. Visualizamos esses aspectos quando observamos o tratamento que o freguês recebe do feirante, quando é convidado a experimentar o produto como forma de garantir sua qualidade, uma especificidade cultural da feira livre. Neste sentido, enxergamos a feira como uma tentativa de manter viva as relações entre pessoas, vínculos de solidariedade diante da atual sociedade fluída, por meio de sujeitos que se relacionam entre si, na perspectiva de que o seu espaço traz consigo um resgate da identidade e do pertencimento, importantes para o estabelecimento cultural de um território.

Notamos a relevância das feiras livres tanto para a economia regional, quanto para a manutenção da cultura local no ambiente público, pois faz parte do território de identidade e do cotidiano das pessoas do lugar. Mascarenhas e Dolzani (2008) explicam que a feira representa uma experiência peculiar de sociabilidade e de uso da rua. Laraia (1997, p. 47) complementa

são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante (LARAIA, 1997, p. 47)

Nas feiras, percebemos a tradição cultural que o ser humano transmite como um padrão de comportamento transgeracional⁶. Observamos a tradição do "passar adiante" os costumes e valores do grupo social ou da comunidade, cujos elementos transmitidos passam a fazer parte da cultura do local, como um legado histórico-cultural. Nos dias de feira, ganham amplitude as interações sociais e políticas.

De acordo com o Estatuto da Cidade (BRASIL, 2002), em algumas cidades é estabelecido um dia da semana específico para funcionamento, como um serviço de utilidade pública municipal, exercido por trabalhadores na sua maioria informais.

Identificamos na atualidade, algumas feiras brasileiras que podem ser destacadas como pontos de visitação gastronômica e turística, por serem espaços que atraem diversas pessoas nas regiões do país, como o mercado municipal de São Paulo, o mercado central de Belo Horizonte (MG), as feiras de São Cristovão (RJ), Caruaru (PE) e São Joaquim em Salvador (BA), que evidenciam a importância histórica, cultural e social da feira livre no Brasil. Destacamos a chamada "Feira Preta", que acontece em São Paulo e enaltece a cultura e o empreendedorismo negro. Está representada na Figura 07 abaixo:

Figura 7: Feira preta



Fonte: Monica Sula, Terra Preta Produções (2019), via: (FEIRA..., 2019).

Desde 2002, a Feira Preta traz uma grande visibilidade para empreendedores negros que expõem seus produtos e serviços ligados ao universo afro-étnico. Uma característica inerente a esta feira é que existem muitas mulheres, com menos de 40

⁶ Relativo à geração, etapa da descendência humana que deve ser seguida por outra.

anos, cujos negócios estão na categoria de microempreendedor individual no ramo de moda, vestuário, estética e alimentação (SOBRE..., 2021).

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, foram considerados aspectos conceituais, históricos, socioeconômicos e culturais do Recôncavo Baiano e sua relação com a feira livre diante do território e da cultura local. Concluímos que, no processo de formação das cidades brasileiras as feiras tiveram papel representativo bem como na Bahia e no Recôncavo.

Percebemos que, numa feira existem trocas e sociabilidades que representam a funcionalidade do comércio e suas relações com a vida em sociedade que vão além do simples aspecto econômico. Analisamos variações históricas, e partindo dessas perspectivas, compreendemos aspectos identitários, solidariedades e relações humanas, componentes que dão forma à vida cotidiana de uma feira livre.

Por fim, observamos a relação da cultura com a feira e seus aspectos socioeconômicos, numa compreensão do seu funcionamento, consideramos que hábitos adquiridos pelo ser humano num contexto histórico e costumes podem favorecer em práticas empreendedoras dentro de uma feira.

A feira livre de Santo Antônio de Jesus-Bahia, as mulheres feirantes do local, sua relação com o trabalho, desafios do gênero, entre outros aspectos são analisados na pesquisa de campo que é tratada no capítulo 03.

CAPÍTULO 03

3 O EMPREENDEDORISMO SOCIAL NA PERSPECTIVA DA IDENTIDADE DE GÊNERO FEMININO: DIÁLOGOS COM O CAMPO EMPÍRICO

3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este capítulo teve como objetivo compreender o empreendedorismo social na perspectiva de mulheres feirantes de Santo Antônio de Jesus - Bahia, e traçar um diálogo entre autores e achados do campo empírico. A questão de estudo verificou de que forma o empreendedorismo social pode ser identificado na perspectiva da identidade do gênero feminino na feira livre de Santo Antônio de Jesus? Para o alcance do objetivo e da questão posta, utilizamos uma pesquisa de campo, com coleta e análise de dados metodologicamente embasada pela história de vida (Haguette, 1997) e pelo Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005). Os conceitos de gênero e raça tiveram aporte teórico nos principais autores: Chodorow (1990), Davis (2016), Jesus (1960), Freyre (2006), Soares e Gomes (2002), Holanda (1994), Ribeiro (1995) e Scott (1996); as categorias globalização, trabalho e empreendedorismo social, em autores como: Castel (1998), Dornelas (2021), Melo Neto e Fróes (2001; 2002), Weber (1947) e Santos, B. (2009). O capítulo foi subdividido em seções que versam: 3.2) Diálogos com o campo empírico: análise e discussão; 3.3) Perfil das mulheres feirantes e 3.4) Considerações finais.

3.2 DIÁLOGOS COM O CAMPO EMPÍRICO: ANÁLISE E DISCUSSÃO

Segundo Haguette (1997) a história de vida permite que temas abordados sejam estudados do ponto de vista vivenciado por um grupo social. Realizamos uma pesquisa de campo por meio de entrevistas remotas que duraram em média de 1 a 2 horas com cada participante, no mês de março de 2021. Foram 5 mulheres, entre 25 e 55 anos, atuantes no ramo de trabalho de hortifrúti da feira livre de Santo Antônio de Jesus- BA, que possuíam o aplicativo *WhatsApp* com acesso à rede de *Wi-Fi*. As mulheres feirantes participantes deste estudo se reuniram em um primeiro momento (Quadro 04) com a mestrandia no dia 25 de fevereiro de 2021 pelo *Google Meet*. No

encontro, em diálogo e comum acordo com as mesmas, escolhemos os seguintes pseudônimos: E1 (entrevistada 1) - Morango, E2 (entrevistada 2) - Jaca, E3 (entrevistada 3) - Maçã, E4 (entrevistada 4) - Ameixa e E5 (entrevistada 5) - Uva, conforme detalhado no Quadro 03 abaixo:

Quadro 3: Mulheres pesquisadas

Entrevistada	Pseudônimo	Informações sobre a pesquisada
E1	Morango	25 anos, casada, mãe de um filho
E2	Jaca	34 anos, solteira, sem filhos
E3	Maçã	28 anos, solteira, mãe de um filho
E4	Ameixa	46 anos, solteira, mãe de duas filhas
E5	Uva	42 anos, solteira, mãe de três filhas

Fonte: Elaboração própria (2021).

O primeiro momento (Quadro 04) envolveu acolhimento, respeito, aceitação, inclusão e comprometimento com a proposta de construção do Boletim informativo digital, produto que foi detalhadamente explicado no Capítulo 04.

Quadro 4: Roda de conversa com as mulheres feirantes (primeiro momento).

Planejamento do primeiro momento					
Objetivo/Meta		Etapa/atividade		Responsáveis	Data
Exposição da proposta de construção do Boletim informativo digital (produto final da pesquisa do Mestrado em intervenção educativa e social – MPIES).		*Apresentação da mestranda Mariana Coelho e das mulheres feirantes		*Mariana Coelho	25 de fevereiro de 2021.
		*Exposição da proposta de construção do Boletim Informativo digital e do TCLE.			
		*Diálogo com as participantes da pesquisa.			
		*O que ocorrer.			
Operacionalização do primeiro momento					
Objetivo	Meta	Etapa/Condução da atividade Responsável: Pesquisadora		Participantes	Data
Exposição da proposta de construção do Boletim informativo digital (produto final da pesquisa do Mestrado em intervenção educativa e social – MPIES).	Escuta dialogada com as mulheres feirantes	*Apresentações de: E1 - Morango, E2 - Jaca, E3 - Maçã, E4 - Ameixa e E5 - Uva.		*Mariana Coelho E1 - Morango E2 - Jaca E3 - Maçã E4 - Ameixa E5 - Uva.	25 de fevereiro de 2021.
		*Exposição dialogada da proposta do Boletim Informativo digital e das metodologias para pesquisa de campo: - História de vida; - Discurso do Sujeito Coletivo.			
		*Explicações sobre o Termo de Consentimento Livre e esclarecido (TCLE).			
		*Diálogo com as mulheres feirantes, e aceite do TCLE.			
		*Agendamento da assinatura do TCLE e entrevistas remotas forma individualizada para o mês de março de 2021, via aplicativo <i>WhatsApp</i> .			

Fonte: Elaboração própria (2021).

3.3 PERFIL DAS MULHERES FEIRANTES PARTICIPANTES DA PESQUISA DE CAMPO

Antes de apresentarmos os resultados das entrevistas, trazemos um resumo do perfil das mulheres selecionadas no estudo de campo:

A E1 (entrevistada 1) - Morango, se mostrou bem adepta a participar da pesquisa e, durante a entrevista, colocou em seu discurso, como um conjunto de

ideias organizadas por meio da linguagem para colocar a sua história de vida, sem se emocionar, mas demonstrando-se orgulhosa por ter conquistado um espaço como mulher na feira. Sua entrevista durou em média 1 hora.

A E2 (entrevistada 2) - Jaca, mulher feirante que mais contribuiu com a entrevista, e assim como a E1, Jaca se considera uma mulher forte, característica que ficou bem evidenciada durante o relato da sua história. A sua entrevista durou mais de 2 horas, e a mesma fez questão de se intitular de “empreendedora” e orgulhosa por ter conquistado seu espaço na feira.

A E3 (entrevistada 3) - Maçã, bastante receptiva, contribuiu com a entrevista, que durou em média 40 minutos. Maçã é uma mulher de 28 anos, e relatou que sua história foi de lutas, mas que conseguiu sempre vencer pois se considera uma pessoa determinada e bem humorada, inclusive para negociar com os fornecedores (homens) na feira.

A E4 (entrevistada 4) - Ameixa, mulher feirante que mais se emocionou ao colocar a sua história de vida. Sua entrevista durou 2 horas e meia, ela chorou um pouco ao lembrar de quando viveu em São Paulo, engravidou e foi abandonada pelo namorado, tendo que criar suas filhas sozinha. Ao retornar para Santo Antônio de Jesus, Ameixa assumiu a barraca do pai, que foi feirante por muitos anos no local, ela relatou que se sente orgulhosa de ter dado continuidade ao comércio familiar.

A E5 (entrevistada 5) - Uva, uma mulher feirante que teve dificuldade de contactar, devido à pandemia. Sua entrevista durou em média 1 hora, ela se emocionou, ao lembrar das dificuldades que passou na infância, junto ao seu esposo, quando na época ainda vendia umbu no carrinho de mão na feira livre. Hoje Uva possui uma das barracas mais estruturadas da feira de hortifruti, e é bem respeitada entre as outras mulheres do local.

3.4 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)

Para tabulação e análise dos achados de campo, escolhida a metodologia do discurso do sujeito coletivo, que consiste na organização das entrevistas transcritas após a etapa da história de vida, partimos para extrair as Expressões-Chave (ECH), que demonstram a essência do conteúdo da narrativa da entrevistada. Após esta etapa, elaboramos as ideias centrais (IC), que correspondem a uma expressão resumida do sentido de cada narrativa, e logo após, fizemos as ancoragens (AC),

concepções mais amplas contidas nas narrativas. Feitos estes passos, produzimos os discursos-síntese, chamados de DSC's (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

Seguindo um roteiro de entrevista (APÊNDICE 02), as mulheres feirantes foram perguntadas sobre sua história de vida na condição de mulher no contexto pessoal, familiar e do trabalho, também a respeito da sua realidade como mulher no trabalho empreendedor na feira livre, e por fim, se ela teria sugestões para melhor atuação profissional na feira livre. As entrevistas gravadas foram transcritas de forma literal para o trabalho (as chamadas “Expressões-Chave”). Com as ideias centrais sintetizadas em expressão linguística, montamos as ancoragens, que representaram as falas das mulheres feirantes.

Ao final das entrevistas, categorizamos as expressões-chave em ideias centrais de sentido semelhantes, para definição de ancoragens. Para cada conjunto de ideias centrais e ancoragens identificadas, elaboramos um discurso-síntese chamado Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Segundo Lefèvre e Lefèvre (2005), para obter o discurso do sujeito coletivo se faz necessário o uso de narrativas individuais partindo de uma amostra que represente uma coletividade. Neste trabalho, para a organização dos discursos realizamos um quadro denominado “Instrumento da Análise de Discurso”, contendo as colunas: Expressões-Chave (ECH), Ideias Centrais (IC) e Ancoragem (AC).

Expressões-Chave ou narrativas que apresentaram similaridade, foram destacadas em negrito, de modo a facilitar a identificação das ideias centrais, postas em caixa alta e ordenadas alfabeticamente (A, B, C,...). Logo após a definição das ideias centrais, estabelecemos as ancoragens relacionadas a cada IC. Após as análises de todas as Expressões-Chave, Ideias-Centrais e Ancoragens, construímos três discursos-síntese resumidos no quadro 05 abaixo:

Quadro 5: Discursos do Sujeito Coletivo (DSC).

DSC	Título do DSC	Página
1	História de vida na condição de mulher no contexto pessoal, familiar e do trabalho	59
2	A realidade do trabalho empreendedor da mulher na feira livre	68
3	Sugestões para o empreendedorismo feminino na feira livre.	71

Fonte: Elaboração própria (2021).

Conforme Lefèvre e Lefèvre (2005), a elaboração desses DSC's tem como objetivo apresentar o discurso único do grupo pesquisado - uma amostra de mulheres feirantes do ramo de trabalho de hortifrúti na feira livre de Santo Antônio de Jesus – Bahia.

Quadro 6: Instrumento da Análise de Discurso 1.

Fale um pouco sobre sua história de vida na condição de mulher no contexto pessoal, familiar e do trabalho.			
<i>Pesquisada</i>	<i>Expressões-chave (ECH)</i>	<i>Ideias Centrais (IC)</i>	<i>Ancoragem (AC)</i>
Morango	<p>“Olá meu nome é Morango, tenho 25 anos, vim do interior de Valença e agora moro em Santo Antônio de Jesus. Vou contar um pouco da minha história no interior, morava com meus pais e meus cinco irmãos, mas aos 12 anos tudo isso mudou. Meus pais se separaram, tive que morar em Valença com a minha mãe e minha outra irmã, meu pai ficou morando no interior com meus dois irmãos, minhas outras duas irmã já morava sozinha, tínhamos uma vida simples mas confortável com 13 anos eu comecei a trabalhar de babá, ganhava 250 por mês pra mim aquilo era uma alegria por ter conquistado com meu próprio suor, até que conheci uma pessoa e fui morar com ela e ser independente era o que eu mais queria, aos 15 anos engravidei de um menino aos 16 dê a luz, trabalho na feira livre como feirante e vendo frutas”</p>	<p>TRABALHO PRECOCE COMO MULHER, AUTORRESPONSÁVEL POR CONQUISTAS PESSOAIS NA FEIRA LIVRE (A).</p>	<p>Enfrentamentos de gênero feminino e emancipação para o trabalho</p> <p>Empreendedorismo social feminino</p>
Jaca	<p>“Meu nome é Jaca, tenho 34 anos não tenho filho, sou nascida aqui mesmo parei o estudo, não cheguei a concluir ainda, fui concluir ano passado, mas parei no segundo ano. Eu moro no São Benedito, a minha criação foi um pouco difícil porque naquele tempo não era como hoje, foi um pouco difícil minha mãe criou três filhas sozinha, entendeu? Mas graças a Deus nós três irmãs, casadas, cada um tem sua casa é um</p>	<p>TRABALHO PRECOCE COMO MULHER, AUTORRESPONSÁVEL POR CONQUISTAS PESSOAIS NA FEIRA LIVRE (A).</p>	<p>Empreendedorismo social feminino</p>

	<p>pouquinho difícil, mas hoje a gente agradece pelas dificuldades, me acho uma vencedora porque hoje sou uma pessoa que conquisto tudo que eu quero conquistar porque tenho força, coragem e Deus e saúde em primeiro lugar, e a direção do espírito santo pra eu chegar onde eu quero. Em termo de aprendizado aprendi porque sempre fui vendedora aprendi com minha vó querida pegar mercadoria, roupa e calcinha, essas coisas aí ela pegava e eu vendia muito aí eu aprendi com ela. Eu vim parar aqui na feira porque um primo meu vendeu a barraca, daí como eu tava desempregada a ele perguntou se não queria alugar barraca dele. Aluguei levei 4 meses quando foi 4 meses eu comprei a barraca na mão dele. Tava na rua mas o prefeito transferiu pra cá pro galpão foi melhor porque tem ponto fixo mas as vendas diminuiu por conta da pandemia e da transferência do ponto. Sou uma boa vendedora porque já trabalhei no comércio, fui pra uma entrevista na Roupa Nova, tirei de letra porque primeiro entrevistadora me perguntou se eu tinha experiência, cheguei pra ela e disse como é que é que vai ter experiência se os próprios comercialista não dá oportunidade pra gente experimentar foi a forma que eu falei, ela gostou e fui contratada trabalhei lá mais de 1 ano. Eu também faço ovo de páscoa, comida baiana, doce, salgado, tudo por encomenda, entendeu? Pra completar a minha renda porque aqui na feira caiu bastante à venda então precisa procurar outro meio de você fazer alguma coisa pra completar a renda.”</p>	<p>TRABALHO COMO LEGADO CULTURAL (B).</p>	<p>Legado cultural</p>
<p>Maçã</p>	<p>“Oi meu nome é Maçã, tenho 28 anos, sou negra, natural de Santo Antônio de Jesus, fui criada aqui desde que nasci, tem um filho de 3 anos e no momento trabalho na feira como</p>	<p>TRABALHO PRECOCE COMO MULHER, AUTORRESPONSÁVEL POR CONQUISTAS PESSOAIS NA FEIRA LIVRE (A).</p>	<p>Empreendedorismo social feminino</p>

	<p>vendedora. Sobre minha criação, eu fui criada com meu padrasto com a minha mãe e foi uma criação tranquila, tenho um irmão de 30 anos que agora não mora mais aqui Santo Antônio, já trabalhei na feira de roupa e ajudava meu irmão, ele foi embora pra abrir um o mercado na ilha e nós foi criado assim tranquilo, eu fiquei com a barraca dele já tenho 3 anos na feira, e trabalho só na barraca.”</p>	<p>TRABALHO COMO LEGADO CULTURAL (B).</p>	<p>Legado cultural</p>
Ameixa	<p>“Meu nome é Ameixa, prima de Maçã, tenho 46 anos, moro aqui em Santo Antônio de Jesus, eu considero a minha raça negra, minha história de vida foi assim eu 15 anos sai de casa foi mora em São Paulo com tia minha foi trabalhar de babá chegando lá eu fui estudar depois de 23 anos eu fui trabalhar na área de restaurante com 18 anos engravidei do namorado sem experiência né aí o que aconteceu ele não quis assumir a criança a eu voltei e tive que largar o meu trabalho e tive que criar minha filha sozinha né só que com 7 meses a minha gravidez teve problema aí eu tive que pedir ajuda pra meus pais né aí voltei aqui pra Bahia tive minha filha, depois de seis meses eu retornei e fui trabalhar e criei a minha filha sozinha arrumei uma pessoa e depois me casei aí tive mais uma filha. Tive que enfrentar dificuldade, meu pai ficou doente e me passou a barraca há 11 anos. Meu pai era feirante há mais de 20 anos, vendia roupa na feira”.</p>	<p>TRABALHO PRECOCE COMO MULHER, AUTORRESPONSÁVEL POR CONQUISTAS PESSOAIS NA FEIRA LIVRE (A).</p> <p>TRABALHO COMO LEGADO CULTURAL (B).</p>	<p>Enfrentamentos de gênero feminino e emancipação para o trabalho</p> <p>Empreendedorismo social feminino</p> <p>Legado cultural</p>
Uva	<p>“Boa tarde me chamo Uva, 42 anos, a minha vida é assim sou uma pessoa que vim na zona rural uma pessoa batalhadeira, minha infância foi na zona rural depois eu vim aqui para cidade com passar do tempo começou toda minha trajetória comecei a viajar com meu marido, lutando, correndo atrás, passando hora de fome, chuva, sem ter onde dormir, passando as dificuldades do dia-a-dia para gente conseguir</p>	<p>TRABALHO PRECOCE COMO MULHER, AUTORRESPONSÁVEL POR CONQUISTAS PESSOAIS NA FEIRA LIVRE (A).</p>	<p>Enfrentamentos de gênero feminino e emancipação para o trabalho</p> <p>Empreendedorismo social feminino</p>

	<p>uma melhoria. Eu parei de ir pra feira comecei a botar barraquinha, sair com carro de mão pela rua, com aquelas cestas para poder vender umbu até eu cheguei até aqui e consegui colocar essa barraca que eu venho lutando dia após dia para poder manter".</p>		
--	---	--	--

Fonte: Elaboração própria (2021).

Lefèvre e Lefèvre (2005) explicam que as expressões-chave precisam ser transcritas conforme a narrativa de cada pesquisado(a). As ideias centrais são identificadas como expressões com maior similaridade e marcam as narrativas individuais, caracterizada por expressão linguística que mais aparece em cada ECH. Após essa etapa, definimos as ideias centrais (organizadas por letras em ordem alfabética) e, posteriormente, identificamos as ancoragens, que representam a crença que a mulher feirante (autora da narrativa) professou. Desta forma, apresentamos os resultados em um único discurso. O primeiro deles, o DSC 1 - História de vida na condição de mulher no contexto pessoal, familiar e do trabalho.

Quadro 7: Discurso do Sujeito Coletivo 1.

História de vida na condição de mulher no contexto pessoal, familiar e do trabalho
<p>Tínhamos uma vida simples, mas confortável, com 13 anos eu comecei a trabalhar de babá, ganhava 250 por mês pra mim aquilo era uma alegria por ter conquistado com meu próprio suor, trabalho na feira livre como feirante e vendo frutas. Me acho uma vencedora, porque hoje sou uma pessoa que conquisto tudo que eu quero conquistar porque tenho força, coragem e Deus e saúde em primeiro lugar, e a direção do espírito santo pra eu chegar onde eu quero. Em termo de aprendizado, aprendi porque sempre fui vendedora, aprendi com minha vó querida, pegar mercadoria, roupa e calcinha, essas coisas aí ela pegava e eu vendia muito, aí eu aprendi com ela. Eu vim parar aqui na feira porque um primo meu vendeu a barraca. Eu também faço ovo de páscoa, comida baiana, doce, salgado, tudo por encomenda. Pra completar a minha renda. Já trabalhei na feira de roupa e ajudava meu irmão, ele foi embora pra abrir um o mercado na ilha e nós foi criado assim tranquilo, eu fiquei com a barraca dele já tenho 3 anos na feira, e trabalho só na barraca. Aos 15 anos sai de casa foi mora em São Paulo, com tia minha fui trabalhar de babá. Com 18 anos engravidei do namorado sem experiência né aí o que aconteceu ele não quis assumir a criança a eu voltei e tive que largar o meu trabalho e tive que criar minha filha sozinha. Tive que enfrentar dificuldade, meu pai ficou doente e me passou a barraca há 11 anos. Meu pai era feirante há mais de 20 anos, vendia roupa na feira. Vim da zona rural, uma pessoa batalhadeira. Lutando, correndo atrás, passando hora de fome, chuva, sem ter onde dormir, passando as dificuldades do dia-a-dia. Sair com carro de mão pela rua, com aquelas cestas para poder vender umbu até que eu cheguei até aqui e consegui colocar essa barraca que eu venho lutando dia após dia para poder manter.</p>

Fonte: Elaboração própria (2021).

No DSC 1, o discurso girou em torno das seguintes ideias centrais: **A** - trabalho precoce como mulher autorresponsável por conquistas pessoais na feira livre e **B** - trabalho como legado cultural.

Desse modo, são ancoragens do DSC 1: “Enfrentamentos de gênero feminino e emancipação para o trabalho”, “empreendedorismo social feminino” e “legado cultural”. Ao analisá-las, percebemos que as mesmas emergiram mediante um problema social, a ausência de oportunidades de trabalho formal ou desemprego aliado ao enfrentamento da pandemia da COVID-19.

Na reflexão sobre a ancoragem “enfrentamentos de gênero feminino e emancipação para o trabalho” identificamos nas narrativas das mulheres, aspectos da cultura patriarcal que gerou o silenciamento e a luta pela significação das mulheres em muitas áreas da sociedade ao longo da história. Segundo Freyre (2006, p. 80), “o sistema patriarcal instituiu-se no Brasil como estratégia de colonização portuguesa, tendo como bases institucionais de dominação a família rural ou semirural”. Freyre (2006) enfatiza que as desigualdades de gênero na sociedade capitalista vêm desde os tempos da Casa-Grande e Senzala, nas bases de constituição de um sistema patriarcal no Brasil durante o período colonial. Para o autor supracitado, o patriarcado pode ser considerado um regime que orienta as relações homem-mulher por ser uma expressão de poder político que dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres.

A configuração dessa relação pode ser um tipo de hierarquia que influenciou muitos espaços da sociedade. Freyre (2006) explica que esse regime esteve presente na formação da família e da sociedade brasileira. Em outra abordagem, a autora Chodorow (1990) complementa a questão do papel da mulher na sociedade, quando reflete que “as mulheres tem um intenso e quase exclusivo papel materno [...] uma transposição social e cultural das suas capacidades de dar à luz e amamentar” (p. 50).

Para Souza e Lemos (2009, p. 103) o modelo de mãe exemplar se consolidou na ideologia que passou a exaltar o papel natural da mulher como mãe, atribuindo-lhe todos os deveres e obrigações na criação dos (as) filhos (as) e limitando a função social feminina à realização da maternidade (SOUZA; LEMOS, 2009, p. 103). Compreendemos que as mulheres que reconhecem outros papéis possíveis de serem desempenhados para além da maternidade apontam para mudanças nos contextos sociais, políticos, econômicos e religiosos, e dessa forma, tais mudanças estão imbricadas às relações de gênero, ao papel das mulheres na contemporaneidade e seus desdobramentos em diversos campos sociais.

Ao analisar os autores supracitados, observamos que a participação da mulher no contexto histórico social foi estereotipada como pessoa preparada para ser mãe. Chodorow (1990) explica que quando, desde a mais tenra infância, as mulheres são educadas para o cuidado, ao ficarem sempre presas às mães, diferente do homem que, para se tornar um ser masculino, precisa “romper” essa identificação de origem materna, revela que as mudanças que ocorreram na divisão sexual, ou normas de gênero, são características pertencentes e diferenciadas entre a masculinidade e a feminilidade.

Essa análise pode ser reforçada por Scott (1996, p. 5) quando afirma que a importância da “emergência dos estudos sobre a mulher, que teria surgido por volta dos anos 1960 com o movimento feminista, exigiu que a historiografia apresentasse a participação feminina, resgatasse heroínas e explicasse a opressão patriarcal”. O conceito de patriarcado também é caracterizado por Weber (1947, p. 346) como “um sistema de normas tradicionais, onde decisões são tomadas sempre de um mesmo modo, em obediência devotada à tradição”.

Observamos que a relação de dominação inquestionável pode ser caracterizada na autoridade que garante uma sujeição pessoal. O conceito de patriarcado então, pode ser vislumbrado numa perspectiva de mandonismo ou sistema normativo de fácil constatação na sociedade brasileira, quando observamos que as questões de gênero geraram desequilíbrios refletidos em diversos campos sociais. Diante da circunstância de estarem historicamente sob essa opressão patriarcal, vislumbramos que as mulheres feirantes deste estudo sofreram para se outorgar diante das relações, que teve seu processo muito intensificado pela falta de igualdade entre os sexos, fazendo com que elas tivessem que se submeter a uma luta constante em busca do estabelecimento do seu papel na sociedade, com o intuito de obter suas conquistas.

Em “Quarto de despejo”, Carolina Maria de Jesus tece reflexões sobre a questão da luta do gênero feminino diante da realidade urbana brasileira, a partir da história de vida da autora ao registrar literalmente o seu dia-a-dia como catadora de lixo em uma grande metrópole. Observamos, na sua obra, que o trabalho desenvolvido por Carolina Maria de Jesus na época, a proporcionava apenas uma condição mínima de sobrevivência, e que o pouco dinheiro arrecadado pela venda de resíduos recicláveis, a ajudava a sobreviver. Jesus (1960) nos proporciona uma reflexão profícua sobre a árdua realidade da mulher negra historicamente sofrida em

comunidades urbanas periféricas. Em suas palavras, a autora revela: “eu escrevo porque preciso mostrar aos políticos as péssimas qualidades de vocês” (JESUS, 1960, p. 164). A autora se revela como uma empreendedora (escritora), trazendo representatividade coletiva para o gênero, que outorga a sua obra com uma importante função social.

Para corroborar com essa discussão, Ângela Davis (2016), aponta que o processo de luta em busca da significação social feminina também pode ser “legitimado pelo capitalismo, quando enfatiza que o papel das mulheres foi restrito ao espaço doméstico não produtivo” (p.19). Entendemos que a luta das mulheres além de ser histórica, tem, no seu íntimo, a busca pelo pertencimento social, pela igualdade de direitos políticos e econômicos. Percebemos, que, em oposição ao sistema patriarcal, mulheres começaram a assumir novos papéis na sociedade, e vislumbramos ainda perdurar uma luta pelo mercado e pelo prestígio social, aliado à ausência de igualdade de oportunidades entre os sexos masculino e feminino, bem como a falta de medidas eficazes para compensar essa desvantagem.

Dessa forma, o empoderamento da mulher voltado para o trabalho aparece como uma busca constante do seu pertencimento social. As mulheres feirantes pesquisadas estão inseridas nesse contexto, tendo em vista os enfrentamentos identificados nas narrativas individuais e no discurso do sujeito coletivo DSC 1.

Conforme relatório da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente (SEDEMA) da cidade de SAJ, a feira se revela um cenário potencial na geração de renda para a comunidade local, comprovado na prática comercial de pequenos produtores de toda a região, atividade praticada também pelas mulheres feirantes pesquisadas, sendo a principal fonte de renda para sustento familiar. Em relação a isso, destacamos a fala de E2-Jaca (28 anos) “me acho uma vencedora porque hoje sou uma pessoa que conquisto tudo que eu quero conquistar” e a de E1-Morango “com 13 anos eu comecei a trabalhar de babá, ganhava 250 por mês pra mim aquilo era uma alegria por ter conquistado com meu próprio suor” ou a de E4-Ameixa “15 anos sai de casa foi mora em São Paulo com uma tia minha fui trabalhar de babá.

Podemos explicar a ancoragem “empreendedorismo social feminino”, pelas consequências inevitáveis do capitalismo, quando este desorganiza as relações sociais e econômicas e não se consegue fornecer empregos suficientes. Conforme a ONU Mulheres (2021) a brasileira toma a decisão de empreender por necessidade

para complementar a renda ou alcançar a independência financeira, na maioria das vezes por precisar assumir o sustento da família.

Compreendemos que a emancipação feminina para o trabalho surgiu diante do árduo contexto o qual a mulher enfrentou ao longo da história, também imbricado com questões de exclusão social e sexismo⁷. Santos, B. (2009) afirma que o processo de colonização deixou muitas marcas na sociedade brasileira, e ressalta que

a desqualificação, a transformação do outro em objeto ou recurso natural justifica o mecanismo de imposição econômica e política proveniente da colonização, instituída no passado, bem como seus desdobramentos atuais, como a globalização neoliberal estabelecida no início desse milênio (SANTOS, B., 2009, p. 182).

Santos, B. (2009) ainda aponta em sua reflexão, uma sociedade regida pelo neoliberalismo, que se fortificou nas últimas décadas por meio do processo de globalização. Percebemos uma linha tênue que separa grupos sociais e reforça dominações políticas, econômicas e culturais, mesmo com o fim da colonização. Nesta perspectiva, temos o sexismo que ainda pode ser observado na sociedade. Desse modo, percebemos a necessidade de luta por mudanças nas comunidades, para que sejam mais participativas na dinâmica social, principalmente quando se observa feirantes mulheres que ainda sofrem com enfrentamentos de gênero nas comunidades regionais.

Segundo Dornelas (2021), para empreender se faz necessário o acúmulo de aprendizado em três níveis, como: o primário (familiares e conhecidos em torno de uma atividade); o secundário (rede de relações), e o terciário (conhecimento baseado em cursos ou livros). Melo Neto e Fróes (2002) completam que o empreendedorismo social compõe negócios que tem na sociedade civil o seu principal foco de atuação, pois envolvem a comunidade. O empreendedorismo social surge então, como um movimento pelo qual se materializam ações que possibilitam a promoção do bem comum, e a atuação empreendedora das mulheres na feira pode ser considerada como uma insurreição em resposta ao determinismo capitalista. Segundo Melo Neto e Fróes (2001) o empreendedorismo social é a “busca de soluções para os problemas

⁷ Atitude de discriminação fundamentada no sexo.

da sociedade mediante necessidades da comunidade, medindo o sucesso pelo impacto das atuações, atitudes e comportamentos” (p. 81).

De acordo com Cardoso (2015) empreender socialmente não é ter uma organização sem fins lucrativos ou atuar com filantropia, mas possuir um negócio que busca superar um problema social, relacionado a melhoria de vida do indivíduo, principalmente diante da questão do desemprego. Em relação às empreendedoras, o Sebrae (2018, p.2) aponta que

as mulheres respondem por 34% dos 27,4 milhões de empreendedores existentes no Brasil, sendo a proporção de empreendimentos por necessidade maior no grupo das mulheres, chamadas de donas de negócio. Elas têm um perfil jovem, apresentam-se como empreendedoras com 35 a 55 anos, possuem escolaridade 16% maior do que os homens, e são cada vez mais “chefes de domicílio” (SEBRAE, 2018, p. 2).

Outros dados desta pesquisa ainda sinalizam que quase metade delas são microempreendedoras individuais e estão envolvidas em atividades relacionadas à beleza, moda e alimentação (SEBRAE, 2018, p. 1). Podemos observar que a emergência ao empreendedorismo pode ser proveniente de um sentimento de impotência frente ao desemprego, visto que há uma percepção de que o trabalho é um elemento preponderante para o pertencimento social. Miles (1989) completa:

com a mudança da economia agrícola para a industrial, do campo para a cidade, da casa para a fábrica, as mulheres perderam a flexibilidade, o status e o controle de seu trabalho que tinham antes. Em seu lugar, foi-lhes concedido o privilégio de assumir ocupações inferiores e exploradas, a dupla carga de trabalho remunerado e doméstico, e a responsabilidade exclusiva pelos cuidados dos filhos que vem pesando sobre elas desde então. Cada uma das mudanças da Revolução Industrial acabou tendo impacto adverso na vida da mulher, em conjunto, o resultado foi devastador, de maneira que não poderiam sequer serem previstas (MILES, 1989, p. 216).

Conforme aponta Miles (1989), podemos inferir que, historicamente, a mulher que estava acostumada com tarefas domésticas, sofreu com a transição para os trabalhos em indústrias quando estes desencadearam mudanças em suas rotinas de vida. Elas foram projetadas do lar para o trabalho fabril. Essa precariedade no contexto de inserção laboral e a dupla jornada (trabalho e afazeres domésticos) podem se caracterizar como grandes desafios ainda postos para o gênero feminino nos dias atuais, a exemplo das mulheres feirantes pesquisadas.

Nesse passo, observamos no DSC 1, que a luta pela igualdade de direitos das mulheres também ainda vem sendo buscada no campo empreendedor, por existirem dificuldades para o gênero no sentido de outorgar-se. Em sua narrativa, a E2-Jaca se expressa como uma empreendedora “eu também faço ovo de páscoa, comida baiana, doce, salgado, tudo por encomenda, entendeu? Pra completar a minha renda”. A mesma situação acontece com a E5-Uva quando aponta “sai com carro de mão pela rua, com aquelas cestas para poder vender umbu até eu cheguei aqui”.

As mulheres pesquisadas trazem um “legado cultural”, terceira ancoragem identificada no DSC 1, quando recebem costumes transmitidos pela própria família. Segundo Laraia (1997), essa prática é caracterizada por um conjunto de saberes e comportamentos transmitida para gerações posteriores, como observado também no relato da E2-Jaca “aprendi com minha vó querida, pegar mercadoria, roupa e calcinha, essas coisas aí ela pegava e eu vendia muito, aí eu aprendi com ela”.

Caracterizamos a ideia do empreendedorismo social feminino como uma ação mobilizadora de mudanças para a vida dessas mulheres do estudo, que trazem consigo um legado recebido de costumes culturais. Conforme Laraia (1997), existem diversos tipos de cultura, adquiridos por meio das relações sociais. Neste sentido, o processo de empreender perpassa pela valorização da cultura observada em comunidades como a feira livre, ao considerar hábitos adquiridos pelo ser humano num contexto regional. Ribeiro (1995) aponta que a etnia, os costumes culturais, e a tradição familiar são grandes influenciadores da educação de um povo. Dentro dessa perspectiva, Soares e Gomes (2002) reforçam que a cultura recebeu como herança social a influência das etnias e dos costumes. Compreendemos que estes aspectos influenciaram a história de formação cultural brasileira, inclusive as práticas comerciais de mulheres empreendedoras na feira de SAJ-BA (PESQUISA DE CAMPO, 2021).

Percebemos que a feira livre de Santo Antônio de Jesus - Bahia pode ser considerada um espaço de luta e resistência no território do Recôncavo baiano. Em sua narrativa, a E4-Ameixa representa bem o enfrentamento histórico de gênero e a missão cultural recebida do seu pai no contexto da feira: “tive que enfrentar dificuldade, meu pai ficou doente e me passou a barraca há 11 anos. Meu pai era feirante há mais de 20 anos, vendia roupa na feira”.

No Quadro 06, foram apresentadas as ideias centrais identificadas nas narrativas (expressões com maior similaridade que marcaram as falas individuais), as

ideias centrais organizadas por letras em ordem alfabética, e, as ancoragens (que representam a crença que a mulher pesquisada professou). Os resultados foram apresentados em um único discurso, intitulado DSC 2 - Realidade do trabalho como mulher na feira livre.

Quadro 8: Instrumento da Análise de Discurso 2.

Conte um pouco na condição de mulher a realidade do seu trabalho na feira livre.			
Pesquisada	Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)	Ancoragem (AC)
Morango	<p>“Eu trabalho com fruta na feira livre e como mulher não acho nada diferente do trabalho dos homens, até por que carrego caixa, arrumo frutas, arrumo a barraca, pode até ser um pouco diferente do trabalho dos homens, porque tem vários tipos de trabalho, mas na feira livre o trabalho dos homens não tem nada de tão diferente do trabalho das mulheres. E não acho um trabalho ruim. Não é uma profissão dos sonhos, mas também não é um trabalho que você não possa fazer, tenho orgulho do que faço”</p>	<p>IGUALDADE DE GÊNERO MASCULINO E FEMININO NO TRABALHO COMO FEIRANTE (C).</p> <p>ELEVADA AUTOESTIMA E AUTOVALORIZAÇÃO COMO MULHER (D)</p>	<p>Igualdade de gênero como empreendedora</p> <p>Empoderamento feminino</p>
Jaca	<p>“O meu trabalho aqui na feira como mulher é um pouco difícil porque a gente trabalha com muito peso, entendeu? Embaixo de sol, calor. Na feira o pessoal acha que as coisas têm que ser bem mais barato, o povo quer tudo de graça; eu acredito que eu sou valorizada por ser mulher porque tem mulheres que hoje não tem coragem de enfrentar um trabalho como a feira livre porque a gente trabalha com mercadoria, de peso entendeu? A gente chega de madrugada pra poder comprar mercadoria, escolher as de mais qualidade, e eu faço esse trabalho sozinha, meu esposo ele vem às vezes pra cá, mas não vem todos os dias porque ele tem o trabalho dele, então amor, eu trabalho sozinha, compro mercadoria, arrumo mercadoria seleciono mercadoria, hoje mesmo tô sentindo uma forte dor na coluna devido a peso e pegar caixa de mercadorias”</p>	<p>IGUALDADE DE GÊNERO MASCULINO E FEMININO NO TRABALHO COMO FEIRANTE (C).</p> <p>ELEVADA AUTOESTIMA E AUTOVALORIZAÇÃO COMO MULHER (D)</p>	<p>Igualdade de gênero como empreendedora</p> <p>Empoderamento feminino</p>

Maçã	<p>“Eu me acho mulher independente, sozinha, dou conta de tudo, forte, sou separada. Eu vejo que no começo foi mais difícil, mas a gente diariamente vai vencendo né? Porque às vezes por ser mulher, os fornecedores não querem negociar, mas aí a gente vai tomando a frente, e eu consegui, vai pegando amizade, vai acostumando, vai ficando mais fácil pra negociar, foi a maior dificuldade. Eu me acho uma pessoa boa de vendas, porque eu sou uma pessoa extrovertida, gosto de conversar bem, brincar, às vezes dá risada e procuro deixar os problemas em casa né? Por a gente ser mulher, a gente fica bem unida, tipo assim, uma olha a barraca da outra.”</p>	<p>IGUALDADE DE GÊNERO MASCULINO E FEMININO NO TRABALHO COMO FEIRANTE (C).</p> <p>ELEVADA AUTOESTIMA E AUTOVALORIZAÇÃO COMO MULHER (D)</p> <p>DIFICULDADES DE NEGOCIAÇÃO COM FORNECEDORES POR SER MULHER (E)</p> <p>UNIÃO FEMININA (F)</p>	<p>Igualdade de gênero como empreendedora</p> <p>Empoderamento feminino</p> <p>Enfrentamentos do gênero como empreendedora</p>
Ameixa	<p>“Sou separada, crio minhas filhas sozinha, trabalho e tomo conta de uma barraca de frutas, me acho uma mulher trabalhadeira, guerreira, nós somos respeitada aqui, mesmo sendo mulher nosso trabalho é como qualquer outro trabalho, assim a gente vai levando nessa vida o sustento. Na feira eu trabalho só, a minha filha ela trabalha e me ajuda financeiramente, tenho uma outra minha filha menor que não trabalha ainda, só tá estudando no momento. Me separei porque meu marido me traiu.”</p>	<p>IGUALDADE DE GÊNERO MASCULINO E FEMININO NO TRABALHO COMO FEIRANTE (C).</p> <p>ELEVADA AUTOESTIMA E AUTOVALORIZAÇÃO COMO MULHER (D)</p>	<p>Igualdade de gênero como empreendedora</p> <p>Empoderamento feminino</p>
Uva	<p>“A gente passa por dificuldade de muitas coisas, a gente passa por dificuldade por ter um fornecedor e não ter espaço para os carros poder descarregar mercadoria. O descaso da prefeitura em relação a gente é muito grande nós classe inferior, a gente luta para que essas pessoas que estejam no poder olhe mais pra nós. Quando eu cheguei aqui para feira, também tem a questão dos fiscais, que a gente colocava a mercadoria para vender aí a gente tem que tá correndo para poder tirar mercadoria e eu perdi muita mercadoria perdi por conta dos fiscais. Eles não sabem da</p>	<p>IGUALDADE DE GÊNERO MASCULINO E FEMININO NO TRABALHO COMO FEIRANTE (C).</p> <p>SENTIMENTO DE EXCLUSÃO SOCIAL (G)</p>	<p>Igualdade de gênero como empreendedora</p> <p>Desigualdade social</p>

	<p>importância não, porque a gente tá ali tomando sol, tomando chuva, acordando cedo vindo as madrugadas, 3 horas da manhã, 4 horas da manhã, 1 hora da manhã aqui para poder pegar mercadoria entendeu? É uma luta muito grande que a gente vem sofrendo e cada dia que passa, mesmo que a gente tá aqui com a nossa barraca, com nosso canto, mas a gente passa ainda uma dificuldade muito grande por conta do descaso que o pessoal que tá no poder faz em relação a nós aqui”</p>		
--	--	--	--

Fonte: Elaboração própria (2021).

Segue abaixo o DSC 2, no Quadro 09, intitulado “Realidade do trabalho como mulher na feira livre”:

Quadro 9: DSC 2 - A realidade do trabalho empreendedor da mulher na feira livre.

DSC2
<p>Como mulher não acho nada diferente do trabalho dos homens, até por que carregando caixa, arrumando frutas, arrumando a barraca. Não é uma profissão dos sonhos, mas também não é um trabalho que você não possa fazer e sim tenho orgulho do que faço. O meu trabalho aqui na feira como mulher é um pouco difícil porque a gente trabalha com muito peso, entendeu? Embaixo de sol, calor. Eu acredito que eu sou valorizada por ser mulher porque tem mulheres que hoje não tem coragem de enfrentar um trabalho como a feira livre porque a gente trabalha com mercadoria de peso, entendeu? A gente chega de madrugada pra poder comprar mercadoria, escolher as de mais qualidade, e eu faço esse trabalho sozinha, hoje mesmo tô sentindo uma forte dor na coluna devido a peso e pegar caixa de mercadorias. Eu me acho mulher independente, sozinha, dou conta de tudo, forte. Porque às vezes por ser mulher, os fornecedores não querem negociar, mas aí a gente vai tomando a frente, e eu consegui, vai pegando amizade, vai acostumando, vai ficando mais fácil pra negociar, foi a maior dificuldade. Por a gente ser mulher, a gente fica bem unida, tipo assim, uma olha a barraca da outra. Trabalho e tomo conta de uma barraca de frutas, me acho uma mulher trabalhadeira, guerreira, nós somos respeitadas aqui, mesmo sendo mulher nosso trabalho é como qualquer outro trabalho, assim a gente vai levando nessa vida o sustento. A gente passa por dificuldade de muitas coisas, a gente passa por dificuldade por ter um fornecedor e não ter espaço para os carros poder descarregar mercadoria. A gente luta para que essas pessoas que estejam no poder olhe mais pra nós. Porque a gente tá ali tomando sol, tomando chuva, acordando cedo, vindo as madrugadas, 3 horas da manhã, 4 horas da manhã, 1 hora da manhã aqui para poder pegar mercadoria entendeu? É uma luta muito grande que a gente vem sofrendo e cada dia que passa, mesmo que a gente tá aqui com a nossa barraca, com nosso canto, mas a gente passa ainda uma dificuldade muito grande por conta do descaso que o pessoal que tá no poder faz em relação a nós aqui.</p>

Fonte: Elaboração própria (2021).

No DSC 2, o discurso girou em torno das seguintes ideias centrais: **C** - igualdade de gênero masculino e feminino no trabalho como feirante; **D**- elevada autoestima e autovalorização como mulher; **E** -dificuldades de negociação com fornecedores por ser mulher; **F**- união feminina e **G** - sentimento de exclusão social.

Todas as ideias centrais se desdobraram nas ancoragens identificadas no DSC 2: “igualdade de gênero como empreendedora”, “empoderamento feminino”, “enfrentamentos do gênero como empreendedora”, e “desigualdade social”. As ideias centrais **C**, **D** e **E**, foram analisadas sob a ótica da opressão histórica que sofreram as mulheres na sociedade patriarcal para se outorgar diante das relações, processo intensificado pela falta de igualdade entre os sexos. Holanda (1994) reforça que a historiografia feminina fala de uma luta pela significação da mulher e da busca pela sua identidade, que, além de ser histórica, traz no seu íntimo a procura pelo pertencimento social, bem como pela igualdade de direitos políticos e econômicos.

A ideia central **F** (a união feminina) foi observada entre as mulheres pesquisadas na feira livre, como afirma a E3-Maçã em sua fala: “por a gente ser mulher, a gente fica bem unida, tipo assim, uma olha a barraca da outra”. Percebemos a união feminina como um reforço na luta diária dessas mulheres contra opressões relacionadas a desigualdade sexual, que pode ser um meio de fortalecimento tanto das práticas empreendedoras, quanto dos vínculos sociais e emocionais entre as mesmas.

A ideia central **G** (sentimento de exclusão social) gerou a ancoragem “desigualdade social”, explicada por Castel (1998), na chamada desfiliação da sociedade quando reforça a questão da luta pela efetivação dos direitos trabalhistas. Segundo Castel (1998, p. 21) “se os indivíduos perdem sua função na divisão social do trabalho, [...] desintegrados, são a prova do funcionamento sub-ótimo da própria sociedade”. Esta afirmação expressa que, se no momento em que mulheres como estas podem estar sujeitas a se sentirem excluídas da sociedade, aliada a responsabilidade do Estado sobre a efetivação de políticas públicas que favoreçam alternativas para minimizar esse processo, percebemos o aparecimento do empreendedorismo feminino como resposta ao sistema capitalista.

O DSC 2 expôs sentimentos de reação perante o desemprego e da precarização do modelo trabalhista estabelecido pelo capitalismo. As narrativas auxiliaram na compreensão das ancoragens: “empoderamento feminino” e “enfrentamentos do gênero como empreendedora”.

As opressões sofridas pela mulher na sociedade, explicadas nos parágrafos anteriores, podem ter influenciado nas suas atuações empreendedoras, na procura por uma significação social, ou de um patamar de igualdade de gênero, o que permite compreendermos o processo de empoderamento feminino nos relatos das feirantes.

A ancoragem “igualdade de gênero como empreendedora” também pode ser observada com o agravamento da pandemia mundial da COVID-19. De acordo com a última pesquisa do Sebrae (2020), após a pandemia, houve um aumento do empreendedorismo feminino no Brasil. Mulheres foram o maior grupo afetado pelo crescimento do desemprego devido à crise pandêmica, e “a necessidade de uma fonte de renda é o principal motivo que as levou a empreender” (p. 3).

Este dado reforça o entendimento sobre o crescimento do empreendedorismo do gênero feminino também na feira livre da cidade de Santo Antônio de Jesus, após a pandemia da COVID-19. A E5-Uva em sua fala, afirma “ultimamente tem sido muito difícil para gente. Principalmente agora aí com essa pandemia o tanto de prejuízo, tá sendo difícil para todo mundo, é um momento muito difícil que nós temos enfrentado”.

Observou-se que com a pandemia vivenciada mais intensamente nos anos de 2020 e 2021, em todos os setores da economia, a dinâmica do comércio nas regiões também sofreu com seus impactos. Vislumbramos uma queda generalizada do consumo em meio local, justificada pelo isolamento social, circunstância que afetou bastante as mulheres feirantes deste estudo.

No Quadro 10, postas as respostas da análise do discurso 3, a respeito da condição de mulher e as sugestões que as mesmas deram para a melhoria da sua atuação empreendedora na feira, a E1-Morango, se mostrou insatisfeita com a coleta de lixo no local e sugeriu a colocação de contêineres. A E2-Jaca, apontou problemas no espaço físico da feira, na limpeza e infraestrutura, e a E3-Maçã, foi bastante otimista, mesmo assim, reforçou que a feira precisa melhorar em termos de limpeza e segurança. A E4-Ameixa, sugeriu a colocação de rondas policiais no local, e a E5-Uva, reclamou do gerenciamento do local, e relatou que a prefeitura poderia pensar na melhoria da estrutura física do galpão para fortalecer as vendas.

No Quadro 10 aparecem as expressões chave, as ideias centrais e as ancoragens das mulheres feirantes entrevistadas. Os resultados foram apresentados em um único discurso, intitulado DSC 3 - Sugestões para o empreendedorismo feminino na feira livre.

Quadro 10: Instrumento da Análise de Discurso 3.

Na condição de mulher, quais seriam as sugestões para melhoria da sua atuação profissional na feira livre			
Pesquisada	Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)	Ancoragem (AC)
Morango	“Na condição de mulher, eu acho que poderia mudar o trabalho da feira livre, que as pessoas respeitasse o valor das mercadorias porque assim como eles compra caro nos também compramos e fazemos de tudo para melhorar, que pudesse botar contêiner em todos os pontos para que não houvesse muita sujeira ”	MELHORIA NA ORGANIZAÇÃO, LIMPEZA E COLETA DE LIXO (H)	Organização, coleta e descarte do lixo na feira
Jaca	“Ter uma melhor ação, principalmente a estrutura do galpão porque quando chove molha tudo. Não tem praticamente segurança do povo. Eles aproveitaram algumas telhas do galpão, mas a gente perde tudo quando chove. Também sistema de segurança entendeu? Que a gente somos furtados, é difícil, ter uma melhor forma de circular o pessoal da zona rural, porque pra pegar o carro o pessoal tem que sair daqui do último galpão com a mercadoria pro ponto de onde vem. Dificulta muito, uma pessoa já de mais idade então, tudo isso caiu as vendas pra gente”.	MELHORIA NA ESTRUTURA DO GALPÃO HORTIFRUTI (I) MELHORIA NA SEGURANÇA NA FEIRA (J)	Estrutura física da feira Segurança local
Maçã	“Para melhorar o trabalho aqui na feira a gente precisa muito de uma reforma né? E quando chove molha bastante as barracas, tudo de madeira, as barraca antigas enche de rato e barata, a gente precisa botar a feira toda no padrão e melhorar o trabalho para chamar mais os clientes”.	MELHORIA NA ESTRUTURA DO GALPÃO HORTIFRUTI (I) MELHORIA NA ORGANIZAÇÃO, LIMPEZA E COLETA DE LIXO (H)	Estrutura física da feira Organização, coleta e descarte do lixo na feira
Ameixa	“Aqui na feira que a gente tá precisando de mais segurança, que a gente não tem, aqui na área de limpeza a gente também precisa, porque aqui é assim, a feira muitas vezes a gente acaba não tem cliente por que o cliente não para pra comprar porque a feira tá suja, não tá organizada. A gente precisamos de uma coleta de lixo pra gente, estar tendo limpeza, o nossos estabelecimento organizado, tipo	MELHORIA NA SEGURANÇA NA FEIRA (J) MELHORIA NA ORGANIZAÇÃO, LIMPEZA E COLETA DE LIXO (H)	Segurança local Organização, coleta e descarte do lixo na feira

	aparece gente aqui perturbando os cliente. A gente precisa mais de organizações a respeito disso, fazendo uma reforma, tá precisando organiza isso pra gente ter a melhoria do nosso trabalho, ter mais qualidade, no momento o que tá mais precisando é organização e assim vai melhorar o trabalho. Melhorar o estacionamento para os clientes, a carga e descarga estabelecer os dias certo dos fornecedores de entrega.”	ESTACIONAMENTO PARA CLIENTES E ORDENAMENTO DA CARGA E DESCARGA DE FORNECEDORES (K)	Padronização e ordenamento do trânsito
Uva	“A gente precisa que essas pessoas olhem mais para nós, as pessoas precisam olhar para gente de uma forma diferente, olhar que a gente é como todo e qualquer cidadão. Um espaço bom para oferecer nossos produtos, da forma melhor de ter a demanda das pessoas que tem vontade de chegar para comprar os nossos produtos, mas ultimamente tem sido muito difícil para gente. Principalmente agora aí com essa pandemia o tanto de prejuízo, tá sendo difícil para todo mundo, é um momento muito difícil que nós temos enfrentado. ”	MELHORIA NA ORGANIZAÇÃO, LIMPEZA E COLETA DE LIXO (H)	Organização, coleta e descarte do lixo na feira

Fonte: Elaboração própria (2021).

Os resultados foram apresentados em um único discurso intitulado DSC 3 - Sugestões para o empreendedorismo feminino na feira livre:

Quadro 11: DSC 3 - Sugestões para o empreendedorismo feminino na feira livre.

DSC3
<p>Que pudesse botar contêiner em todos os pontos para que não houvesse muita sujeira. Ter uma melhor ação, principalmente a estrutura do galpão porque quando chove molha tudo. Não tem praticamente segurança do povo. Que a gente somos furtados, é difícil, ter uma melhor forma de circular o pessoal da zona rural, porque pra pegar o carro o pessoal tem que sair daqui do último galpão com a mercadoria pro ponto de onde vem. Para melhorar o trabalho aqui na feira a gente precisa muito de uma reforma né? Precisa botar na feira toda no padrão e melhorar o trabalho para chamar mais os clientes. Aqui na feira que a gente tá precisando de mais segurança, que a gente não tem, aqui na área de limpeza a gente também precisa. Por que o cliente não para pra comprar porque a feira tá suja, não tá organizada. A gente precisamos de uma coleta de lixo pra gente, estar tendo limpeza. Melhorar o estacionamento para os clientes, a carga e descarga estabelecer os dias certo dos fornecedores de entrega. Um espaço bom para oferecer nossos produtos, da forma melhor de ter a demanda das pessoas que tem vontade de chegar para comprar os nossos produtos. Principalmente agora aí com essa pandemia o tanto de prejuízo, tá sendo difícil para todo mundo, é um momento muito difícil que nós temos enfrentado.</p>

Fonte: Elaboração própria (2021).

No DSC 3, o discurso gira em torno das seguintes ideias centrais: **H** - melhoria na organização, limpeza e coleta de lixo; **I** - melhora na estrutura do galpão do hortifrúti; **J** - melhoria na segurança da feira; **K** estacionamento para clientes e ordenamento da carga e descarga de fornecedores.

Estas ideias centrais desencadearam as ancoragens percebidas: “organização, coleta e descarte do lixo na feira”, “estrutura física da feira”, “segurança local”, “padronização e ordenamento do trânsito”. Ao analisar a ancoragem “organização, coleta e descarte do lixo na feira”, juntamente com relatório da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do município (SAAB-SAJ, 2021, em 29/05/2021), acessado em meio remoto, verificamos um planejamento para execução de faxina geral da feira uma vez por mês e a limpeza diária, ações de conscientização na prevenção no combate ao COVID-19, como a distribuição de *kits* de higienização (máscaras, álcool em gel, avental, gorro e cartilha) para feirantes do setor de hortifrúti (SAAB-SAJ, 2021, em 29/05/2021).

Na ancoragem “estrutura física da feira”, apontou-se a necessidade da realização de reparos relacionados a estrutura do galpão em que os feirantes do hortifrúti atuam. Percebemos que há uma necessidade de efetivação de políticas públicas locais no galpão de hortifrúti da feira. Segundo Peters (1986), as políticas públicas são definidas como atividades do governo que agem diretamente ou através de delegação, e que influenciam a vida dos cidadãos. Para o gerenciamento eficaz de uma feira livre, notamos a importância de identificar necessidades dos atores locais, como das mulheres feirantes, pela escuta participativa, afim de se voltar para execução de medidas eficazes (que trazem resultados) em prol da comunidade.

Em relação a ancoragem “segurança local”, identificamos a publicização pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAAB) do município nas redes sociais do órgão em maio de 2021 (após a pesquisa de campo realizada), a instalação da 1ª Companhia do 14º Batalhão da Polícia Militar, com a ronda diária, combate a furtos e violência na feira livre (SAAB-SAJ, em 29/05/2021).

Na ancoragem “padronização e ordenamento do trânsito”, nas narrativas das feirantes sentimos a insatisfação em relação a organização da logística dos ônibus rurais, e a destinação do embarque/desembarque de pessoas dessa zona para compra na feira, no intuito de dinamizar melhor o trânsito no local para não causar engarrafamentos.

3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise dos DSC's 1, 2 e 3, juntamente com a última pesquisa do Sebrae (2020) durante a pandemia da COVID-19, notamos que as mulheres do estudo foram afetadas pela crise econômica instalada com o decréscimo das vendas notadamente observado em pesquisa de campo junto às entrevistadas, no Capítulo 03. Pudemos observar o empreendedorismo social feminino na perspectiva do gênero feminino na feira livre de Santo Antônio de Jesus, pelas narrativas e observações postas pelas mulheres nos DSC's apresentados durante o estudo de campo.

Percebemos que, a feira livre se encontrou vulnerável e ameaçada dentro desse contexto, por ser um local em que mulheres se sustentam com a venda de seus produtos. Destacamos os enfrentamentos do gênero feminino na emancipação precoce para o trabalho e o empreendedorismo social feminino, como uma prática cultural. Observamos nas narrativas, o empoderamento feminino bem representado nos DSC's. Detectamos que existem insatisfações no ambiente de trabalho relatadas pelas mulheres feirantes, como em aspectos de organização, coleta e descarte do lixo, estrutura do galpão da feira, segurança local, e ordenamento do trânsito. No próximo capítulo, foram apresentadas propositivas de intervenção após a percepção da realidade das mulheres pesquisadas.

CAPÍTULO 04

4 MULHERES EMPREENDEDORAS SOCIAIS NO RAMO DE TRABALHO DE HORTIFRUTI DA FEIRA LIVRE DE SAJ: PROPOSITIVAS DE INTERVENÇÃO

4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este capítulo teve como objetivo apresentar propositivas de intervenção junto as mulheres que atuam na feira livre de Santo Antônio de Jesus/BA. A questão de estudo buscou responder: quais as propositivas de intervenção após a percepção das histórias de vida de mulheres feirantes no desenvolvimento do empreendedorismo social? Metodologicamente, utilizou-se a pesquisa de intervenção, com aporte em Pereira (2019). Partimos para definir as propositivas de intervenção, em um segundo momento de roda de conversa, que envolveu uma escuta dialogada com as mulheres feirantes pesquisadas sobre seu contexto de trabalho. Além das considerações iniciais, este capítulo encontra-se assim disposto: 4.2) Resultados da pesquisa de campo interventiva: análise e discussão; 4.3) Roda de conversa dialogada: propositivas de intervenção; .4.4) Produto da pesquisa: Boletim verde - informativo digital e 4.5) Considerações finais.

4.2 RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO INTERVENTIVA: ANÁLISE E DISCUSSÃO

Segundo Pereira (2019, p. 59) a intervenção “se constitui como uma investigação não apartada da situação vivencial dos indivíduos e grupos sociais”. O referido autor defende que este método de pesquisa, observa intimamente a realidade do pesquisado, para se apresentarem ações interventivas. Após observarmos a realidade social das mulheres atuantes na feira livre de Santo Antônio de Jesus, foi possível o planejamento de ações envolvendo as mesmas no processo de intervenção. Notamos, que a feira de Santo Antônio de Jesus apresentou em pesquisa de campo, problemas de infraestrutura relacionados a organização, limpeza, segurança e trânsito, desafios para gestão municipal e outros pontos que merecem atenção, relacionados aos enfrentamentos do gênero feminino na sua rotina laboral.

Diante do exposto, vislumbramos a importância de ações mais assertivas no cuidado do trabalho da mulher feirante pela Secretaria de agricultura e abastecimento (SAAB), que gerencia a feira livre de SAJ, visto que este é um local em que existem mulheres que se sustentam com a venda de seus produtos. Melo Neto e Fróes (2002) reforçam que ao empreender socialmente, há geração de renda e emancipação social, entretanto, para que isso se concretize, observamos que é de fundamental importância, uma escuta mais sensível dessas mulheres, bem como do fortalecimento de políticas públicas locais.

Na pesquisa de campo certificamos que a feira é um cenário de atuação de empreendedoras sociais, com a venda de alimentos *in natura* na rua, propicia renda e mantém um costume cultural advindo de suas famílias. Há uma notoriedade da mesma no território do Recôncavo Baiano, na cidade de Santo Antônio de Jesus-BA. Apesar da pandemia intensificada em 2021, observamos que as pesquisadas conseguiram manter a aproximação com seus clientes, questão preponderante no processo de empreendedorismo, pelas vendas por aplicativo *WhatsApp* e entregas a domicílio, bem como pela inserção no sistema financeiro virtual com o recebimento dos pagamentos das vendas por aplicativo bancário via celular ou maquinetas de cartão de crédito e débito, situações identificadas em diálogo com as mulheres feirantes (PESQUISA DE CAMPO, 2021).

Segundo o Sebrae (2019), 73,8% dos “fatores limitantes” do empreendedorismo no Brasil está relacionado a ausência de políticas governamentais e 40,5% a deficiências na educação e capacitação para empreendedores (SEBRAE, 2019). O Sebrae (2019) ainda aponta que os empreendedores por necessidade iniciam com atividades informais, principalmente pela ausência de inovação, tecnologia e dificuldades de gestão. Em relação ao registro de microempreendedor individual (MEI), esclarecemos que existem vantagens quando acontece a formalização, como aponta o Portal do Empreendedor ([201-?]), como: “cobertura previdenciária, aposentadoria, salário maternidade e auxílio doença”. Além de adquirir um Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica [CNPJ], o MEI pode cumprir obrigações legais a um custo mais baixo do que uma empresa, permitindo o acesso aos maiores bancos do Brasil para obtenção de crédito específico, o que pode facilitar bastante o investimento no próprio negócio. Este seria um benefício para as mulheres feirantes ainda não formalizadas como MEI, e, entre as pesquisadas, somente uma é microempreendedora individual.

Ainda elucidamos durante a pesquisa de campo, dificuldades como duplo labor (cuidados domésticos e de filhos) relatadas pelas mulheres que também são mães. Situação agravada no cenário pandêmico, como aponta a ONU Mulheres (2021, p. 9) em relatório

a pandemia trouxe mais dificuldades para a realidade do trabalho feminino, já que dados de estudos brasileiros mostram maior impacto entre as mulheres sendo que 41% relataram sintomas de depressão, 35% de ansiedade e 37% de estresse (ONU Mulheres (2021, p. 9)

Identificamos que com o fechamento de creches e escolas, por exemplo, as mães não tiveram como contar com estas redes de apoio, o que possivelmente comprometeu suas atividades laborais e trouxe impactos para a sua saúde emocional.

Notamos em campo, relatos de desatenção pela administração pública (informação colhida durante a pesquisa, e registrada no DSC 3), pontos relacionados a organização, higiene e controle necessários para o funcionamento mais seguro em termos de biossegurança no local. Estes itens são de responsabilidade municipal, que tem por finalidade “ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes” (BRASIL, 1990 [1988], Art. 182). Por ser a feira livre um local de intenso comércio, podemos salientar a necessidade de uma maior efetividade de ações de políticas públicas municipais.

4.3 RODA DE CONVERSA DIALOGADA: PROPOSITIVAS DE INTERVENÇÃO

No dia 17 de agosto de 2021, um segundo momento de roda conversa foi realizado com as mesmas mulheres feirantes pesquisadas no estudo de campo (E1, E2, E3, E4 e E5), via *Google Meet*. Durou em média 2 horas, e, houve um diálogo para escuta de propositivas de intervenção nos seus espaços de trabalho, bem como o levantamento das propostas para as seções e conteúdo que iriam compor o boletim, em comum acordo com as mulheres feirantes. O Boletim Verde, um informativo digital periódico, planejado e elaborado em roda de conversa no segundo momento com as mulheres feirantes de Santo Antônio de Jesus- Bahia, é uma ferramenta para estabelecer uma comunicação periódica com interessados no seu conteúdo (as mulheres da feira livre).

Quadro 12: Roda de conversa com as mulheres feirantes (segundo momento).

Planejamento do segundo momento					
Objetivo/Meta		Etapa/atividade		Responsáveis	Data
Construção dialogada do Boletim informativo digital.		*Boas vindas as feirantes na roda de conversa *Exposição dos DSC's da pesquisa de campo *Escuta dialogada com as mulheres feirantes pesquisadas. *O que ocorrer.		*Mariana Coelho	17 de agosto de 2021.
Operacionalização do segundo momento					
Objetivo	Meta	Etapa/Condução da atividade Responsável: Mestranda Mariana Coelho		Participantes	Data
Construção dialogada do Boletim informativo digital.	Escuta dialogada com as mulheres feirantes	*Boas vindas as feirantes na roda de conversa *Exposição dos DSC's da pesquisa de campo *Escuta dialogada com as mulheres feirantes pesquisadas sobre propositivas de intervenção nos seus espaços de trabalho *Escolha de símbolos e cores para logomarca, seções e conteúdo do Boletim Informativo digital		*Mariana Coelho *E1 - Morango, E2 - Jaca, E3 - Maçã, E4 - Ameixa e E5 - Uva.	17 de agosto de 2021.

Fonte: Elaboração própria (2021).

A roda de conversa, do segundo momento com as mulheres feirantes, realizada em meio virtual, permitiu a união de ideias e algumas propositivas apontadas pelas mulheres, como: o fortalecimento da publicização da feira municipal com o uso de anúncios publicitários: *outdoors*⁸, *busdoors*⁹; a necessidade de registro de algumas delas como MEI e capacitações em parceria com o SEBRAE; e a implantação de rede de *Wi-Fi* gratuita nos galpões da feira para acesso à internet pelos feirantes e consumidores. As sugestões postas, que podem potencializar suas atuações como

⁸ Anúncio em forma de cartaz, de grandes dimensões, exposto à margem de vias urbanas ou em outros pontos ao ar livre destacados para tal.

⁹ Adesivo publicitário colado na parte externa do vidro traseiro de um ônibus.

empreendedoras, serão repassadas para prefeitura de Santo Antônio de Jesus e Secretaria de Agricultura e Abastecimento que gerencia a feira livre pela mestranda, por intermédio de uma reunião. As demais escutas dialogadas com as feirantes, relacionadas a criação do Boletim Verde, produto final dessa pesquisa, estão apresentadas a seguir.

4.4 PRODUTO DA PESQUISA: BOLETIM VERDE INFORMATIVO DIGITAL

Segundo a Instrução normativa nº 02 (2021) do Programa de pós-graduação *stricto sensu* do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES), a intervenção deve propor a criação de um produto final. Neste caso, realizada por roda de conversa dialogada com as mulheres feirantes participantes da pesquisa (Quadro 12), permitiu a criação da 1ª edição do BOLETIM VERDE - um informativo com edições periódicas anuais em formato digital.

Sua difusão e publicização na versão digital (PDF) será feita via aplicativo *WhatsApp* (para todas as mulheres feirantes, por intermédio da criação de um grupo no aplicativo). Será articulada a veiculação do Boletim Verde com a Secretaria de agricultura e abastecimento (SAAB) de Santo Antônio de Jesus-Ba, no portal da prefeitura, plataforma digital que traz informações de todas as secretarias e órgãos do município, onde ficará disponível para consulta. A 1ª edição (2021) teve na sua composição cinco seções que são apresentadas no item 4.4.1. Como um informativo periódico, seu objetivo foi dar visibilidade a mulher feirante e trazer no seu conteúdo sugestões dialogadas com as mulheres sobre o empreendedorismo feminino. O conteúdo das seções do boletim pode ser modificado ao longo das edições anuais pela mestranda Mariana Coelho, que se utilizará da via dialógica com as mulheres feirantes do local. No Boletim Verde - 1ª edição trazemos como propositiva de composição estrutural 5 seções, apresentadas a seguir:

4.4.1 Boletim Verde: estrutura das seções na 1ª edição

A estrutura do Boletim Verde é composta de cinco seções:

- O que é o Boletim verde?
- A feira de Santo Antônio de Jesus (SAJ) - Bahia na perspectiva feminina

- A voz da mulher feirante
- Empreendedorismo feminino: sugestões dialogadas
- Reflexões femininas

O detalhamento das seções foi explicado no item 4.4.2.

Na roda de conversa (Quadro 12), o segundo momento, foi idealizada uma logomarca¹⁰ para o Boletim Verde. Elegemos as frutas pera e laranja, por serem tipicamente comercializadas na feira local. Segundo Guimarães (2004), a escolha de uma cor pode provocar uma sensação visual que conduz ao registro no cérebro, e quando se trata do ambiente da feira, em diálogo com as mulheres feirantes participantes da pesquisa, compreendemos que por estarem em um espaço em que as cores das frutas são vibrantes e marcantes, nitidamente identificado nas barracas de hortifrúti, foram escolhidas as cores: verde, que simboliza natureza, saúde, vitalidade, renovação; e laranja, que se remete a vigor, prosperidade, e também à criatividade.

Em relação ao símbolo de tecnologia para compor a logomarca do Boletim, analisamos Castells (1999b), quando pontua que as trajetórias das maiores mudanças tecnológicas são sociais, e a história da humanidade é marcada pela invenção tecnológica quando impulsiona tanto os rumos sociais, econômicos quanto culturais. Castells (1999b) ainda reforça que existe uma sociedade em rede relacionada às novas tecnologias da informação e comunicação que estão criando a chamada “cultura da virtualidade real”. Segundo Jenkins (2008), a sociedade em rede está “sob um processo de transformação cultural, à medida que os consumidores, principalmente os da geração digital, são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos” (p.27). Esta ideia de uma convergência midiática se coloca como um processo em que as mídias (meio de comunicação através do qual as informações são divulgadas) estão convergindo para a internet, o que permite o compartilhamento de conhecimento e informações.

Juntamente com as mulheres feirantes (Quadro 12), dialogamos sobre a Figura 08, imagem da logomarca do Boletim Verde, representada abaixo:

¹⁰ Desenho, símbolo ou o ícone que representa uma marca graficamente, como uma identidade visual.

Figura 8: Logomarca do Boletim Verde



Fonte: Elaboração própria (2021)

A logomarca teve seu encaminhamento feito pela mestranda Mariana Amado Alvarez Coelho, para registro pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), por intermédio da Agência UNEB de Inovação¹¹. A referida agência tem como objetivo, dentre outros, difundir a cultura de inovação e empreendedorismo e proteger a propriedade intelectual. O registro de marca foi publicado¹², na revista de propriedade intelectual (RPI) do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), em outubro de 2021 (ANEXO B).

¹¹ Componente do Núcleo de Inovação Tecnológica da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

¹² Número do protocolo 850210410747 encaminhado pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), via Agência de Inovação UNEB, em 22 de setembro de 2021 e publicada na Revista de Propriedade Intelectual (RPI) nº 2649, no dia 13 de outubro de 2021.

4.3.2 Boletim Verde: formato final

Na Figura 09 está representada a página 1 do Boletim Verde, idealizada em diálogo com as mulheres feirantes de SAJ/BA.

Figura 9: Boletim Verde - Informativo Digital - 1ª. Edição - página 1.



Fonte: Elaboração própria (2021)

Elaboramos na página 1, duas seções. A primeira, intitulada "O que é Boletim Verde?", trouxe uma breve descrição do Boletim como produto final da pesquisa de Mestrado em Intervenção Educativa e Social (MPIES), desenvolvido pela mestrandia em conjunto com as mulheres feirantes de Santo Antônio de Jesus – Bahia, onde

também se elencamos as demais seções postas no Boletim. A segunda seção, intitulada “A feira de Santo Antônio de Jesus na perspectiva feminina” foi possível ser desenvolvida após a análise do DSC 1, elucidado no capítulo 03. Esta, abordamos o trabalho na feira dentro da perspectiva da mulher feirante, um pouco da história da feira livre de Santo Antônio de Jesus e as percepções da mestranda sobre a feira supracitada, identificadas em pesquisa bibliográfica, documental e de campo.

A Figura 10 representada a página 2 do Boletim Verde:

Figura 10: Boletim Verde - Informativo Digital - 1ª. Edição - página 2



Fonte: Elaboração própria (2021)

Para que se possa socializar os contributos achados na pesquisa de campo, na página 2, consta a terceira seção, cujo título foi “A voz da mulher feirante”, construída após a análise do DSC 2, no capítulo 03. Apresentamos o trabalho na feira dentro da perspectiva da mulher feirante, suas histórias de vida como empreendedoras, demonstrando enfrentamentos do gênero e a feira como um espaço de luta e resistência no território do Recôncavo baiano.

A Figura 11 está representada a página 3 do Boletim Verde:

Figura 11: Boletim Verde - Informativo Digital - 1ª. Edição - página 3

EMPREENDEDORISMO FEMININO: SUGESTÕES DIALOGADAS

Esta seção traz sugestões dialogadas para o empreendedorismo feminino. Em pesquisa, o Sebrae (2020) aponta que durante a pandemia da COVID-19, houve um aumento do empreendedorismo feminino no Brasil, e que o grupo das mulheres foi o mais afetado pelo crescimento do desemprego devido à crise econômica causada nesse contexto. O órgão ainda registra: “a necessidade de uma fonte de renda é o principal motivo que as levou a empreender” (SEBRAE, 2020, p. 3). E4-Uva afirma: “ultimamente tem sido muito difícil para gente, [...] com essa pandemia o tanto de prejuízo, tá sendo difícil”.

Situações como coleta e descarte do lixo, melhorias na estrutura física da feira, padronização e ordenamento do trânsito, foram sugestões ouvidas e trazidas pelas mulheres feirantes: E1-Morango sugere: “botar contêiner em todos os pontos”, para que melhore a limpeza no local. E3-Maçã alerta: “aqui na feira a gente precisa muito de uma reforma”, quando aborda a necessidade de melhoria na estrutura física do galpão. E3-Ameixa também sugere: “mais segurança” e acrescenta: “melhorar o estacionamento para os clientes, a carga e descarga”.

Outras sugestões foram sinalizadas em diálogo com as mulheres feirantes, como: a importância de cadastramento como microempreendedor(a) individual (MEI), capacitações pelo Serviço Brasileiro de Apoio às micro e pequenas empresas (SEBRAE), bem como a implantação de rede de internet gratuita na feira livre.

As sugestões apontadas poderiam otimizar a atuação empreendedora das mulheres feirantes que atuam na feira livre de Santo Antônio de Jesus-BA

Melo Neto e Fróes (2002) explicam que ao empreender socialmente há geração de renda e emancipação social.

Para que isso se concretize, é fundamental uma escuta mais sensível das mulheres feirantes que atuam como empreendedoras no local.

Observação: Por questões éticas, foram utilizados pseudônimos de frutas para preservar a identidade das mulheres pesquisadas (2021).



3

Fonte: Elaboração própria (2021)

Na página 3, apresentamos a seção “Empreendedorismo feminino: sugestões dialogadas”. Foram levantadas questões referentes ao empreendedorismo feminino,

e nesse ponto, por conta da pandemia da COVID-19, feito um destaque da pesquisa do Sebrae (2020) abordada no capítulo 03. A referida seção foi elaborada após análise do DSC 3, no mesmo capítulo. Trouxemos questões relacionadas ao empreendedorismo feminino em forma de sugestões dialogadas com as mulheres da feira livre de Santo Antônio de Jesus-BA.

A Figura 12 foi representada a página 4 do Boletim Verde:

Figura 12: Boletim Verde - Informativo Digital - 1ª. Edição - página 4

REFLEXÕES FEMININAS

Esta seção traz reflexões voltadas para o gênero feminino. Na 1ª edição do Boletim Verde, apresenta-se a poesia intitulada "Sexo frágil":

Dizem que mulher é sexo frágil, esse ser que transpira pra viver
Trabalha, estuda, se vira pelo avesso para se despir dessa hipotética "fragilidade"
Essa heroína de todos os dias, se faz forte pra driblar imperfeições

Suas dores e dissabores, escondidos por traz de sorrisos disfarçados
Por dentro, seu elemento substancial é algo surpreendente
Por vezes incompreendido, esquecido

O segredo do seu labor diário muitas vezes solitário
Físico, mental, emocional.
Ela inspira proteção, amor e paixão
Ela tem o poder de criar, se reinventar; e de recomeçar
Mulher, você não é sexo frágil! Isso é o que tentaram te impor.


Você é resistente, persistente, resiliente.
Não desiste, você insiste! Não pra mostrar quem você é...
Mas para revelar a grandeza de se reerguer sozinha
De emergir muitas vezes sem vontade, em meio à adversidade

Quem me dera poder ver toda mulher compreender
O real sentido do seu ser.
Sexo frágil é o velho conto da carochinha...
Que inventaram pra tentar te esconder

Precisamos expor quem são essas "Marias e Marilenes"
Mães, meninas, mulheres cansadas dos seus múltiplos papéis
Que essa lembrança venha à tona: Vai lá mulher, você detona!

Você não se esconde.
Tem fragilidades, sim, porque: você é de verdade.
E essa é, na realidade, a sua maior qualidade.

(Mariana Coelho)



4

Fonte: Elaboração própria (2021)

A seção: "Reflexões femininas" encerra o Boletim. Por ser a última seção, propomos trazer mensagens, músicas, poesias ou textos sempre relacionados ao gênero feminino. Na 1ª edição, apresentamos a poesia de autoria da mestrand

Mariana Amado Alvarez Coelho, cujo título é “Sexo frágil”, objetivamos trazer uma mensagem de que a mulher não é um “sexo frágil”, pensamento comum na sociedade patriarcal, mas que ela é forte e enfrenta seus próprios desafios, mesmo em meio às dificuldades inerentes ao gênero.

A Figura 13, está representada a página 5 do Boletim Verde:

Figura 13: Boletim Verde - Informativo Digital - 1ª. Edição - página 5

The image shows a digital page with a green header and footer. The main content is white with a green border. At the top, there is a green bar with the word 'REFERÊNCIAS' in white. Below this, there are four references listed in black text. Further down, there is a section titled 'Realização' with a horizontal line above it. Below this section, there is a box containing author and orientation information. At the bottom of the page, there is a row of logos for DEDC, UNEB, MPIES, and GEPERCS. The page number '5' is in a small green circle in the bottom right corner.

REFERÊNCIAS

LARAIA, R. B. Cultura um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MELO NETO, F. P.; FROES, C. Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável. 1. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

SANTOS, H.R. Sementes do tempo, colheitas da vida: cultura e trabalho defeirantes no Recôncavo Baiano - Santo Antônio de Jesus (1950-1970). Tese(doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programade Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2018.

SEBRAE. O impacto da pandemia de coronavírus nos Pequenos Negócios –3ª edição. Resultados por Sexo Pesquisa Online –de 30/04 a 05/05/2020. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Impacto-do-coronav%C3%ADrus-nas-MPE-3%C2%AAedicao_SEXO-2.pdf> Acesso em 29 ago. 2020.

Realização

Pesquisa aprovada sob Parecer do Comitê de Ética em pesquisa (CEP) nº 4.391.577/UNEB.

Autora: MARIANA AMADO ALVAREZ COELHO
Orientadora: Profa. Dra. Sandra Célia Coelho Gomes da Silva
Programa de Mestrado Profissional em Intervenção educativa e social - UNEB
Campus XI - Serrinha-Bahia
Linha de pesquisa Novos contextos de aprendizagem
Título da pesquisa:
MULHERES EMPREENDEDORAS SOCIAIS NO RECÔNCAVO BAIANO:
UMA PROPOSTA INTERVENTIVA

Endereço do Galpão de Hortifruti:
Centro - Feira Livre Municipal - Santo Antônio de Jesus - Bahia.

DEDC
Departamento de Ciências
Campus XI Serrinha

UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

MPIES
Mestrado Profissional em
Intervenção Educativa e Social

GEPERCS
GÊNERO, EDUCAÇÃO E POLÍTICA
SOCIAL E CULTURAL

5

Na última página do Boletim, a página 05, foram postas as referências utilizadas, informações relativas à autoria e realização do produto final da pesquisa – o Boletim Verde.

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral e específicos dessa pesquisa foram alcançados com a elaboração do produto final, fruto de uma intervenção realizada junto às mulheres feirantes por roda de conversa remota. Neste capítulo explicamos as etapas para a realização do produto, após estudo de campo. Teve como objetivo a apresentação da intervenção e sua concretização, por meio do diálogo com as mulheres da feira livre de Santo Antônio de Jesus - BA. Utilizamos como aporte teórico para pesquisa de intervenção, Pereira (2019), ao conseguir se constituir uma investigação não apartada da situação vivencial de mulheres feirantes, no momento em que se desenvolvemos uma escuta participativa na elaboração do Boletim Verde.

Percebemos depois da análise dos DSC's e construção dialogada com as pesquisadas, que tais mulheres se denominam empreendedoras, apesar dos enfrentamentos e desafios postos no seu ambiente de trabalho, como ausência de políticas públicas mais efetivas para sua comunidade, e problemas infra estruturais no galpão de hortifrúti, circunstâncias que não as fazem perder a motivação empreendedora, o bom humor e a esperança para vencer.

5 (IN) CONCLUSÃO

O empreendedorismo social feminino estudado nesta pesquisa como uma via de trabalho que permite a sobrevivência de muitas mulheres no Brasil, se desenvolve em espaços sociais e comunitários inclusive nas feiras livres, a nível regional, e se caracteriza sobretudo por proporcionar a perpetuação da geração de renda. A feira livre, por sua vez, está enraizada em muitas cidades brasileiras e no Recôncavo baiano, como parte da cultura local, e exerce um preponderante papel de abastecimento urbano. Feirantes agregam em suas práticas trocas de produtos, serviços, sociabilidades e resistem na pós-modernidade com a preservação das relações humanas imbricadas no comércio. As histórias de vida de mulheres feirantes analisadas neste trabalho nos remetem à constante luta pela significação do gênero feminino, no seu campo de trabalho, frente a uma sociedade hegemonicamente capitalista e patriarcal.

Esta dissertação, intitulada “Mulheres Empreendedoras Sociais numa Feira Livre do Recôncavo Baiano: uma proposta interventiva”, apresentamos a questão de pesquisa: quais as propositivas de intervenção para mulheres feirantes no ramo de trabalho de hortifrúti da feira livre de Santo Antônio de Jesus para desenvolver o empreendedorismo social? Como metodologias utilizadas para a aplicação da investigação, definidas para atingir o objetivo geral, utilizamos: abordagem qualitativa de cunho exploratório, descritivo e pesquisa empírica. Em campo, entrevistas narrativas (remotas) usando com a história de vida e, posteriormente, a análise de dados através do Discurso do Sujeito Coletivo. O estudo teve aprovação no Comitê de ética em Pesquisa (CEP), sob parecer nº 4.391.577. A metodologia atendeu aos objetivos propostos para o estudo.

No **Capítulo 01**, apresentamos uma introdução para contextualização do objeto de estudo, o empreendedorismo social feminino, com a elucidação dos objetivos e justificativa da pesquisa. Foram postos os percursos metodológicos e o campo de estudo - a feira livre de SAJ, seus aspectos históricos e socioeconômicos; fizemos uma revisão de literatura, cujos trabalhos visitados contribuíram para compreensão de questões-chaves relacionadas ao contexto da globalização e seus impactos sobre comunidades regionais como as feiras livres; composições históricas e socioeconômicas do território do Recôncavo Baiano, bem como o entendimento do empoderamento feminino como um árduo processo para as mulheres, no caminho

para se estabelecerem no mercado de trabalho diante das questões de desigualdade de gênero, encontrando no empreendedorismo um caminho para o enfrentamento do desemprego; e, elucidamos a composição da estrutura da dissertação.

Para atender aos objetivos específicos, compreendemos, no **Capítulo 02**, a história, os aspectos socioeconômicos, étnicos e culturais do território de identidade do Recôncavo Baiano, as especificidades das feiras livres, e como elas são representativas no Brasil, inclusive como impulsionadoras da emancipação de muitas cidades brasileiras, em especial no estado da Bahia e no território do recôncavo. No **Capítulo 03**, elucidamos o empreendedorismo social na perspectiva da identidade de gênero feminino, demonstrando a realidade de mulheres empreendedoras no ramo do trabalho de hortifrúti na feira livre de Santo Antônio de Jesus – Bahia. Neste capítulo, juntamente com os achados de campo, possibilitamos uma profícua interlocução entre o aporte teórico e contexto empírico estudado.

No **Capítulo 04**, construímos o Boletim Verde - Informativo Digital, produto final dessa pesquisa, elaborado por meio de roda de conversa dialogada e remota, devido ao contexto da pandemia da COVID-19, com as mulheres feirantes pesquisadas. Este produto, em sua 1ª edição, teve como objetivo dar visibilidade a mulher feirante e trazer no seu conteúdo sugestões dialogadas com as mulheres sobre o empreendedorismo feminino. O meio de difusão e publicização do produto final se dará na versão em formato digital (PDF) para divulgação em portal da prefeitura de Santo Antônio de Jesus- Bahia.

Constituem-se achados da pesquisa: o trabalho precoce da mulher feirante, auto responsável por conquistas pessoais e enfrentamentos do gênero feminino pesquisado para desenvolver o empreendedorismo social em uma feira livre do Recôncavo baiano; o trabalho na feira como um costume passado de geração para geração, configurando-se um legado cultural; a identificação da igualdade de gênero no trabalho como feirante; de uma elevada auto estima e autovalorização das mulheres pesquisadas; e, a união feminina entre as feirantes da pesquisa. Estes achados, remetem a um empoderamento feminino. Outros foram: insatisfações com a organização, limpeza, coleta de lixo, estrutura física do galpão de hortifruti, segurança local e o estacionamento para carga e descarga de fornecedores de mercadorias na feira livre de Santo Antônio de Jesus-BA.

Podemos destacar algumas dificuldades para a concretização dessa pesquisa, como: as entrevistas remotas no período da pesquisa de campo, em março de 2021,

quando se agravou a pandemia da COVID-19. Conforme elucidado, foi possível o alcance do objetivo geral e específicos do estudo, pelo uso das metodologias mencionadas - as entrevistas e rodas de conversas remotas.

Configuramos (in)conclusões da pesquisa, a constatação de que as mulheres feirantes são empreendedoras exercendo um duplo labor e conseguem desenvolver o trabalho mediante enfrentamentos de gênero. Percebemos que tais mulheres possuem empoderamento nas suas narrativas, ao enfatizarem seu papel social e a valorizarem seu trabalho na feira, muitas vezes invisível diante da sociedade patriarcal. Ainda fazem parte das (in) conclusões, a observação de que o empreendedorismo social feminino se mantém como uma prática na feira livre de Santo Antônio de Jesus-Ba diante do contexto da pandemia da COVID-19, e da pós-modernidade, manifestando seus aspectos culturais diante do sistema capitalista em seu entorno.

Apontamos contribuições sociais dessa pesquisa, a visibilidade das histórias de vida de mulheres feirantes por meio de um diálogo profícuo sobre reflexões sobre gênero e a intervenção social via produto apresentado, após conhecer o contexto de trabalho de mulheres feirantes na cidade de Santo Antônio de Jesus-BA, por intermédio de um olhar sensível para suas narrativas.

Como desdobramentos desse estudo citamos ações para educação empreendedora e incentivos para pesquisas. Planejamos publicações de mais edições do Boletim Verde, durante um período de cinco anos, tendo como público mulheres da comunidade da feira livre de Santo Antônio de Jesus-BA, articulando seu conteúdo com o tema empreendedorismo feminino. A disponibilização deste material científico servirá de consulta para pesquisas no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) e no Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde (GEPERCS), numa perspectiva interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

ANASTÁCIO, M. R. Empreendedorismo social e inovação social: contexto, conceitos e tipologias de iniciativas de impacto socioambiental. In: ANASTACIO, M. R.; CRUZ FILHO, P. R. A; MARINS, J. (orgs.). **Empreendedorismo social e inovação social no contexto brasileiro**. Curitiba: PUCPRESS, 2018. pp. 31-50.

ARAÚJO, S. M. P. **Mulheres em situação de fragilidade social e o Programa Mil**: o papel das políticas na perspectiva de emancipação para o trabalho. 2015. 152 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015.

BAHIA. [Constituição (1947)]. **Constituição do Estado da Bahia**. Edição atualizada. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 1989. Disponível em: <http://www.legislabahia.ba.gov.br/documentos/constituicao-do-estado-da-bahia-de-02-de-agosto-de-1947>. Acesso em: 10 de Maio de 2021.

_____. Lei nº 14.172, de 6 de novembro de 2019. Institui o Plano Plurianual Participativo - PPA do Estado da Bahia para o quadriênio 2020-2023. **Diário Oficial do Estado**: Palácio do Governo do Estado, Salvador, Bahia. Disponível em: http://www.seplan.ba.gov.br/arquivos/File/ppa/PPA2020_2023/revisao/2021/Lei_14172_Lei_PPA_Alterada.pdf. Acesso em: 10 mai. 2021.

_____. **Panorama socioeconômico da população negra**. Superintendência de estudos econômicos e sociais da Bahia, 2020. Disponível em: http://www.sei.ba.gov.br/images/publicacoes/download/textos_discussao/texto_discussao_17.pdf: Acesso em: 20 abr. 2021.

_____. **Boletim de Indicadores econômicos da Bahia**, 2021. Disponível em: https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3178&Itemid=921. Acesso em: 15 mai. 2021.

_____. **Info territórios**: território de identidade Recôncavo. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. [202-?]. Disponível em: https://www.sei.ba.gov.br/images/informacoes_por/territorio/indicadores/pdf/reconcavo.pdf. Acesso em: 15 jan. 2021.

BARICKMAN, B. J. **Um contraponto baiano**: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BAUMAN, Z. **Comunidade** – a busca por segurança no mundo atual. 1. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BERTH, J. **Empoderamento**. Feminismos plurais. São Paulo: Jandaíra, 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. Ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

_____. Lei nº. 10. 257 de 10 de Julho de 2001, Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. **Estatuto da Cidade**. Coleção Saraiva de Legislação. 2. ed. Atual. São Paulo: Saraiva, 2002.

_____. **Marco de referência para apoio do desenvolvimento de territórios rurais**. Ministério do Desenvolvimento Agrário [MDA]. Brasília: MDA, 2005.

_____. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, referenciais da bioética, tais como, autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, dentre outros, e visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado. Conselho Nacional de Saúde. **Diário Oficial da União**. Brasília: Gabinete do Ministro, 2012. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 22 de novembro de 2021.

_____. **Caderno territorial- Perfil Territorial Recôncavo, BA**. Ministério do desenvolvimento agrário, 2015. Disponível em: http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_187_Rec%C3%83%C2%B4ncavo%20-%20BA.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021

BRAUN, V.; CLARKE, V.; GRAY, D. **Coleta de dados qualitativos**. 1. ed. Edição do Kindle. São Paulo: Editora Vozes, 2019.

BURKE, P. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

CARDOSO, G. **Mude, Você, o Mundo!**: Manual de Empreendedorismo Social. 1. ed. São Caetano do Sul: Lura Editorial. [E-Book].2015.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**. 1. ed. Petrópolis, Vozes, 1998.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999a.

_____. **A Era da Informação**: Economia, Sociedade e Cultura. Volume 2, O Poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999b.

CHODOROW, N. **Psicanálise da maternidade**: uma crítica a Freud a partir da mulher. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1990.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**.1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. 8. ed. São Paulo: Empreende, 2021.

FEIRA preta 2019 movimentou R\$1,5 milhão em 2 dias. **Bahia Econômica**. 10 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://bahiaeconomica.com.br/wp/2019/12/10/feira-preta-2019-movimentou-r-15-milhao-em-2-dias/>. Acesso em: 22 nov. 2021.

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

GUIMARÃES, L. **A cor como informação**: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2004.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo, UNESP, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 3 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

HIRATA, H. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, n. 17-18, p. 139–156, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/PcsfvS6CPpgQRZLRmdTzgxL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 Nov. 2021.

HOLANDA, H. B. Feminismo em tempos pós-modernos. In: HOLANDA, H. B. **Tendências e impasses**: O feminismo como crítica da cultura. 1. ed., Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Volume XXI. Rio de Janeiro, 1958. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_21.pdf. Acesso em: 18 out. 2021.

_____. **Cidades**. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/27946-divulgacao-semanal-pnadcovid1.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 22 nov. 2021.

Instituto Federal da Bahia [IFBA]. **Institucional**. Portal. Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/aceso-a-informacao/institucional>. Acesso em: 15 mai. de 2021.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LARAIA, R. B. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **Depoimentos e Discursos**: uma proposta de análise em pesquisa social. 1. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

MASCARENHAS, A. SAJ: Prefeitura realiza mais uma ação de distribuição de máscaras na Feira Livre. **TV SAJ**. Santo Antônio de Jesus. 01 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.tvsaj.com.br/saj-prefeitura-realiza-mais-uma-acao-de-distribuicao-de-mascaras-na-feira-livre/>. Acesso em: 22 nov. 2021.

MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C. S. Feira livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea - DOI 10.5216/ag.v2i2.4710. **Ateliê Geográfico**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 72–87, 2008. DOI: 10.5216/ag.v2i2.4710. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/4710>. Acesso em: 22 nov. 2021.

MELO NETO, F. P.; FROES, C. **Gestão da responsabilidade social corporativa: o caso brasileiro; da filantropia tradicional à filantropia de alto rendimento e ao empreendedorismo social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

_____. **Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável**. 1. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MILES, R. **A história do mundo pela mulher**. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa / LTC Livros Técnicos e Científicos, 1989.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013.

MOTT, L.R.B. Subsídios à história do pequeno comércio no Brasil. **Revista de História**. São Paulo, v.53, 1976. Disponível em: <https://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/105/a05n105op.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2021.

NEVES, E. F. **História Regional e Local: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade**. Salvador-BA: Editora Arcadia, 2002.

OLIVA, A. R. **A África não está em nós: a história africana no imaginário de estudantes do recôncavo baiano**. *Fronteiras*, v.11, n.20, pp. 73-91, Dourados, MS: jul./dez. 2009. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/625>. Acesso em: 22 nov. 2021.

OLIVEIRA, A. M. C. S. **Recôncavo Sul: terra, homens, economia e poder no século XIX**. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2002.

OLIVEIRA, E. M. **Empreendedorismo social no Brasil: fundamentos e estratégias**. 2004. 538f. Tese (Doutorado em Serviço Social) Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista - Unesp, Franca, 2004.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS [ONU] MULHERES. **Os desafios das mães empreendedoras na pandemia**. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2021/09/ONU_CA1.pdf. Acesso em: 20 jun. 2021.

PANTOJA, S. **Conexões e identidades de gênero no caso Brasil e Angola, sécs XVIII-XIX**. 2004. Disponível em: <http://www.casadasafricanas.org.br/wp/wpcontent/uploads/2011/08/Conexoes-e-identidades-de-genero-no-caso-Brasil-e-Angola-secs.-XVIII-XIX.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2021.

PLANO TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL, SUSTENTÁVEL E SOLIDÁRIO DO RECÔNCAVO. **Colegiado Territorial do Recôncavo**. Universidade Federal do Recôncavo Baiano- UFRB. Cruz das Almas, 2017. Disponível em: http://www.seplan.ba.gov.br/arquivos/File/politica-territorial/PUBLICACOES_TERRITORIAIS/Planos-Territoriais-de-Desenvolvimento-Sustentavel-PTDS/2018/PTDS_Territorio_Reconcavo.pdf. Acesso em: 22 nov. 2021.

PERAFÁN, M.E.V; OLIVEIRA, H. **Território e Identidade**. Coleção Política e Gestão Culturais. Disponível em: <http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/PERAFANMireyaEValenciaOLIVEIRAHumbertoTerritorioeIdentidadeColecaoPoliticaseGestaoCulturaisSECULT2013.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2021.

PEREIRA, A. **Pesquisa de intervenção em educação**. 1. ed. Salvador: EDUNEB, 2019.

PETERS, B. G. **American Public Policy**. 1. ed. Chatham: Chatham House, 1986

PINHEIRO, J. P. S. **Mudanças socioespaciais e tendências do desenvolvimento do Recôncavo Sul da Bahia/Brasil (1970-2016)**: o papel de Santo Antônio de Jesus e de Cruz das Almas. 2017. 220 f. Tese (Doutorado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social), Universidade Católica do Salvador. Salvador, 2017.

PORTAL DO EMPREENDEDOR. **Empresas e Negócios**. Governo Federal. [201-?]. Disponível em: https://www.meiportal.org/servico/alterar-mei?qclid=Cj0KCQiA4b2MBhD2ARIsAlrcB-RFixOWaQFA9Cp1bNLaf7dFgDkQZEEWw64YZOaS2Pya1NCsNGoPNMaAmF9EALw_wcB. Acesso em: 13 nov. 2021.

PRESTES MOTTA, F.; CALDAS, M. **Cultura organizacional e cultura brasileira**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

QUANDO nasce uma mãe, nasce uma empreendedora. **Rede Mulher Empreendedora**, 08 de maio de 2019. Disponível em: <https://rme.net.br/2019/05/08/quando-nasce-uma-mae-nasce-uma-empreendedora/#>. Acesso em: 20 jun. 2021.

RIBEIRO, D. O Brasil crioulo. In: RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS [SAJ]. **Plano de desenvolvimento urbano de Santo Antônio de Jesus**. Câmara Municipal. Salvador: Aquino Consultores Associados, 2000.

_____. Lei Municipal Nº 1283/2015. Define a nova estrutura administrativa da Prefeitura Municipal de Santo Antônio de Jesus e dá outras providências. **Prefeitura Municipal: Santo Antônio de Jesus**, 2015. Disponível em: https://io.org.br/ba/santoantoniodesus/arquivos_clientes/699/midia/69793.pdf. Acesso em: 27 mai. 2021.

SANTOS, H.R. **Sementes do tempo, colheitas da vida: cultura e trabalho de feirantes no Recôncavo Baiano – Santo Antônio de Jesus (1950-1970)**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2018.

SANTOS, B. S. **A globalização e as ciências sociais**. 3ª. edição. São Paulo, Cortez, 2002.

_____. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. In: SANTOS, B. S.; MENEZES, M. P. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*, p. 23-72. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SANTOS, M. **A rede urbana do Recôncavo**. Salvador: Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais - Universidade Federal da Bahia, Imprensa Oficial, 1959.

_____. **Por uma Geografia Nova**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1996.

_____. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. **A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **A rede urbana do Recôncavo**. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia; sociedade e economia em transição*. 1. ed. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998, 184 p.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 4. ed. São Paulo: Editora Record, 2000.

_____; SILVEIRA, M.L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. 3. ed. Recife: SOS Corpo, 1996.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS [SEBRAE]. **Painel do empreendedorismo no Brasil**. Data Sebrae, 2018. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/painel-empendedorismo-feminino/>. Acesso em 29 abril 2021.

_____. **Empreendedorismo no Brasil – Relatório Executivo**, Sebrae/GEM/IBQP, 2019. Disponível em: <http://ibqp.org.br/PDF%20GEM/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20Empreendedorismo%20no%20Brasil%202019.pdf>. Acesso em 29 ago. 2020.

_____. **O impacto da pandemia de coronavírus nos Pequenos Negócios –3ª edição**. Resultados por Sexo Pesquisa Online –de 30/04 a 05/05/2020. Disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Impacto-do-coronav%C3%ADrus-nas-MPE-3%C2%AAedicao_SEXO-2.pdf. Acesso em 29 ago. 2020.

SILVA, D. O. **A feira livre de Cruz das Almas: dinâmica espacial, planejamento e gestão municipal**. 140f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional da Universidade do Estado da Bahia UNEB – Santo Antônio de Jesus-BA. 2012.

SOARES, C. E. L.; GOMES, F. D. S. “Dizem as Quitandeiras...”: ocupações urbanas e identidades étnicas em uma cidade escravista: rio de janeiro, século XIX. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, v. 15, n. 2, jul-dez, n. 2, p. 3-16, 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/107623>. Acesso em: 22 nov. 2021.

SOBRE a Feira Preta. **Portal Feira Preta**. Disponível em: <https://feirapreta.com/>. Acesso em: 12 jul. 2021.

SOUZA, S. D.; LEMOS, C. T. **A casa, as mulheres e a igreja**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA [UNEB]. Instrução Normativa nº 02/2021, **Aprova o Regulamento que** dispõe sobre procedimentos e normas para a realização da pré-qualificação, qualificação e defesa dos Trabalhos de Conclusão de Curso dos discentes regulares no âmbito do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU MESTRADO PROFISSIONAL EM INTERVENÇÃO EDUCATIVA SOCIAL (MPIES), Departamento De Educação (DEDC) – *Campus XI – Serrinha* – Universidade do Estado da Bahia (UNEB). **Diário Oficial do Estado**. Disponível em: <http://www.mpies.uneb.br/wp-content/uploads/2021/10/INSTRU%C3%87%C3%83O-NORMATIVA-TCC.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2021.

_____. Conselho Universitário. **Resolução nº 1.423/2020, de 05 de agosto de 2020**. Aprova os Documentos Referenciais concernentes às AÇÕES ACADÊMICAS e GESTÃO DE PESSOAS E PROCEDIMENTOS ADMINISTRATIVOS em função do estado de calamidade pública decorrente da Pandemia COVID-19, no âmbito da UNEB. Sala das Sessões: Conselho Universitário, 2020. Disponível em: <https://portal.uneb.br/conselhos/wp-content/uploads/sites/103/2020/08/Res.-CONSU-1423-Docmentos-Referenciais-Acad.-e-Adm-@oficial.pdf>. Acesso em: 7 maio 2021.

WEBER, M. **The theory of social and economic organization**. Organizada por T. Parsons. Glencoe-Ill: The Free Press e The Falcon Wing Pres, 1947.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC CAMPUS XI



MESTRADO PROFISSIONAL EM INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL (MPIES)

APÊNDICE 01: ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Fale um pouco sobre sua história de vida na condição de mulher no contexto pessoal, familiar e do trabalho.
2. Me conte um pouco na condição de mulher a realidade do seu trabalho na feira livre.
3. Na condição de mulher, você teria sugestões sobre a realidade da sua atuação profissional na feira livre?



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA



DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC CAMPUS XI

MESTRADO PROFISSIONAL EM INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL (MPIES)

**APÊNDICE 02: RODA DE CONVERSA COM AS MULHERES FEIRANTES
(MOMENTO 01)**

Quadro 04: Roda de conversa com as mulheres feirantes (primeiro momento).

Planejamento do primeiro momento				
Objetivo/Meta		Etapa/atividade	Responsáveis	Data
Exposição da proposta de construção do Boletim informativo digital (produto final da pesquisa do Mestrado em intervenção educativa e social – MPIES).		*Apresentação da mestranda Mariana Coelho e das mulheres feirantes	*Mariana Coelho	25 de fevereiro de 2021.
		*Exposição da proposta de construção do Boletim Informativo digital e do TCLE.		
		*Diálogo com as participantes da pesquisa.		
		*O que ocorrer.		
Operacionalização do primeiro momento				
Objetivo	Meta	Etapa/Condução da atividade Responsável: Pesquisadora	Participantes	Data
Exposição da proposta de construção do Boletim informativo digital (produto final da pesquisa do Mestrado em intervenção educativa e social – MPIES).	Escuta dialogada com as mulheres feirantes	*Apresentações de: E1 - Morango, E2 - Jaca, E3 - Maçã, E4 - Ameixa e E5 - Uva.	*Mariana Coelho E1 - Morango E2 - Jaca E3 - Maçã E4 - Ameixa E5 - Uva.	25 de fevereiro de 2021.
		*Exposição dialogada da proposta do Boletim Informativo digital e das metodologias para pesquisa de campo: - História de vida; - Discurso do Sujeito Coletivo.		
		*Explicações sobre o Termo de Consentimento Livre e esclarecido (TCLE).		
		*Diálogo com as mulheres feirantes, e aceite do TCLE.		
		*Agendamento da assinatura do TCLE e entrevistas remotas forma individualizada para o mês de março de 2021, via aplicativo <i>WhatsApp</i> .		

Fonte: Elaboração própria (2021).



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA



DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC CAMPUS XI

MESTRADO PROFISSIONAL EM INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL (MPIES)

**APÊNDICE 03: RODA DE CONVERSA COM AS MULHERES FEIRANTES
(MOMENTO 2)**

Quadro 12: Roda de conversa com as mulheres feirantes (segundo momento)

Planejamento do segundo momento				
Objetivo/Meta		Etapa/atividade	Responsáveis	Data
Construção dialogada do Boletim informativo digital.		*Boas vindas as feirantes na roda de conversa *Exposição dos DSC's da pesquisa de campo *Escuta dialogada com as mulheres feirantes pesquisadas. *O que ocorrer.	*Mariana Coelho	17 de agosto de 2021.
Operacionalização do segundo momento				
Objetivo	Meta	Etapa/Condução da atividade Responsável: Mestranda Mariana Coelho	Participantes	Data
Construção dialogada do Boletim informativo digital.	Escuta dialogada com as mulheres feirantes	*Boas vindas as feirantes na roda de conversa *Exposição dos DSC's da pesquisa de campo *Escuta dialogada com as mulheres feirantes pesquisadas sobre propositivas de intervenção nos seus espaços de trabalho *Escolha de símbolos e cores para logomarca, seções e conteúdo do Boletim Informativo digital	*Mariana Coelho *E1 - Morango, E2 - Jaca, E3 - Maçã, E4 -Ameixa e E5 - Uva.	17 de agosto de 2021.

Fonte: Elaboração própria (2021).

APÊNDICE 04: BOLETIM INFORMATIVO DIGITAL

Boletim Verde

O QUE É O BOLETIM VERDE?

O Boletim Verde é um informativo digital periódico, produto da pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES/UNEB Campus XI), pela mestrandia Mariana Amado Alvarez Coelho. Teve como objetivo analisar e intervir nas propositivas advindas da realidade de mulheres empreendedoras sociais que atuam no ramo de trabalho de hortifruti da feira livre de Santo Antônio de Jesus-BA. A pesquisa foi aprovada sob Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) nº 4.391.577/UNEB. Na 1ª edição, constam as seções que tratam sobre: "A feira de SAJ na perspectiva feminina"; "A voz da mulher feirante"; "O empreendedorismo feminino: sugestões dialogadas" e "Reflexões femininas". Estas seções foram elaboradas em diálogo com as mulheres entrevistadas: E1- Morango, E2-Jaca, E3-Ameixa, E4-Maçã e E5-Uva (pseudônimos usados para preservar as suas identidades).



Boletim Verde

A FEIRA DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS NA PERSPECTIVA FEMININA

Nesta seção é apresentada a feira numa perspectiva feminina. Às mulheres feirantes contam em suas entrevistas sobre o trabalho na feira: "como mulher não acho nada diferente do trabalho dos homens, até porque carrego caixa, arrumo frutas, [...] a barraca" trecho da fala da E1-Morango, sua narrativa expressa numa perspectiva feminina, que mulher feirante possui igualdade de gênero em relação aos homens mesmo diante de enfrentamentos sociais no seu dia-a-dia laboral. A E3-Maçã, aponta: "por a gente ser mulher, [...], uma olha a barraca da outra", esta fala expressa a união entre as mulheres. A entrevistada E1-Morango, diz: "tenho orgulho do que faço" e a E3-Maçã: "eu me acho mulher independente, [...] dou conta de tudo, forte", são expressões que deixam a percepção que há um empoderamento do gênero feminino na perspectiva das mulheres feirantes de Santo Antônio de Jesus-BA.



Nas primeiras atividades de negócios desenvolvidas em SAJ-BA, comercializavam-se somente produtos da cultura agrícola local, como a farinha de mandioca, típica na região do Recôncavo baiano (SANTOS, H. R., 2018). Nos dias atuais, a feira é um espaço de atuação de mulheres que são empreendedoras na venda de alimentos, roupas e hortifruti, propiciando renda pessoal, fortalecendo a cultura e a história do município, como observado na Pesquisa de campo (2021). Na feira livre de SAJ-BA, foi perceptível a sociabilidade e preservação das relações humanas no seu cotidiano, para além dos aspectos econômicos.

Galpão de hortifruti da feira livre de Santo Antônio de Jesus



Fonte: Arquivo da Secretaria de Agricultura e Abastecimento - SAAB - SAJ (2021)

A VOZ DA MULHER FEIRANTE

Nesta seção, são apresentados trechos de histórias de vida das mulheres feirantes de Santo Antônio de Jesus-Ba, e expressam suas percepções como mulher na feira: “me acho uma vencedora porque hoje sou uma pessoa que conquisto tudo que eu quero” (E2-Jaca). “Já trabalhei na feira de roupa e ajudava meu irmão, [...] eu fiquei com a barraca dele já tenho 3 anos na feira” (E3-Maçã). “Já sai com carro de mão pela rua, com aquelas cestas para poder vender umbu [...] consegui colocar essa barraca que eu venho lutando dia após dia para poder manter” (E5-Uva). “Tive que enfrentar dificuldade, meu pai ficou doente e me passou a barraca há 11 anos [...] era feirante há mais de 20 anos, vendia roupa na feira” (E4-Ameixa). E2-Jaca, relata: “aprendi com minha vó querida, pegar mercadoria, [...] e eu vendia muito”. Os costumes culturais recebidos da família são como um conjunto de saberes e comportamentos transmitido para gerações (LARAIA, 1997).

A voz da mulher feirante expressa enfrentamentos históricos do gênero feminino na sociedade, apresenta práticas desenvolvidas como costumes culturais na feira livre de SAJ, um espaço de luta e resistência da mulher no território do Recôncavo baiano.



EMPREENDEDORISMO FEMININO: SUGESTÕES DIALOGADAS

Esta seção traz sugestões dialogadas para o empreendedorismo feminino. Em pesquisa, o Sebrae (2020) aponta que durante a pandemia da COVID-19, houve um aumento do empreendedorismo feminino no Brasil, e que o grupo das mulheres foi o mais afetado pelo crescimento do desemprego devido à crise econômica causada nesse contexto. O órgão ainda registra: “a necessidade de uma fonte de renda é o principal motivo que as levou a empreender” (SEBRAE, 2020, p. 3). E4-Uva afirma: “ultimamente tem sido muito difícil para gente. [...] com essa pandemia o tanto de prejuízo, tá sendo difícil”.

Situações como coleta e descarte do lixo, melhorias na estrutura física da feira, padronização e ordenamento do trânsito, foram sugestões ouvidas e trazidas pelas mulheres feirantes: E1-Morango sugere: “botar contêiner em todos os pontos”, para que melhore a limpeza no local. E3-Maçã alerta: “aqui na feira a gente precisa muito de uma reforma”, quando aborda a necessidade de melhoria na estrutura física do galpão. E3-Ameixa também sugere: “mais segurança” e acrescenta: “melhorar o estacionamento para os clientes, a carga e descarga”.



Outras sugestões foram sinalizadas em diálogo com as mulheres feirantes, como: a importância de cadastramento como microempreendedor(a) individual (MEI), capacitações pelo Serviço Brasileiro de Apoio às micro e pequenas empresas (SEBRAE), bem como a implantação de rede de internet gratuita na feira livre.

As sugestões apontadas poderiam otimizar a atuação empreendedora das mulheres feirantes que atuam na feira livre de Santo Antônio de Jesus-BA

Melo Neto e Fróes (2002) explicam que ao empreender socialmente há geração de renda e emancipação social.

Para que isso se concretize, é fundamental uma escuta mais sensível das mulheres feirantes que atuam como empreendedoras no local.

Observação: Por questões éticas, foram utilizados pseudônimos de frutas para preservar a identidade das mulheres pesquisadas (2021).



REFLEXÕES FEMININAS

Esta seção traz reflexões voltadas para o gênero feminino. Na 1ª edição do Boletim Verde, apresenta-se a poesia intitulada "Sexo frágil":

Dizem que mulher é sexo frágil, esse ser que transpira pra viver
Trabalha, estuda, se vira pelo avesso para se despir dessa hipotética "fragilidade"
Essa heroína de todos os dias, se faz forte pra driblar imperfeições



Suas dores e dissabores, escondidos por traz de sorrisos disfarçados
Por dentro, seu elemento substancial é algo surpreendente
Por vezes incompreendido, esquecido

O segredo do seu labor diário muitas vezes solitário
Físico, mental, emocional.
Ela inspira proteção, amor e paixão
Ela tem o poder de criar, se reinventar; e de recomeçar
Mulher, você não é sexo frágil! Isso é o que tentaram te impor.

Você é resistente, persistente, resiliente.
Não desiste, você insiste! Não pra mostrar quem você é...
Mas para revelar a grandeza de se reerguer sozinha
De emergir muitas vezes sem vontade, em meio à adversidade

Quem me dera poder ver toda mulher compreender
O real sentido do seu ser.
Sexo frágil é o velho conto da carochinha...
Que inventaram pra tentar te esconder

Precisamos expor quem são essas "Marias e Marilenes"
Mães, meninas, mulheres cansadas dos seus múltiplos papéis
Que essa lembrança venha à tona: Vai lá mulher, você detona!

Você não se esconde.
Tem fragilidades, sim, porque: você é de verdade.
E essa é, na realidade, a sua maior qualidade.

(Mariana Coelho)

REFERÊNCIAS

LARAIA, R. B. Cultura um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MELO NETO, F. P.; FROES, C. Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável. 1. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

SANTOS, H.R. Sementes do tempo, colheitas da vida: cultura e trabalho defeirantes no Recôncavo Baiano - Santo Antônio de Jesus (1950-1970). Tese(doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programade Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2018.

SEBRAE, O impacto da pandemia de coronavírus nos Pequenos Negócios –3ª edição. Resultados por Sexo Pesquisa Online –de 30/04 a 05/05/2020. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Impacto-do-coronav%C3%ADrus-nas-MPE-3%C2%AAedicao_SEXO-2.pdf> Acesso em 29 ago. 2020.

Realização

Pesquisa aprovada sob Parecer do Comitê de Ética em pesquisa (CEP) nº 4.391.577/UNEB.

Autora: MARIANA AMADO ALVAREZ COELHO
Orientadora: Profa. Dra. Sandra Célia Coelho Gomes da Silva
Programa de Mestrado Profissional em Intervenção educativa e social - UNEB
Campus XI - Serrinha-Bahia
Linha de pesquisa Novos contextos de aprendizagem
Título da pesquisa:
MULHERES EMPREENDEDORAS SOCIAIS NO RECÔNCAVO BAIANO:
UMA PROPOSTA INTERVENTIVA

Endereço do Galpão de Hortifruti:
Centro - Feira Livre Municipal - Santo Antônio de Jesus - Bahia.





UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA



DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC CAMPUS XI

MESTRADO PROFISSIONAL EM INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL (MPIES)

APÊNDICE 05: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Conforme Resoluções n.º 466/12 e 510/16 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)

O presente termo em atendimento à Resolução 466/12, destina-se a esclarecer ao participante da pesquisa intitulada **MULHERES EMPREENDEDORAS SOCIAIS NUMA FEIRA LIVRE DO RECÔNCAVO BAIANO: UMA PROPOSTA INTERVENTIVA**, sob responsabilidade das pesquisadoras **Mariana Amado Alvarez Coelho**, administradora, aluna do Mestrado profissional em Intervenção educativa e social da Universidade do Estado da Bahia, Campus XI Serrinha Bahia, e **Sandra Célia C. G. da Silva**, Socióloga, Doutora em Ciências da Religião, professora do Mestrado profissional em Intervenção educativa e social da Universidade do Estado da Bahia, Campus XI Serrinha Bahia, de acordo com os seguintes aspectos:

Objetivos: Analisar e intervir nas propositivas advindas da realidade de mulheres empreendedoras sociais que atuam no ramo de trabalho de hortifrúti de uma feira livre no Recôncavo Baiano. Os objetivos secundários são: historicizar o território de identidade e a cultura local a partir da feira livre no contexto do Recôncavo Baiano; identificar o empreendedorismo social na perspectiva da identidade de gênero feminino; apresentar a realidade de mulheres empreendedoras no ramo do trabalho de hortifrúti da feira livre do Recôncavo Baiano, no município de Santo Antônio de Jesus – Bahia; construir uma propositiva de intervenção por meio de um Boletim Informativo Digital, após a percepção da realidade de mulheres empreendedoras no ramo do trabalho de hortifrúti na feira livre do Recôncavo Baiano, no município de Santo Antônio de Jesus – Bahia.

Metodologia: Essa será uma pesquisa de natureza aplicada, de abordagem qualitativa, com objetivo exploratório e descritivo, pois, objetiva narrar o fenômeno do

empreendedorismo social feminino na feira livre no ramo de trabalho de hortifrúti. O lócus da pesquisa será o território do Recôncavo Baiano, na cidade de Santo Antônio de Jesus, a 187 km de Salvador, com população estimada de 101.512 habitantes (IBGE, 2019), e a feira livre, local onde se dará a pesquisa de campo. A proposição da amostra será de 5 (cinco) mulheres, com faixa etária entre 25 a 55 anos (cujas identidades serão preservadas). Em relação aos tipos de procedimentos, será uma pesquisa bibliográfica e a revisão de literatura fundamenta as categorias de gênero (raça e classe), trabalho, feira livre, empreendedorismo social, cultura e território. A pesquisa documental será composta dos seguintes documentos que a priori utilizaremos: decretos municipais da prefeitura de Santo Antônio de Jesus, registros dos associados na Associação de ambulantes da Feira Livre de Santo Antônio de Jesus-Ba, pesquisas e documentos do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), resolução da OMS (Organização Mundial de Saúde), entre outros. Para coleta de dados da pesquisa de campo será utilizada a metodologia da história de vida. Os relatos das histórias de vida serão feitos por entrevistas em meio remoto com uso do aplicativo *WhatsApp* atendendo a recomendação da OMS e Resolução nº 1.423/2020 da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Conselho Universitário (CONSU) em função da pandemia da COVID-19, após uma Roda de conversa virtual momento 01, via plataforma virtual *teams* (UNEB), para exposição da proposta de construção do Boletim informativo digital (produto final da pesquisa do Mestrado em intervenção educativa e social – MPIES). A coleta das narrativas das mulheres feirantes participantes da pesquisa seguirá conforme proposta de roteiro da entrevista, agendadas individualmente com cada participante. Os seus nomes serão preservados com o uso de pseudônimo de frutas justificado pelo contexto da pesquisa. A pesquisa será também de intervenção pedagógica, e a intervenção proposta será feita via plataforma virtual *teams* (UNEB), através de roda de conversa virtual com apresentação da proposta do Boletim informativo digital (com atualizações anuais) que se constitui uma ferramenta para visibilidade às mulheres feirantes do ramo de hortifrúti da feira livre municipal de Santo Antônio de Jesus/Bahia.

Justificativa e Relevância: Por possuir formação em administração, constitui uma trajetória profissional vinculada à gestão e empreendedorismo. Ainda na graduação tive oportunidade de realizar trabalhos pela Empresa Júnior do curso, como pesquisas de mercado, inclusive para associações e pequenas empresas em Salvador – Bahia.

Com a experiência adquirida nesse processo, ingressei numa especialização (MBA) na área de gestão da qualidade e com uma sócia, começamos a empreender na prestação de serviços em gestão da qualidade, envolvendo palestras, treinamentos e capacitação de pessoas para micro e pequenas empresas em Salvador e algumas cidades do interior da Bahia. A experiência como empreendedora influenciou o ingresso como docente na área acadêmica no ano de 2007, quando fui residir na cidade de Santo Antônio de Jesus, depois da conclusão da pós-graduação. Na Instituição de Ensino Superior (IES) que atuo até os dias atuais, a FACEMP (Faculdade de Ciências e Empreendedorismo) leciono disciplinas vinculadas à gestão de pequenas empresas e empreendedorismo, no viés capitalista. Contudo, no ano de 2017 fui convidada pelo Colegiado do Curso de Administração para desenvolver um projeto com alunos do 7º semestre voltado para uma atividade interdisciplinar. Assim, criamos o Projeto “Plano de Melhorias na Feira Livre Municipal” cujo objetivo seria a construção de planos de melhorias, a fim de contribuir com a gestão de microempreendedores atuantes na feira livre de Santo Antônio de Jesus com outras disciplinas do semestre, como um projeto de intervenção social.

Diante de todas as áreas oportunizadas pela minha formação, surge um interesse em ampliar estudos, dentro da temática de empreendedorismo social. Nesse sentido nasce o interesse pelo Programa de Mestrado em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da UNEB (Universidade do Estado da Bahia), um desejo pessoal implicado com o profissional, pois, como docente, tenho o intuito de instrumentalizar-me na intervenção social como uma prática consciente e responsável. Também pelo fato de ser mulher, e já ter sido uma empreendedora, nasce o olhar para a feira livre com o objetivo de conhecer histórias de vida de mulheres feirantes, visando contribuir na sua consolidação como empreendedoras, através da proposição de um instrumento que viabilize a informação sobre a realidade do contexto empreendedor dessas mulheres, na feira livre municipal de Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo Baiano.

Participação: A participação consiste em uma atividade individual mediada via ferramenta remota - aplicativo *WhatsApp* que será gravada e posteriormente transcrita na íntegra para garantir a fidedignidade dos dados que logo após serão excluídos.

Desconfortos e riscos: No desenvolvimento da pesquisa poderão existir riscos que devem ser considerados. Um deles é a invasão de privacidade. Por isso, as

pesquisadas ao participarem da entrevista, ao responder a questões sensíveis, de ordem emocional, pode ocorrer a perda do autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos. Será garantido local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras. Caso seja identificado algum desconforto, será suspensa a entrevista imediatamente. Quanto aos riscos da roda de conversa, observa-se, contudo, limites da técnica, como em situações em que o pesquisador precisa que o participante compartilhe detalhes muito íntimos de sua vida, que os participantes não se sintam à vontade em relação a outros integrantes do grupo, ou que apresentem fortes discordâncias de opinião, ou, ainda, que sejam hostis entre si. Caso isso ocorra, a participante poderá se ausentar da sala assim que desejar. Assim também será garantido o seu direito de não se manifestar durante o encontro, caso não se sinta à vontade para falar. É garantido que o estudo seja suspenso imediatamente ao perceber algum risco ou danos à saúde da participante da pesquisa, não previsto no termo de consentimento. Também, assegurar a inexistência de conflito de interesses entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Caso persista, a participante será encaminhada à assistência psicológica da Universidade do Estado da Bahia. Por fim, garantir que os dados obtidos na pesquisa serão utilizados exclusivamente para a finalidade prevista no seu protocolo e conforme acordado no TCLE.

Confidencialidade do estudo: a participante terá sua identidade preservada. Os registros dos seus dados permanecerão confidenciais e será garantido o seu anonimato durante todas as fases da pesquisa, sendo sua identidade preservada inclusive durante a descrição dos resultados e nas publicações do estudo, como também no relatório da pesquisa.

Benefícios: São benefícios propostos para essa pesquisa, a propositiva de intervenção através de rodas de conversas virtuais e a construção de um produto de pesquisa, o Boletim informativo digital que se constitui numa ferramenta para visibilidade e acesso à informação de mulheres feirantes do ramo de hortifrúti associadas na feira livre de Santo Antônio de Jesus/Bahia. Esse Boletim terá atualizações anuais, e o primeiro volume será elaborado ao término da pesquisa. Também se constitui como benefício da pesquisa a produção e publicação de artigos científicos em periódicos da área.

Dano advindo da pesquisa: por se tratar de uma atividade mediada individualmente onde as informações e dados das participantes não serão revelados para terceiros, são mínimos os danos que esse estudo pode ocasionar, mas caso traga algum desconforto psicológico, a participante terá toda assistência sem ônus, e será providenciada pelas pesquisadoras.

Garantia de esclarecimento: garantimos dar os esclarecimentos adicionais as participantes da pesquisa em qualquer momento da pesquisa.

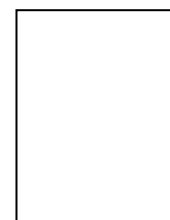
Participação Voluntária: a participação na pesquisa é voluntária e livre de qualquer forma de remuneração ou bonificação, podendo retirar seu consentimento em participar da pesquisa a qualquer momento sem que isso cause prejuízos para a pesquisa.

Consentimento para participação

Eu estou de acordo com a participação no estudo descrito acima. Fui devidamente esclarecida quanto os objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido e os possíveis riscos envolvidos na minha participação. As pesquisadoras me garantiram disponibilizar qualquer esclarecimento adicional que eu venha solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que a minha desistência implique em qualquer prejuízo à minha pessoa ou à minha família, sendo garantido anonimato e o sigilo dos dados referentes a minha identificação, bem como de que a minha participação neste estudo não me trará nenhum benefício econômico. Sendo assim, eu,

_____, aceito livremente participar do estudo intitulado **“MULHERES EMPREENDEDORAS SOCIAIS NUMA FEIRA LIVRE DO RECÔNCAVO BAIANO: UMA PROPOSTA INTERVENTIVA”** desenvolvido pelas pesquisadoras **Mariana Amado Alvarez Coelho**, orientado pela Professora **Sandra Célia Coelho Gomes da Silva**, do **Mestrado profissional em intervenção educativa e social, Campus XI- Serrinha, da Universidade Estadual da Bahia (UNEB)**.

Nome da Participante _____



Polegar

COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Todas as questões acima citadas foram discutidas com cada participante do estudo. Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos participantes desta pesquisa. As informações, dados coletados e disponibilizados para a pesquisa serão acessados exclusivamente pelos pesquisadores do projeto. A

gravação em áudio após transcrição das falas serão excluídas. Este projeto encaminhado para o Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia, cadastrado na Plataforma Brasil e a pesquisa tem início somente após parecer de aprovação do mesmo.

Serrinha Ba, _____ de _____ de _____

Sandra Célia C. G. da Silva – Pesquisadora orientadora

Mariana Amado Alvarez Coelho – Pesquisadora aluna

Para maiores informações, pode entrar em contato com:

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

Endereço: Rua Santa Catarina, nº 1104, bairro Bela Vista, Guanambi - Bahia. CEP: 46.430-000 **Telefone:** (77) 99135-2732 **E-mail:** scsilva@uneb.br

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Avenida Engenheiro Oscar Pontes, s/n, antigo prédio da Petrobrás, 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador-BA. CEP: 40.460-120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393, ramal 250, **E-mail:** cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEP/510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF



ANEXO A: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MULHERES EMPREENDEDORAS SOCIAIS NUMA FEIRA LIVRE DO RECÔNCAVO

BAIANO: UMA PROPOSTA INTERVENTIVA

Pesquisador: MARIANA AMADO ALVAREZ
COELHO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 39799220.9.0000.0057

Instituição Proponente: Departamento de Educação - Campus XI/UNEB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.391.577

Apresentação do Projeto:

O projeto é vinculado ao Mestrado de Intervenção Educativa e Social da Universidade do Estado da Bahia, em Serrinha/Bahia. O presente estudo está estruturado para responder à questão de pesquisa: quais as propositivas de intervenção diante da realidade de mulheres feirantes no ramo de trabalho de hortifruti da feira livre no Recôncavo Baiano para desenvolver o empreendedorismo social? Serão selecionadas mulheres associadas que trabalham na venda de produtos do ramo de hortifruti na feira livre de Santo Antônio de Jesus/Bahia. A amostra será de 5 (cinco) mulheres, escolhidas por atuarem no ramo do trabalho de hortifruti, com faixa etária entre 25 a 55 anos. Serão selecionadas mulheres que possuem acesso à tecnologia da informação, afim de facilitar o processo de entrevista em meio a pandemia da

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



COVID-19. Esta é uma pesquisa aplicada de abordagem qualitativa e de cunho exploratório, descritivo de um fenômeno (o empreendedorismo social feminino na feira livre). Constituída por pesquisa bibliográfica, documental e de campo. O método escolhido para pesquisa de campo será a história de vida dentro da abordagem qualitativa, e os instrumentos para coleta de dados utilizados visando a compreensão particular do fenômeno a ser pesquisado serão entrevistas semiestruturadas aplicadas em meio remoto (via WhatsApp). Para análise dos dados, utilizar-se-á a técnica de análise do sujeito coletivo, afim de facilitar a interpretação dos mesmos. É uma pesquisa de intervenção pedagógica, e a intervenção proposta será feita via plataforma virtual teams (UNEB), por meio de rodas de conversas virtuais, com exposição dialogada da proposta e do produto final da pesquisa, o Boletim informativo digital que se constitui uma ferramenta para visibilidade às mulheres feirantes do ramo de hortifruti na feira livre municipal de Santo Antônio de Jesus/Bahia".

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar e intervir nas propositivas advindas da realidade de mulheres empreendedoras sociais que atuam no ramo de trabalho de hortifruti da feira livre no Recôncavo Baiano.

Objetivo Secundário:

Historicizar o território de identidade e a cultura local a partir da feira livre no contexto do Recôncavo Baiano;

Identificar o empreendedorismo social na perspectiva da identidade de gênero feminino;

Apresentar a realidade de mulheres empreendedoras no ramo do trabalho de hortifruti da feira livre do Recôncavo Baiano, no município de Santo Antônio de Jesus/Bahia;

Construir uma propositiva de intervenção por meio de um Boletim Informativo Digital, após a percepção da realidade mulheres empreendedoras no ramo do trabalho de hortifruti da feira livre do Recôncavo Baiano, no município de Santo Antônio de Jesus/Bahia.

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e Benefícios informados conforme orienta a Resolução nº 466/12.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e exequível.

A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na perspectiva da normativa temos alguns pontos para ajustes dos termos e declarações do referido protocolo, conforme segue:

1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: Consta no protocolo em conformidade;

2 – Termo de confidencialidade: Em conformidade;

3 – A autorização institucional da proponente: Encontra-se adequada;

4 – A autorização da instituição coparticipante: Em conformidade;

5 - Folha de rosto: Em conformidade;

6 – TCLE: Em conformidade;

7 - Termo de Concessão: Dispensado devido as informações estarem solicitadas no TCLE;

8 - Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos: Em conformidade;

9 – Declaração de concordância com a execução do projeto de pesquisa: Em conformidade.

Recomendações:

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final.

Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.39799220.9.0000.0057

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1655835.pdf	03/11/2020 12:37:44		Aceito

Página 03 de

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	APENDICE04TCLE.pdf	03/11/2020 12:31:25	MARIANA AMADO ALVAREZ COELHO	Aceito
Declaração de concordância	Declaracaodeconcordanciacomodesenvolvimentodoprojetodepesquisaassinado.pdf	03/11/2020 12:18:55	MARIANA AMADO ALVAREZ COELHO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMODECONFIDENCIALIDADEassinado.pdf	30/10/2020 11:31:23	MARIANA AMADO ALVAREZ COELHO	Aceito
Outros	TERMODECOMPROMISSOPARACOLETADADODOSEMARQUIVOS.pdf	30/10/2020 11:28:24	MARIANA AMADO ALVAREZ COELHO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMODECOMPROMISSODOPEQUISADORRESPONSABLEassinado.pdf	30/10/2020 11:27:19	MARIANA AMADO ALVAREZ COELHO	Aceito
Outros	TERMODEAUTORIZACAODACOPARTICIPANTEassinado.pdf	30/10/2020 11:26:26	MARIANA AMADO ALVAREZ COELHO	Aceito
Outros	TERMODEAUTORIZACAONALDAPROPONENTE.pdf	30/10/2020 11:25:33	MARIANA AMADO ALVAREZ COELHO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoMPIES291020FINAL.pdf	30/10/2020 11:24:13	MARIANA AMADO ALVAREZ COELHO	Aceito
Outros	APENDICE05TERMODEAUTORIZACAOUSODEDEPOIMENTOS.pdf	30/10/2020 11:22:52	MARIANA AMADO ALVAREZ COELHO	Aceito

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Outros	APENDICE03ROTEIRODARODADECONVERSAVIRTUALMOMENTO02.pdf	30/10/2020 11:17:49	MARIANA AMADO ALVAREZ COELHO	Aceito
Outros	APENDICE02ROTEIRODAENTREVISTA.pdf	30/10/2020 11:17:27	MARIANA AMADO ALVAREZ COELHO	Aceito
Outros	APENDICE01ROTEIORODADECONVERSAVIRTUALMOMENTO01.pdf	30/10/2020 11:16:58	MARIANA AMADO ALVAREZ COELHO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTOPARAPESQUISAMarianaCoelho.pdf	30/10/2020 11:12:29	MARIANA AMADO ALVAREZ COELHO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 11 de Novembro de 2020

Assinado por:

Aderval Nascimento Brito

(Coordenador(a))

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA


Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br

ANEXO B: REGISTRO DE MARCA NO INSTITUTO NACIONAL DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL

BRASIL	Acesso à informação	Participe	Serviços	Legislação	Canais		
Instituto Nacional da Propriedade Industrial Ministério da Economia							
Consulta à Base de Dados do INPI							
» Consultar por: No.Processo Marca Titular Cód. Figura]					[Início Ajuda?] 1/0		
Marca							
Nº do Processo:	924358424						
Marca:	Boletim Verde Informativo Digital						
Situação:	Aguardando prazo de apresentação de oposição						
Apresentação:	Mista						
Natureza:	Produtos e/ou Serviço						
Meus Pedidos <input checked="" type="checkbox"/>							
 Boletim Verde Informativo Digital							
Classificação de Produtos / Serviços							
Classe de Nice	Situação da Classe	Especificação					
NCL(11) 38	Vide Situação do Processo	Agência de notícias/jornalismo [transmissão/difusão de infor...					
Classificação Internacional de Viena							
Edição	Código	Descrição					
4	5.7.15	Pêras					
4	5.7.11	Laranjas, tangerinas, toranjas					
Titulares							
Nome							
Titular(1):	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA						
Representante Legal							
Nome							
Procurador:	NÃO DEFINIDO						
Datas							
Data de Depósito		Data de Concessão		Data de Vigência ?			
22/09/2021							
Petições ?							
Pgo	Protocolo	Data	Img	Serviço	Cliente	Delivery	Data
✓	850210410747	22/09/2021		389	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA		-
Publicações ?							
RPI	Data RPI	Despacho	Certificado	Inteiro Teor	Complemento do Despacho		
2649	13/10/2021	Publicação de pedido de registro para oposição (exame formal concluído)	-	-	Detalhes do despacho: Realizada a alteração do elemento nominativo de acordo com a imagem da marca anexada ao formulário, conforme descrito no item 4.2.4 do Manual de Marcas e na Nota Técnica CPAPD 02-2019.		
Dados atualizados até 03/11/2021 - Nº da Revista: 2652							
Rua Mayrink Veiga, 9 - Centro - RJ - CEP: 20090-910				